



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela



www.verdade.co.mz • siga-nos no twitter.com/verdademz

Sexta-Feira 09 de Setembro de 2011 • Venda Proibida • Edição Nº 152 • Ano 3 • Director: Erik Charas

facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Mais de 60.820 pessoas morreram, em Moçambique, de 2007 a 2010, vítimas de acidentes de viação que colocam o país na nona posição no mundo em termos de óbitos registados

Terça-feira às 22:17 • **Gosto**
Dalvio Machava gosta disto.



Miguel De Sá Sotomaior
Por favor, há que melhorar isso, e muito. Terça-feira às 22:25



Dercio Inacio O pior é que talvez a maioria dos vítimas são jovens. Terça-feira às 22:34



Dalvio Machava valeu, tamos no topo! Ontem às 0:14 • **Gosto** • 1 pessoa



Helder Martins É isso. Se fossem idosos, já seria melhor!!! Se esquece que um povo sem idosos, é um povo sem memória. E um povo sem memória é???..... Sim, isso mesmo, sem futuro!!!! Ontem às 0:21 • **Gosto** • 1 pessoa



Hugo Costa Com um bocadinho de esforço tenho a certeza que vamos conseguir chegar ao 1º lugar... ou pelo menos ao 2º lugar! O governo e a PRM/Brigada de Trânsito têm feito a sua parte para contribuir para a nossa subida no ranking mundial fazendo de conta que não vêem o retorno ao transporte de pessoas em "chapas" de caixa aberta e aceitando subornos para que motoristas de chapa sem carta de condução continuem a operar!! Ontem às 0:23 • **Gosto** • 2 pessoas



Helder Martins E o excesso de "auto-estima" ao volante, que no embriaga. Com as naturais excepções, cada condutor moçambicano é um Fângio!!! Ontem às 1:17



Ibrahimo Jane Ixo ta acontecer pk hj temos mtos carros em mocambique, e poucas estradas em boas condicoes, e tambem falta de reciclagem dos motoristas, alcool, a pressa e o excesso de velocidade na estrada nao combinaom há 19 horas



Rose Costa Pudera?! Já reparam que avenidas com "tapete negro" (= a asfalto em condições e bem liso, sem buracos) cá em Maputo é sinónimo de pista de corrida? Em alta velocidade, chiando pneus e dando cavalos- de-pau - bem na cara da esquadra. Alguém os pára e tira-lhes a carta? Não! Dizem que são "meninos ricos" e podem tudo, inclusivé "estropiar" pessoas e os carros dos outros. há 17 horas • **Gosto** • 1 pessoa



Henrique Chissungu Iso pork o nosso governo dxou o mercado de caixões des 2000 até hoj kantas já moreram? pork elx andam d carros de luxo e os emocionados d carros vindo d Dubai alegando k tem con4rto enkanto é uma mina. há 16 horas



Fórum Maputo A
Av. Frederic Engels é um bom exemplo de como tudo funciona ao contrário. Uma bela avenida, convidativa ao passeio a pé ou de bicicleta, é invadida por putos com dinheiro mas sem educação e civismo a puxarem pelos carros, a beberem que nem loucos, a deixarem o lixo no chão. Tudo nas barbas de uma esquadra da PRM, que nem exerce a sua autoridade e faz cumprir as leis. Talvez seja mais importante assegurar que tudo está tranquilo numas ruas ali ao lado. há 12 horas

Manica
@Verdade
é distribuído nas Províncias de
Patrocínio Grupo Mafuia
Apoio Conselho Empresarial de Manica (CEP)



Matadouro: Cruel destino... o de ser animal



Atletas de luxo para uma organização MISERÁVEL

X JOGOS AFRICANOS 15/16/17/18



Vida abreviada

NACIONAL

02



Viver do que a terra dá

ECONOMIA

11

Maputo	Sexta 09	Sábado 10	Domingo 11	Segunda 12	Terça 13
	 Máxima 36°C Mínima 18°C	 Máxima 34°C Mínima 19°C	 Máxima 29°C Mínima 17°C	 Máxima 32°C Mínima 17°C	 Máxima 34°C Mínima 21°C

Ancha: Uma vida abreviada

Ancha, uma menina de seis anos de idade, foi violada sexualmente até à morte, na noite de domingo (28 de Agosto), por um indivíduo desconhecido e ainda a monte. A menor apresentava ferimentos nos órgãos genitais e no crânio.

Texto: Redacção • Foto: Família da vítima



O dia 28 de Agosto último, na casa dos Mungoi, no bairro da Machava Km 15, no município da Matola, o ambiente era de festa: dezenas de pessoas animadas, crianças a correrem de um lado para outro e música em som alto. Celebrava-se a união matrimonial de um dos membros da família.

Naquela noite de domingo, a pequena Ancha Fabião Mungoi brincava com outras da sua idade no quintal da sua casa. A menina, de pais separados, vivia com o seu progenitor, Fabião Mungoi, e a sua madrasta.

Entusiasmados por um dos momentos mais importantes da vida, ninguém se preocupava com o movimento desusado registado naquele dia, até porque (quase) todos os convidados eram pessoas conhecidas.

Instantes depois, na lógica da sabedoria ancestral segundo a qual “alegria de pobre dura pouco”, o que deveria ser um dia de festa transformou-se num pesadelo. A menina de seis anos de idade desaparecera. “Onde está a Ancha?”, esta era a pergunta que mais se ouvia. A preocupação da família crescia à mesma velocidade da passagem do tempo.

Quando o relógio marcava 20h00, o desespero abalou a família. O pai da menina, os convidados da festa e os vizinhos começaram a encetar marchas e contactos para localizá-la. Todos os esforços fracassaram e os ânimos do casamento ficaram todos resfriados.

“Onde está a Ancha?”, uma pergunta que ninguém era capaz de responder. A única coisa que se sabia, segundo as amigas da miúda, é: por volta das 18h00, um jovem aparentemente vendedor ambulante de CD’s e DVD’s aproximou-se de um grupo de crianças e pediu para que lhe indicassem a casa de uma senhora de nome Isabel.

Na sua gentileza de menina, Ancha

prontificou-se, longe de imaginar quão trágico seria o seu fim. Mas não foi sozinha. Outros petizes seguiram-na. Depois de percorridos 100 metros, o raptor mandou voltar as outras menores, e estas, sem questionarem e tão-pouco desconfiarem das intenções do jovem, obedeceram.

Durante aquela noite de domingo, os mais optimistas chegavam a avançar que a rapariga teria saído a bordo de uma das viaturas pertencentes a um dos familiares, que se encontravam na rua. Apesar dessa hipótese, a aflição continuava em lume brando.

A cada minuto intensificava-se a apreensão. A polícia e as autoridades do bairro receberam a sinistra notícia. Os dias seguintes da família Mungoi não foram os mesmos de outrora. Durante a noite, ninguém conseguia conciliar o sono.

Na segunda-feira (29), as incursões e contactos continuavam a ser efectuados, mas sem grandes novidades. Sem esperança, o pai de Ancha, Fabião Mungoi, decidiu comunicar à mãe da criança o seu desaparecimento. De nome Teresa, a mãe da pequena perdeu o chão e caiu em pranto. Nada a consolava. “Quero a minha filha”, berrava.

Naquela segunda-feira, Fabião não foi ao trabalho. Até porque não havia condições para tal. O dia terminou sem um vestígio sobre o paradeiro da menina. No dia seguinte, terça-feira, foi descoberto o corpo da criança sem vida (com ferimentos nos órgãos genitais e no crânio) numa das casas em construção na vizinhança, no quarteirão 4, a sensivelmente 200 metros da casa da família Mungoi. Ninguém conseguiu conter as lágrimas. E outros não acreditavam no que viam.

Mas não havia dúvida: era a pequena Ancha, agora sem vida.

Pedreiro descobre o corpo

O corpo já sem vida foi descoberto pelo jovem pedreiro Gervásio Chis-saque. O facto deu-se quando se preparava para mais uma jornada laboral na obra onde supostamente a menor foi violada até a morte. “Eu cheguei na obra por volta das 8h00, quando entrei vi na zona frontal umas pegadas. Contudo, prossegui.

Entrei pelos compartimentos da obra e, num dos quartos, vi estatelado um corpo de uma criança que não trazia roupa, apenas um bloco de tamanho 12 (material de construção) estava por cima, tapando a zona genital”, conta.

Quando o jovem pedreiro retirou o objecto, percebeu que a rapariga foi vítima de abuso sexual e agressões físicas. “Depois de ter visto o corpo, alertei a vizinhança que imediatamente veio ver a situação. Todos estavam preocupados, mas foram poucas as pessoas que tiveram a coragem de ver o corpo da menor sem vida”, diz.

Uma polícia incapaz

Mal foi descoberto o corpo, as autoridades policiais e do bairro foram informados da situação. A polícia da esquadra local contactou os agentes da Polícia de Investigação Criminal no Comando Provincial da PRM. E verificou-se o esperado: a brigada policial não podia deslocar-se ao local do assassinato para fazer as diligências por falta de viatura para o efeito.

“Tivemos de levar o nosso carro particular para ir buscar a brigada da PIC. Chegados lá, não os encontramos porque se tinham deslocado à esquadra da Machava à procura de uma viatura. Saímos do Comando Provincial e fomos atrás deles”, contam os familiares da vítima.

O corpo foi descoberto às 8h00, mas

só foi levado à morgue por volta das 15h00. A demora deveu-se sobretudo à morosidade da brigada da PIC.

Autoridades locais preocupadas com a criminalidade

O chefe das 10 casas do quarteirão 4, onde está localizada a obra que foi palco de estupro, Rogério Alberto Uamba disse que ficou bastante surpreendido quando um dos vizinhos lhe contactou telefonicamente a comunicar o sucedido.

“Este é o primeiro caso do género a acontecer neste bairro. Os crimes que se registam com frequência nesta zona estão relacionados com assaltos e invasões a residências, assaltos na via pública, na calada da noite, sobretudo a partir das 22 horas”, afirmou.

Uamba disse que há poucos meses havia um grupo denominado sete catanas que aterrorizava os moradores. “Éramos obrigados a recolher muito cedo e andar à noite representava um grande perigo neste bairro. Para contornar a situação, pedimos apoio às autoridades policiais para fazerem patrulhas.

Felizmente, o nosso pedido foi aceite, mas para nossa infelicidade os agentes que garantem ou que pelo menos deviam garantir a ordem e tranquilidade pública, desapareceram sem deixar rasto”, disse.

Dormir de olhos abertos

Aurélio Langa, morador no quarteirão 4, disse que nos últimos dias tem vindo a reduzir o índice de criminalidade no bairro Machava Km 15.

“Há dois meses, era um grande risco circular à calada da noite, pois esse período era preferido pelos malfeitores para protagonizarem os seus actos criminais. Nós não conseguíamos apanhar sono, à noite ouvíamos sempre gritos de pessoas interpeladas pelos larápios que levavam tudo e mais alguma coisa, aliás, se a vítima tentasse resistir era motivo para espancamentos”, conta e acrescenta: “há um mês, indivíduos desconhecidos irromperam por uma casa à noite e violaram sexualmente a uma senhora e as suas duas filhas. Este acto leva a crer que a violação sexual tem sido o modus operandi dos malfeitores, que é praticada

sem dó nem piedade”.

Para Fernando Cuambe, do quarteirão 3, a situação criminal é um dos grandes problemas que os moradores do Km 15 enfrentam.

“Quando vimos que a criminalidade estava a tomar de assalto o nosso bairro, pedimos apoio às autoridades policiais, de facto eles vieram patrulhar nas noites, mas como foi para ‘enganar o inglês’, depois sumiram, os motivos ainda são desconhecidos, mas uma coisa é verdade, a criminalidade está à solta no bairro”, desabafa.

Os moradores contam que há poucos meses havia um grupo de malfeitores que, empunhando catanas, ameaçava a população e impunha uma espécie de recolher obrigatório, onde a partir das 22h00 ninguém podia circular sob o risco de ser interceptado pelos malfeitores.

Naquele quarteirão, há duas semanas, larápios introduziram-se em plena noite numa casa vizinha e apoderaram-se de diversos bens materiais. A falta de iluminação pública nas ruas tem sido um dos factores que abre espaço de manobras para os criminosos que se socorrem da escuridão para lograr os seus intentos maliciosos.

“A minha casa ficou um mau vestígio”

Milagre Agostinho é o dono da obra onde a menor foi violada sexualmente até à morte. A casa em construção já tem um mau vestígio, o que pode sobremaneira não deixar sossegada a família que a qualquer altura estará a viver na mesma.

“É de facto um pesadelo. Na verdade, a minha casa ficou com um mau vestígio, a vida perdida num dos apartamentos da obra poderá provocar traumas não só à minha família, como aos familiares da malograda e até a tantos outros”, diz para depois acrescentar que o que mais o espanta é a coragem que o tal indivíduo teve para violar sexualmente uma criança de seis anos de idade até à morte.

“Uma pessoa consciente não pode fazer isso, sinto muito. Não tenho muitas palavras a dizer, a verdade é que o mundo em que vivemos hoje é injusto e está virado de pernas para o ar”, lamenta.



Um incêndio deflagrou ao meio da manhã de terça-feira no edifício do Instituto Nacional de Acção Social (INAS), na cidade de Pemba, província de Cabo Delgado, tendo devorado de forma severa um dos quartos do apartamento onde reside o delegado local daquela instituição adstrita ao Ministério da Mulher e Acção Social.

NACIONAL

COMENTE POR SMS 821115

Acesso aos edifícios continua difícil para os deficientes

Texto: **Telma Isac** • Foto: **Miguel Manguze**

A dificuldade de acesso a alguns edifícios públicos continua a ser um dos principais problemas para pessoas portadoras de deficiência física em Moçambique e na cidade de Maputo, em particular, embora exista uma lei que lhes garante o direito de terem as condições adequadas de circulação nesses locais.

De acordo com o Decreto nº53/2008 de 28 de Outubro, aprovado pelo Conselho de Ministros, "cabe à Inspecção Geral das Obras Públicas fiscalizar a construção de qualquer meio que possa garantir uma maior acessibilidade, na rua e em qualquer edifício considerado público".

A norma surgiu em resposta às exigências deste grupo social e, desde então, começaram a ser construídas rampas nalguns edifícios - novos e antigos - da cidade de Maputo como forma de garantir uma maior mobilidade de deficientes físicos nesses locais.

Contudo, a maioria das rampas são inadequadas, principalmente para aqueles que usam a cadeira de rodas. Segundo Fátima Gulamo, presidente da Associação dos Deficientes de Moçambique (ADEMO), um número considerável de rampas existentes nos edifícios possui imperfeições, isto porque durante a sua construção não foram observados os padrões internacionais estabelecidos para o efeito. Um dos defeitos constatados tem a ver com a altura, que é geralmente muito acima do normal, e superfície escorregadia, factores que colocam em risco a segurança de quem as usa.

Em Moçambique, estima-se que mais de 6% da população possui algum tipo de deficiência, fazendo parte deste grupo os portadores de deficiência física, auditiva, visual, entre outras. O problema de acessibilidade compromete, principalmente, a vida dos deficientes físicos que, muitas vezes, se vêem privados de resolver as mais diversas situações do dia-a-dia.

dam a ultrapassar as limitações físicas, permitindo que as pessoas com a mobilidade condicionada tenham acesso a instituições públicas e não só.

As dificuldades existem também nos meios de transporte

O problema de acessibilidade não se limitam apenas aos edifícios, estendem-se também aos transportes. Nos últimos meses o país recebeu um grande número de autocarros, com vista ao reforço da frota de transportes públicos. Mas, segundo as associações defensoras dos direitos da pessoa portadora de deficiência, nenhum destes autocarros está adaptado para ser usado por pessoas com limitações físicas, sendo que muitos são obrigados a viajar em condições difíceis e, diga-se, improvisadas.



Ser deficiente em Moçambique

Garrido Cuambe, de 31 anos

Possui deficiência motora e usa uma cadeira de rodas para se movimentar. Diz ter passado por várias situações humilhantes e de discriminação, sendo que a mais difícil delas aconteceu na Escola Secundária Josina Machel, na cidade de Maputo, onde foi obrigado a interromper os estudos porque a sua turma estava no segundo piso.

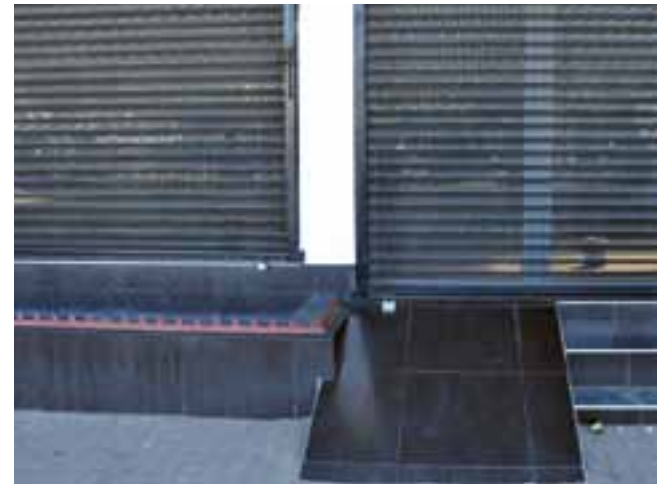
Dada a sua condição, embora possuísse uma cadeira de rodas, Garrido dependia da "boa vontade" dos colegas para chegar à sala de aulas. Estes carregavam-no na cadeira de rodas, algo que colocava em risco a sua vida assim como a dos colegas, para além dos actos de discriminação a que estava sujeito.

Mas, quando chegava à escola nem sempre os colegas se colocavam à disposição para o ajudar. "Às vezes, quando me viam, desapareciam e por fim aparecia alguém de boa vontade", conta.

A situação de Garrido chegou ao conhecimento da direcção da es-

Também contou que, na altura em que estudava, se dirigiu à Biblioteca Nacional para consultar algumas obras e, como não conseguiu entrar no local porque não havia rampas, teve que ficar do lado exterior do edifício à espera que um dos funcionários lhe trouxesse a obra que queria. "Isso não só acontecia comigo, os outros deficientes também passavam pelas mesmas situações".

Outro problema por que Garrido passa está relacionado com o acesso aos transportes públicos. "Não tem sido fácil viajar nos autocarros da empresa Transportes Públicos assim como em outro qualquer.



embarços por que passa no seu dia-a-dia, Sérgio conta que um dia passou pelo Instituto Nacional de Viação (INAV), na Av. 25 de Setembro, e teve de fazer o sacrifício de usar as escadas porque a rampa ali existente não facilita a vida dos deficientes físicos. "A rampa ali construída é pequena, alta demais e tem o chão escorregadio, daí que uma pessoa sozinha numa cadeira de rodas não pode conseguir passar", disse.

Embora não use uma cadeira de rodas, Sérgio afirma que se a rampa estivesse em condições adequadas teria levado menos tempo e feito menos esforço para entrar no edifício.

Acrescentou que já se dirigiu a locais onde existe uma rampa apenas na entrada do edifício, sem outro meio no interior para se chegar a outros degraus do edifício. Uma das más experiências pelas quais teve de passar aconteceu quando se dirigiu a uma agência de viagens.

"Dessa vez até consegui entrar no edifício onde funcionava a agência, uma vez que existia uma rampa logo na entrada. Mas a situação ficou complicada já no interior, pois os escritórios estavam no primeiro piso. Só podia chegar lá através das escadas uma vez que não tinha elevador, e, devido à minha condição, não foi possível. Alguém desceu e deu-me o número para o qual devia ligar para obter a informação que desejava na agência. É triste", desabafa.

Para Sérgio, os problemas da acessibilidade verificam-se também na rua. "As passarelas não estão a ser adaptadas para a pessoa portadora de deficiência. Por exemplo, nos locais onde existe a tinta branca deviam existir ondas para orientar os cegos", alerta.

"Alguns passeios não possuem condições para uma boa circulação de pessoas que usam a cadeira de rodas. Existem muitos buracos e faltam rampas, o que obriga os deficientes a usarem as estradas".

A lei moçambicana é inclusiva(?)

Para garantir uma maior inclusão social, o Conselho de Ministros aprovou, a 28 de Outubro, o Regulamento de Construção e Manutenção dos Dispositivos Técnicos de Acessibilidade, Circulação e Utilização dos Sistemas dos Serviços Públicos à pessoa portadora de deficiência ou de mobilidade condicionada, especificações técnicas e o uso do Símbolo Internacional de Acesso.

Através deste instrumento, é considerada obrigatória a construção de meios que possam permitir que as pessoas portadoras de deficiência tenham um fácil acesso aos edifícios públicos e não só. Para a resolução do problema de acessibilidade, o regulamento dá relevância à construção de rampas em edifícios públicos já existentes, nos que estão em construção e nos projectos de construção ainda não executados.

A medida também se estende a locais que são normalmente de uso público como é o caso de escolas, hospitais, estabelecimentos comerciais e de telecomunicações, bancos e as respectivas caixas de ATM.

Regras para a construção de uma rampa

O regulamento estabelece regras internacionalmente padronizadas para a construção de rampas, devendo ter, no mínimo, 1,50m de largura, uma inclinação máxima de 6% e extensão máxima de um só lanço de 6m.

A cada lanço deve seguir um patamar de nível de descanso com a mesma largura da rampa e um comprimento mínimo de 1,50m. Ainda de acordo com o regulamento, os dois lados da rampa devem possuir um corrimão, para que as pessoas se possam apoiar, a uma altura respectivamente de 0,90m e 0,75m da superfície da rampa. Mas quando se trata de situações em que a parte inferior da rampa é de 0,40m pode-se dispensar o uso de corrimões.

Quanto à textura do chão ou superfície da rampa, o regulamento aconselha o uso de material que proporcione uma boa aderência em detrimento daquele que pode torná-la escorregadia.

Através deste regulamento, Moçambique aderiu ao uso do Símbolo Internacional de Acesso, caracterizado por um quadro azul contendo a figura branca de uma pessoa sentada numa cadeira de rodas em direcção à esquerda.

A 27 de Outubro do ano passado, Moçambique ratificou a Convenção dos Direitos Específicos da Pessoa com Deficiência. A finalidade deste dispositivo das Nações Unidas é garantir a protecção, bem como o cumprimento pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais da pessoa com deficiência. Igualmente constitui objectivo da convenção promover o respeito e a dignidade da pessoa portadora de deficiência.

Publicidade

Pick n Pay

OFERTA DE
Final de Semana

PRODUTOS FRESCOS A PREÇOS BAIXOS

99Mt
Cada

Frango 1,1Kg

Preços Válidos até 11 de Setembro de 2011
AVENIDA DE ANGOLA 1745. TEL: 21468600
Quantidades Limitadas. Enquanto houver stock disponível.
Inscrição e venda a retalhistas. T.E.C.F.

Água é um bem precioso, utilize-a sabiamente. Ajude a nossa planeta, Recicle.

cola quando este fez um pedido de transferência da turma em que estava, para o rés-do-chão, algo que acabou por não acontecer. Cansado de ser humilhado e discriminado, Garrido, que fazia a secção de ciências com desenho, desistiu dos estudos. Foi nessa fase que sentiu que a (sua) Cidade das Acácias não possuía condições para si e para muitos deficientes físicos.

O tempo ajudou-o a superar essa fase difícil e constrangedora por que teve de passar. Hoje, Garrido encontrou uma forma de ajudar os outros - iguais a si - a ocupar um lugar (merecido) na sociedade: trabalha numa associação de defesa dos direitos da pessoa portadora de deficiência.

Devido à falta de rampas, não raras vezes é carregado na sua cadeira de rodas para poder aceder a um edifício. "Eu não gosto de passar por isso e sempre digo: a próxima vez que voltar aqui gostaria de encontrar uma rampa", disse.

Sou obrigado a sair da cadeira de rodas e "gatinhar" em direcção aos degraus do automóvel. Devido a essa ginástica, saio de casa limpo e chego ao destino sempre de outra forma. Já estou acostumado a andar sujo", confessa.

"Penso que deviam existir transportes públicos adequados a pessoas que usam carrinhas de rodas. No interior do autocarro, sento-me no chão, enquanto a cadeira permanece fechada e comprimida", acrescentou.

Sem generalizar, Garrido diz que "nem sempre os autocarros param quando percebem que estou na paragem. Quando o fazem, é a alguns metros de distância".

Sérgio Guivala

Usa uma prótese porque sofreu uma amputação no membro superior esquerdo. Locomove-se com recurso a uma muleta, mas com dificuldades. Em relação aos



A construção de rampas e a existência de elevadores - funcionais - são algumas condições queaju-

As escadas eram o único meio para lá chegar.

Beira	Sexta 09	Máxima 26°C Mínima 19°C	Sábado 10	Máxima 26°C Mínima 19°C	Domingo 11	Máxima 27°C Mínima 21°C	Segunda 12	Máxima 27°C Mínima 21°C	Terça 13	Máxima 30°C Mínima 20°C

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Bom dia,

Venho através desta pedir esclarecimento acerca de valores que são cobrados pelo serviço de Registo e Notariado. Há sensivelmente três semanas, dirigi-me ao Registo e Notariado do Alto Maé, que funciona nas antigas instalações da Alfa Segurança, para pedir uma Certidão de Nascimento.

Chegado lá, perguntei à funcionária quanto é que custava a aquisição duma Certidão. Ela informou-me que eram 47.00MT (Quarenta e sete meticais).

Como trazia 50.00MT (Cinquenta meticais), fiz o pedido da Certidão e aguardei pela minha vez na bicha por cerca de 45 minutos para ser atendido. Chegada a minha vez, fui chamado e ela disse-me que devia pagar 77.00MT (Setenta e sete meticais).

Perguntei-lhe porque me cobrava esse valor. Não tive resposta. Noutros balcões tenho pago 47.00 a 50.00MT. Gostaria de saber de quem de direito se são 47.00, 50.00 ou 77.00MT, para ter a tal Certidão. Muito obrigado.

Anónimo

Resposta

Acusamos a sua reclamação, e pela pertinência do assunto que nela se aborda, entrámos em contacto com o serviço de Registo e Notariado, onde ao reclamante foi cobrada a referida taxa.

Ninguém aceitou dar qualquer tipo de informações, alegadamente porque não tem autorização para fazê-lo, recomendando-nos a entrar em contacto com a Direcção do Registo e Notariado

da Cidade de Maputo. Já na direcção da cidade, foi-nos dito que devíamos marcar audiência para falar com o director não se sabendo ao certo em quanto tempo nos receberia.

Voltámos ao local onde tudo aconteceu, e de forma muito menos profissional ficámos a saber que o valor de me 77, 00 MT é cobrado quando se solicita um serviço "muito urgente", que não aparece na tabela de preços ali disponível que apresentamos a seguir:

Nota: Esta é a única tabela disponível no local. Entretanto, o valor de 77, 00 MT é apenas cobra-

do no serviço urgente da cópia integral, que leva três dias. De acordo com a informação colhida no sector de "Tratamento de Certidões", o documento, cujo tratamento urgente custa 47, 00 MT, pode ser solicitado com a máxima urgência (1 dia) ao preço de 77 meticais.

Entretanto, fica uma pergunta: porque as taxas do serviço "muito urgente" não constam na tabela fixada na instituição, se eles são cobrados legalmente? Com este secretismo na cobrança dos valores de certos serviços, abrem-se portas para o incremento da corrupção nas instituições públicas.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: *por carta* – Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; *por Email* – averdademz@gmail.com; *por mensagem de texto SMS* – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Caso MBS: PGR diz uma coisa, americanos outras

Depois de, na semana passada, a Procuradoria Geral da República (PGR) ter tornado público que uma perícia da Polícia de Investigação Criminal de Moçambique (PIC) não apurou indícios suficientes da prática de actos que consubstanciem o tráfico de estupefacientes ou substâncias psicotrópicas pelo cidadão Momade Bachir Sulemane, a embaixada dos Estados Unidos da América, em Maputo, reiterou, nesta terça-feira, que Bachir é traficante de drogas.

Em comunicado, recebido hoje na nossa redacção, a embaixada garante a sua total confiança no processo rigoroso, conduzido por agências múltiplas do Governo dos EUA no ano passado, que encontrou evidências suficientes para a designação do Senhor Bachir como barão de droga. Segundo o mesmo comunicado, assinado pelo Adido de Imprensa dos EUA em Moçambique, nos últimos 10 anos desde que a lei entrou em vigor, não houve nenhum caso de um indivíduo ter sido designado erradamente como um barão de drogas do Nível 1.

Entretanto, a embaixada dos EUA considera como bom sinal a investigação das violações aduaneiras e de impostos, actividades que em muitos casos servem como base para investigações de tráfico de estupefacientes e outros actos ilegais.

Recorde-se que o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos apontou o cidadão moçambicano Mohamed Bachir Suleman como um importante traficante de drogas a nível mundial, em Junho de 2010.

Segundo o Governo norte-americano Mohamed Bachir Suleman lidera uma rede de tráfico de drogas e lavagem de dinheiro em Moçambique através das empresas do Grupo MBS Lda, nomeadamente Kayum Centre e Maputo Shopping Centre, que são propriedade da família do empresário.

De acordo com a lei dos Estados Unidos, que permite sanções financeiras e económicas a barões de drogas estrangeiros, os bens relacionados com Mohamed Bachir Suleman poderão ser congelados e os cidadãos americanos ficam proibidos de negociarem com o empresário moçambicano. "Mohamed Bachir Suleman é um traficante de drogas em larga escala em Moçambique e a sua rede contribui para a tendência de crescimento do tráfico de drogas e lavagem de dinheiro na África Austral", afirmou na altura Adam Szubin, director da OFAC - Treasury's Office of Foreign Assets Control (Departamento do Tesouro para o Controlo das Finanças Estrangeiras).

De acordo com o relatório de 2010 do Departamento de Estado norte-americano, Moçambique tem-se transformado num país de trânsito para carregamentos de narcóticos e outros produtos químicos usados na produção de drogas ilícitas.

O mesmo relatório acrescenta que o país é ainda local de passagem de vários tipos de narcóticos tais como canabiss, cocaína, heroína e mandrax com destino à Europa e África do Sul.

Wikileaks: "Tivane é rei da corrupção e Guebuza gere partido como a máfia"

Nos mais recentes telegramas da embaixada dos Estados Unidos da América em Moçambique pode-se ler que Ahmad Camal descreve Domingos Tivane, director geral das Alfândegas, como "rei da corrupção" no país, e Leonardo Simão afirmou a diplomatas norte-americanos que o Presidente Armando Guebuza lidera o partido Frelimo, no poder, como a máfia.

Texto: Redacção

Novos telegramas das embaixadas norte-americanas estão a ser divulgados pelo site Wikileaks desde a semana passada.

Num dos mais recentes telegramas da embaixada dos Estados Unidos da América em Moçambique, Ahmad Camal, um proeminente empresário nacional e antigo deputado da Assembleia da República, confidenciou a um diplomata norte-americano que os membros seniores do partido Frelimo – incluindo os ministros – têm fortes laços com conhecidos narcotraficantes e "branqueadores de capitais", e que o Governo moçambicano tem manipulado os valores de importação para encobrir as operações de lavagem de dinheiro no país, descrevendo o director geral das Alfândegas de Moçambique como o "rei da corrupção".

Mais adiante, Camal descreveu a forma de corrupção de Guebuza como "benigna, uma forma que não prejudica os pobres". E reitera que o Presidente da República e os seus companheiros não usaram fundos do Governo nem exigiram comissões. Antes pelo contrário, os seus agentes económicos asseguraram que Guebu-

za tenha uma participação maioritária nas mais importantes empresas do país, incluindo a companhia de telefonia móvel Vodacom.

Lê-se nos telegramas que se acredita que a família de Guebuza seja também accionista principal da Insittec, uma empresa moçambicana com amplos interesses de negócio em Moçambique e em toda região sul de África. Camal descreveu os planos de reforma do Presidente Guebuza como sendo "sustentados por traficantes de influência na Frelimo", indicando que o PR pretende implementar mudanças para combater "as formas mais graves de corrupção" na sequência das eleições de Outubro de 2009.

Guebuza gere o partido como a máfia

Já Leonardo Simão, ministro no mandato de Chissano, diz que o partido Frelimo está corrompido e necessita de uma reforma. Simão acredita que o actual Presidente da República, Armando Guebuza, está directamente envolvido em actividades corruptas e dirige o partido "como a máfia" com a sua família e os seus companheiros com os quais possui um acordo co-

mercial.

Muitos empresários expressaram as suas frustrações alegando que o negócio não é possível sem o "envolvimento" das elites políticas.

Como Camal, Simão acredita que o sucesso do MDM poderia estimular reformas na Frelimo, enquanto alguns sugerem que a insatisfação com o crescimento da concentração de benefícios no círculo de Guebuza pode causar uma clivagem no partido, facto que é descartado pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros.

Ao invés disso, Simão argumenta que a Frelimo vai continuar unida, porque mesmo aqueles que estão preocupados com o lento ritmo de reformas reconhecem que devem trabalho ao Governo ou privilégios ao partido. A título de exemplo, revelou como ele e Chissano conduziam um grupo de investidores que pretendia estabelecer uma companhia aérea privada para competir com as companhias aéreas estatais. Simão afirmou que um dos filhos de Guebuza apareceu no seu escritório para expressar o seu interesse e que os familiares queriam estar envolvidos.



NIASSA

Novas ambulâncias encurtam distâncias

Onze ambulâncias, adquiridas no âmbito dos esforços visando diminuir as distâncias a percorrer e consequente redução da mortalidade materno-infantil, foram recente e oficialmente entregues aos governos distritais, pelo governador da província do Niassa, David Malizane, numa cerimónia que contou com a presença de numeroso público, entre dirigentes governamentais, políticos, parceiros de cooperação e singulares.

Entretanto, o director provincial da Saúde do Niassa, Dinis Viegas, justificou a pertinência do acto como sendo resposta ao elevado número de parturientes e crianças que perdem a vida por não encontrarem pronto-socorro para chegar à unidade de referência mais próxima. Viegas afirmou que grande número de mortes em mães grávidas e/ou crianças é conse-

quência directa de grandes distâncias que as parturientes percorrem à procura de uma unidade sanitária de referência, situação que agora poderá ser atenuada com recurso aos meios de transporte disponibilizados pelo Governo. Refira-se que no Niassa há doentes que percorrem mais de quinhentos quilómetros para chegar ao Hospital Provincial de Lichinga a fim de receber cuidados de saúde especializados ou complicados. / **Notícias.**



SOFALA

Nhamatanda: Alunos abandonam aulas para vender hortícolas

Alunos de algumas escolas, sobretudo do nível primário, do posto administrativo de Tica, em Nhamatanda, que dista cerca de 70 quilómetros da cidade da



CABO DELGADO

Índices de mendicidade e prostituição preocupantes

Os índices da mendicidade e prostituição são cada vez mais crescentes na capital provincial de Cabo Delgado, cidade de Pemba, uma situação que já está a preocupar a sociedade civil que, na sequência do facto, se reuniu há dias para debater o assunto no habitual encontro mensal denominado "Terraço Aberto", organizado pela associação suíça de cooperação internacional Helvetas.

Segundo os organizadores, está a ser recorrente ver pessoas de tenra idade a procurarem viver com base na boa vontade de outras,

engrossando assim as fileiras dos pedintes de esmola que, principalmente, às sextas-feiras, inundam a pacata cidade, situada numa das mais belas baías do mundo. Para justificar esta situação, as crianças alegam ser maltratadas pelos seus parentes e os deficientes e idosos queixam-se de ser vítimas de discriminação e maus tratos pelos seus familiares.

Entretanto, alguns participantes no debate "Terraço Aberto" disseram que não é verdade que quem se prostitui é pessoa pobre. / **Notícias.**



NAMPULA

Nacala terá novo plano de estrutura para orientar investimentos

O Governo moçambicano, através do Gabinete das Zonas Económicas de Desenvolvimento Acelerado (GAZEDA), já está a desenhar os planos de estrutura urbana de Nacala-Porto e também de Nacala-a-Velha que irão permitir direccionar, da melhor forma, os investimentos previstos para aquela área de importante interesse económico para o país. De acordo com o director-geral do GAZEDA, Danilo Nalá, pretende-se que o desenvolvimento daquela região seja o mais planificado possível de modo a mitigar potenciais impactos negativos resultantes da

falta de planeamento.

Segundo a fonte, Nacala está a desenvolver a um ritmo encorajador, facto que dá a entender que a actividade económica que existia há sensivelmente dois anos não é a mesma de hoje. O destaque vai para a construção de grandes fábricas como a refinaria de óleo que vai absorver 24 milhões de dólares de investimento para além de outras ligadas ao processamento de alimentos a partir da importação de grãos e produção de bolachas, massas e outros derivados. **Notícias.**



TETE

Assembleia provincial insta Governo a punir pedreiras

A Mesa da Assembleia Provincial de Tete instou o governo local à suspensão imediata das actividades das pedreiras das empresas Ceta e Vale, bem assim a Minas de Moatize, por alegadamente atentarem contra o meio ambiente e perigarem a saúde pública.

Reunida na semana recentemente na cidade de Tete, na sua 22ª reunião alargada aos presidentes das comissões especializadas, concluiu que tais unidades económicas estão a libertar uma quantidade elevada de poeiras nocivas à saúde pública, afectando directamente as comunidades circunvizinhas. "As empresas Minas de Moatize e Pedreira Ceta e Vale, devido ao processo de exploração mineira de carvão e do processamento da brita, estão a poluir o meio ambiente, afectando directamente as comunidades em volta de tais empreendimentos

e, indirectamente, a vila de Moatize. Ademais, as águas do rio Revobué, que atravessa a região onde são desaguidas as impurezas provenientes da lavagem do carvão mineral também estão poluídas, o que, de certa forma, afecta também a saúde pública daquelas comunidades", denunciou Arlindo José, presidente da Assembleia Provincial. Entretanto, durante as visitas de trabalho de fiscalização efectuadas pelo presidente da Assembleia Provincial de Tete ao distrito de Moatize, a população que vive em áreas próximas dos projectos de carvão de Moatize queixou-se do facto de a empresa Vale ter interrompido uma via rodoviária que era usada para a circulação de pessoas e bens, por alegadamente atravessar a área concessionada, tendo aberto uma alternativa que aumentou a distância de 16 para 47 quilómetros. / **Notícias.**



MANICA

Fábrica de sumos pronta em Macate

Já foram praticamente concluídas as obras de construção da fábrica de processamento de sumos e jam, que desde 2007 vinham sendo executadas no Posto Administrativo de Macate, distrito de Gondola, em Manica. O empreendimento, orçado em mais de quatro milhões de metacais, pertence a um operador privado e foi co-financiado pela Agência de Desenvolvimento Económico da Província de Manica (ADEM), através da Fundação Kellogg e do Fundo Distrital de Desenvolvimento (FDD).

Com capacidade para processar 1600 quilogramas de fruta e produzir 528 litros de polpa por dia, as obras da referida fábrica foram executadas por um empreiteiro local. Com a polpa, a fábrica pode produzir 2280 litros de sumo pronto a consumir ou

1320 litros de sumo concentrado, diariamente. Entre outras frutas, o referido empreendimento irá processar ananás, laranja e manga, que abundam em Macate, região também considerada como maior produtora de banana a nível da província de Manica.

Estes dados foram fornecidos pelo director executivo da ADEM, Manuel Queirós, no decurso da cerimónia de entrega de uma viatura e 10 motos à sua instituição, pelo Fundo de Apoio à Reabilitação do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Rural (PADR). Outro passo que se seguirá aos esforços em curso tem a ver com a necessidade de ligação da fábrica à rede nacional de energia eléctrica, uma vez que o gerador, propriedade da empresa, não possui capacidade para alimenar funcionamento do empreendimento. / **Notícias.**



MAPUTO

PIC da província de Maputo tem novas instalações

A ministra da Justiça, Benvinda Levy, disse na cidade da Matola, em Maputo, que o Estado, na perspectiva de preservação da paz social, deve-se preparar para garantir a segurança dos cidadãos. Levy teceu estas declarações

aquando da cerimónia de inauguração das novas instalações da Polícia de Investigação Criminal (PIC) da província de Maputo. O novo edifício, localizado na zona de Lingamo, na Matola, comporta quatro blocos, nomeadamente um departamento administrati-

Beira, em Sofala, estão a abandonar as aulas para se dedicarem à venda de hortícolas no mercado local. O chefe do posto, Abílio Jorge, que há dias revelou o facto, disse ainda que uma

das medidas tendentes a desencorajar este fenómeno tem sido a proibição dos alunos que tomam esta atitude, através da recolha dos produtos e consequente notificação dos pais. A

fonte citou o exemplo de três alunos que já "caíram nas mãos" dos fiscais do mercado, os quais só foram liberados depois da responsabilização dos seus pais. Segundo Tica, o que se pretende

com a medida é consciencializar os progenitores da necessidade de não deixarem que os seus filhos coloquem as aulas em segundo plano, em benefício do negócio ambulatório. / **Notícias.**



ZAMBÉZIA

Cresce abuso sexual de menores em Mocuba

O distrito de Mocuba, na província da Zambézia, é atravessado ao meio pela Estrada Nacional Número Um (EN1), e os níveis de abuso sexual de menores em troca de bens de valor insignificante e dinheiro não pára de crescer. As evidências são cada vez mais assustadoras.

As autoridades municipais não se cansam de repetir que em Mocuba é "onde todos os caminhos se cruzam e Moçambique abraça-se", mas nada fazem que permita que a tendência crescente de meninas entregues à prostituição, como forma de subsistência e sobrevivência, se inverta. A proibição da venda de bebidas alcoóli-

cas, cigarros e a frequência de menores em locais de diversão nocturna previstas e punidas à luz do ordenamento jurídico moçambicano, não são respeitadas pelas autoridades em Mocuba.

No entanto, as menores, de forma unânime, não esconderam a dor que têm por frequentar aquele espaço e levar a vida que levam. "Não temos outra escolha porque a vida está muito difícil. A Acção Social não nos apoia porque não somos velhas e precisamos de ir à escola, comprar cadernos e uniforme, tudo isto custa dinheiro e não temos quem nos possa sustentar", comentam. / **Canalmoz.**



GAZA

Governo provincial presta contas do seu desempenho ao público

Está definitivamente decidido: os membros do governo provincial de Gaza deverão, daqui em diante, e com periodicidade quinzenal, tornar públicas as suas actividades, através dos meios de comunicação social, cujo acto deverá ocorrer na Casa Provincial de Cultura em Xai-Xai.

A decisão, nesse sentido, resulta de um entendimento havido, na última terça-feira, entre o governador Raimundo Diomba e o Sindicato Nacional de Jornalistas (SNJ) naquele ponto do país. A medida foi acolhida com satisfação pelos diversos actores da sociedade, em Gaza, os quais consideraram a iniciativa de um passo para um verdadeiro exercício da democracia e uma decisão inédita, que irá obrigar os agentes do Estado a prestarem contas ao público que servem e uma ocasião soberba para a Comunicação Social fazer o papel

que lhe compete. A presença de representantes de partidos políticos, académicos, agentes económicos, estudantes e artistas que lotaram a sala da Casa de Cultura para testemunhar a assinatura do entendimento, assim como as manifestações culturais havidas no lugar, deram cor, solenidade e, sobretudo, um ambiente de alegria e confraternização pela materialização daquele objectivo.

Segundo Raimundo Diomba, com a divulgação regular dos documentos e políticas orientadoras, o governo provincial pretende municiar os profissionais da Comunicação Social com informação de base de utilidade pública. "A Imprensa é, sem sombra de dúvidas, um parceiro com que o Governo conta para a materialização da agenda nacional, que tem no topo o combate à pobreza", acrescenta. / **Notícias.**



INHAMBANE

Professores clamam pelo pagamento de horas extraordinárias

O atraso no pagamento de horas extraordinárias relativas aos meses de Junho, Julho e Agosto e salários referentes ao mês de Agosto último está a criar descontentamento no seio de alguns professores das escolas públicas na cidade de Inhames, os quais, na sequência do facto, ameaçaram na semana passada paralisar as actividades lectivas.

A ameaça da paralisação das aulas está a preocupar os discentes dos diferentes níveis de ensino que receiam ver o processo de ensino e

aprendizagem afectado, sobretudo neste momento que se prepara a sua avaliação final que vai culminar com a realização dos exames dentro dos próximos dois meses.

No entanto, o director provincial da Educação, Pedro João Baptista, minimiza a ameaça da paralisação das actividades lectivas por parte de alguns docentes afirmando que tal não passa de um falso alarme, pois, de acordo com as suas palavras, os salários estão a ser pagos normalmente. / **Notícias**

tornos alarmantes, facto que exige da sociedade, em colaboração com os agentes da lei e ordem, esforços no sentido de combatê-la.

"Nestas crescentes exigências da construção de um Estado de Direito democrático, cada vez

mais sólido e digno, impõe-se a necessidade de reforço da capacidade institucional da Polícia de Investigação Criminal, factor importante para a descoberta da verdade na materialização da justiça", asseverou Levy. Por seu turno, o ministro do Inte-

rior, Alberto Mondlane, disse que a preservação do clima de paz e tranquilidade públicas são uma condição essencial para a prossecução dos objectivos do Governo, consagrados no seu plano quinquenal. / **Escorpião.**

RADAR

COMENTE POR SMS 821115

Editorial

averdadez@gmail.com

O mérito é apenas dos atletas

Os dirigentes e agentes desportivos, sobretudo os que verdadeiramente mandam no desporto e quejandos não têm qualquer legitimidade – enquanto não apoiarem os atletas e criarem políticas desportivas consentâneas com a realidade – para lhes exigir qualquer medalha que seja, quanto mais 19!

Esses senhores terão alguma legitimidade para mandar dar o sangue, quando vivem à grande e à francesa, enquanto o material desportivo chega um dia antes das provas iniciarem? Quando a Vila Olímpica fica sem água? Quando não há papel higiénico? Quando não há medalhas? Quando chegam bicicletas no dia da competição? Quando não há salas de imprensa espalhadas pelos recintos de competição? Quando a pista do Estádio Nacional está em obras? Quando há filas enormes no refeitório? Quando não há informação em tempo real?

Afinal o que condicionou a chegada tardia dos equipamentos? De quem é a culpa? Será do deixa andar tradicional ou este terá sido substituído pelo doutoramento em partilha de méritos alheios, porém mantendo a sua característica essencial de refúgio e esconderijo da incompetência e dos incompetentes, escondendo nas suas rotinas as razões de ser dos comportamentos e permitindo a perpetuação, por mera inércia, de actos e factos há muito despropositados e inúteis – ou até nocivos ao país e que não podem ser mascarados com um punhado de medalhas.

Ao mesmo tempo, os mestres de feitos alheios encadeiam uma série de actos impessoais e automáticos em que se diluem as responsabilidades e que tornam quase impossível responsabilizar os verdadeiros autores de cada conquista, gerando uma sensação de trabalho árduo de quem nada contribuiu para alcançar o sucesso.

Fica sempre bem pousar na fotografia e mostrar, para quem quiser ver, que as medalhas são fruto de um trabalho aturado de TODOS; e que TODOS estão comprometidos com os atletas. Mas isso não é verdade e a prova maior é que as campeãs de basquetebol, nos Jogos Africanos do Cairo, só agora é que receberam os prémios, passados 20 anos. Um país que trata desta forma os seus campeões tem outras preocupações e essas, diga-se, não passam pela educação, saúde e muito menos pelo desporto.

Por isso, se os nossos atletas não conquistam mais medalhas não é por inércia. É, em muitos casos, a escassez de meios materiais que impede que eles façam mais.

Quem quiser ver, verá que por trás de uma conquista exemplar (e até invejada no estrangeiro) existe uma realidade que pouco tem a ver com o contributo de dirigentes desportivos, Governo e o Ministério da Juventude e Desportos.

PS: Não foram os atletas que tomaram as péssimas opções em relação aos Jogos. Não foram eles que descontrolaram os orçamentos e que fizeram as contabilidades criativas. Não foram eles que desbarataram o material desportivo. Não foram eles que mentiram reiteradamente anunciando que as coisas estavam a melhorar quando só pioravam, gritando que os resultados em tempo real seriam um facto. Não foram eles que asfixiaram o calendário num labirinto burocrático. Por isso, agora que conquistaram medalhas não nos digam que estão todos no mesmo barco. Não lhes falem em méritos colectivos. Eles estão fartos de maquilhar a vossa incompetência.

“Qualquer manifestação a favor da paz é bem-vinda e algo do louvar em Moçambique. Mas convenhamos que algumas dúvidas subsistem quando quem se manifesta aparece volta e meia como parte do problema ou como parte daqueles que se negam a dialogar com os outros” **Noé Nhantumbo**



Boqueirão da Verdade

“O grande perigo para o país é a existência de diferenças sociais abismais entre os diferentes moçambicanos, e isto, na sociedade, é entendido como injustiça ou exclusão social que acaba gerando frustração em alguns”, **Severino Ngoenha in O País**

“Vejo Moçambique como um país de dificuldades, de problemas, de pobreza, de tudo a faltar; de violência, sobretudo causada pela deficiente distribuição dos recursos existentes num país como o nosso, em desenvolvimento”, **Idem**

“Advirto os estrangeiros que Moçambique não está em segurança, por isso é melhor abandonarem o país muito cedo para não saírem a correr e perderem muita coisa. Poderão voltar em Dezembro com o Governo de Transição” **Afonso Dhlakama**

“A Renamo não quer participar nem saber destas eleições, estaríamos a ser incongruentes com as nossas posições e legitimaremos os resultados provenientes das fantochadas da Frelimo”, **Idem**.

“...a Frelimo está a tentar desviar as nossas atenções com esta questão, para deixarmos de cumprir o que agendamos”, **Fernando Mazanga**

“A Renamo mostra que, uma vez mais, é incoerente com os seus discursos. Este se-

ria um momento certo de mostrarem que podem concorrer e vencer as eleições e reforçar a democracia do país”, **Edson Macuácu**

“Só a eleição de Obama devolveria crédito aos Estados Unidos da América, afinal algo deve significar trocar o cowboy pelo filho de um imigrante queniano com Hussein como nome do meio. Ah! E um negro na Casa Branca é mesmo uma das novidades da década”, **Leonídio Ferreira**

“O único ditador árabe que os americanos conseguiram derrubar foi Saddam. Ben Ali, Mubarak e Kadhafi até eram vistos como úteis no combate à Al-Qaeda”, **Idem**

“...o Ministério do Turismo e o Conselho Municipal de Maputo não parecem ter feito devidamente o seu trabalho. Para além do movimento desusado de pessoas, Maputo não consegue mostrar mais nada de novo a quem chega: num país que se gaba de ser destino turístico, não se consegue encontrar um flyer sobre os jogos, indicações de restaurantes, salas de teatro e de cinema, bares e casas de música. E não há souvenirs sobre os jogos, o país ou a cidade de Maputo”, **Jeremias Langa in Em Jeito de Fecho**

“A Cervejas de Moçambique decidiu insultar e ultrajar as mulheres moçambicanas

(e talvez todas as mulheres) com uma publicidade que usa e abusa do corpo de uma mulher – sem cabeça e sem membros inferiores – com o símbolo da cerveja estampado na região da púbis (do órgão genital), e ainda com dizeres: “Esta preta foi de boa para melhor. Agora com uma garrafa mais sexy”, justamente para denotar que ela não tem rosto, nem cabeça nem pernas para tomar o seu rumo, é apenas objecto sexual. Além de sexista, esta mensagem é RACISTA!!!”, **Fórum Mulher**

“Sou transparente, tão limpo com os meus assuntos, que não há nada que me possa perturbar. Não fiz nada que possa ser considerado um delito. Daqui a uns meses, vou-me ocupar dos meus negócios e vou-me embora deste país de merda que me dá vontade de vomitar”, **Silvio Berlusconi, Primeiro-Ministro da Itália**.

“Não existe qualquer lei sobre partidariização do Estado, por isso posso garantir que, regra geral, esse acto não constitui nenhuma violação, porque o acto não está prescrito como crime. Regra geral, as células nas instituições do Estado são legais, mas deixam de o ser se na realidade estas puderem influenciar o dia-a-dia dos funcionários, caso da indicação para cargos, nomeação, promoção, despromoção e por aí em diante”, **José Caldeira in O País**

OBITUÁRIO: Salvatore Licitra 1968 – 2011 – 43 anos



O tenor italiano Salvatore Licitra, por muitos considerado o sucessor de Luciano Pavarotti, morreu na terça-feira (5 de Setembro) de manhã, aos 43 anos, na sequência de um acidente de scooter (um tipo de moto) sofrido na Sicília a 27 de Agosto.

Como é costume na Sicília, na altura em que conduzia a sua scooter, Salvatore

Licitra não usava capacete e acabou por não resistir aos ferimentos na cabeça e no tronco. Ele foi levado de helicóptero para um hospital em Catânia, onde as suas condições foram descritas como muito sérias. Teve de ser submetido a uma cirurgia de emergência na cabeça para a retirada de um coágulo, informou a imprensa italiana. Além disso, ao tenor foi diagnosticado um traumatismo craniano e torácico devido ao grave acidente de moto.

Licitra, que se estreou em 1998, tornando-se um caso de sucesso instantâneo nos palcos europeus, chegou a substituir Pavarotti quando este não compareceu aos concertos no Met de Nova Iorque, invocando doença súbita.

Nascido em Berna, Suíça, a 10 de Agosto de 1968, foi criado em Milão, pois os seus pais eram sicilianos. Ele estreou-se como tenor no Teatro Régio de Parma com a ópera “Um ballo in Maschera”, de Giuseppe Verdi, em 1998. No ano seguinte, foi convidado pelo director Riccardo Muti para se apresentar no reconhecido teatro Scala com a obra “La forza del destino”.

Mas o seu grande salto para a fama dá-se em 2002, quando se estreou no Metropolitan Opera, em Nova York. Na ocasião, substituiu Pavarotti em “Tosca”, apresentando-se a mais de 3 mil espectadores que o ovacionaram. Cantou em diversos lugares, como na Vienna State Opera, Opernhaus Zurich, Munich’s Bayerische Staatsoper, Deutsche Oper e Staatsoper Berlin.

SEMÁFORO



VERMELHO – A língua viperina de Dhlakama

O auto-crismado pai da democracia moçambicana e líder da Renamo, Afonso Dhlakama, perdeu, mais uma vez, a oportunidade de se manter calado, e pôs a nu o seu discurso vazio. Diga-se, este tem sido o seu comportamento quando está diante dos jornalistas. Politicamente fragilizado, Dhlakama voltou a proferir o seu (habitual) discurso incendiário, advertindo os estrangeiros e investidores para que abandonem o país, pois pretende desestabilizar o país e implantar um Governo de Transição. “Todo o cuidado é pouco”, diz o semáforo.



AMARELO – PGR e o “caso MBS”

Numa tentativa de tapar o sol com a peneira, a Procuradoria-Geral da República (PGR) veio a público, através de um comunicado lacónico e cheio de frases feitas, dizer que não apurou indícios suficientes da prática de actos que consubstanciem o tráfico de drogas por parte do empresário moçambicano Momade Bachir Sulemane, acusado pelo Governo norte-americano. Porém, a embaixada dos Estados Unidos da América, em Maputo, reiterou que existem evidências suficientes para a designação do “senhor Bachir como barão de droga”. Afinal, onde está a verdade? Nesse mato tem coelho!



VERDE – Energia eléctrica nos bairros da Matola

Os moradores dos bairros 1º de Maio, Ndlavela, Nko-be e São Damaso têm razões mais do que suficientes para sorrir, pois até o momento foram efectuadas cerca de mil ligações domiciliárias, das 5300 previstas na zona de expansão da Matola. A construção da rede de média tensão e a instalação dos postos de transformação (PT’s) foi concluída há duas semanas. Com a iluminação das ruas e casas, espera-se que o nível de criminalidade reduza.

ANGOLA: VÍDEOS DE PROTESTO REPRIMIDO DE JOVENS EM LUANDA



Texto: **Janet Gunter** • Traduzido por: **Sara Moreira**

No Sábado, dia 3 de Setembro de 2011, um grupo de cerca de 200 jovens concentrou-se em Luanda numa manifestação contra a falta de liberdade em Angola e contra o mandato de 32 anos do **Presidente José Eduardo dos Santos**. De acordo com testemunhas, o protesto terminou com carga policial violenta sobre vários manifestantes.

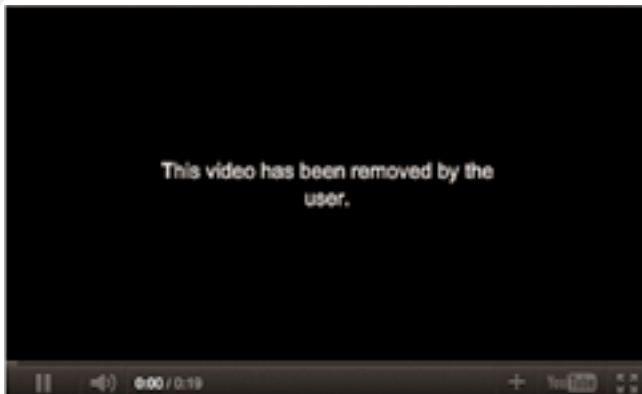
Uma vídeo-convocatória ao protesto, carregada no Youtube a 1 de Setembro, expunha mensagens arrojadas e personalizadas por alguns dos organizadores da manifestação, muitos dos quais são artistas de hip-hop. A *tagline* adoptada era "32 anos é muito".



No início da manhã de Sábado, corria o rumor no Facebook de que uma das pessoas que aparece no vídeo, Pandita Nerú, tinha "desaparecido" pelas mãos da polícia antes de o protesto começar. Mais tarde ele falou com a imprensa afirmando que tinha

sido deixado numa área deserta e que lhe disseram que tinha "72 horas para viver".

Os manifestantes estão a tentar organizar-se apesar destas formas efectivas de intimidação. O seguinte vídeo da concentração de ontem na Praça da Independência, feito a partir de um carro, mostra como até os jornalistas cidadãos ficam apavorados por tentarem documentar os acontecimentos à medida que estes vão decorrendo.



Um outro vídeo mostra um jovem, aparentemente ferido e no chão, enquanto se ouvem gritos ansiosos de crítica à polícia à distância. É intitulado "brutalidade policial, Sagrada Família, Luanda".



Protestos Anteriores

Este protesto surge no seguimento de um que foi

convocado em Março de 2011 através da Internet mas que foi **desmobilizado numa manobra de antecipação do partido no poder**, e outro em Maio.

O protesto de Maio na Praça da Independência foi capturado em vídeo, e mostra depoimentos críticos ao Presidente por causa da corrupção e do seu controlo sobre os recursos petrolíferos.



O protesto de Maio juntou uma multidão animada, aqui filmada a dançar "Abaixo com o MPLA".

Este protesto foi mais tarde impedido através de medidas policiais agressivas, como mostra o seguinte vídeo em que a polícia está a encurralar os manifestantes, a prender alguns, e a empurrá-los para fora da Praça da Independência, assim como a ameaçar o cameraman.



DESROMANTIZAR SAMORA E O SEU TEMPO

Quando saí de casa a meio da tarde de sábado passado tinha a pretensão de resolver alguns assuntos e encontrar alguns companheiros para me actualizar uma vez que não me juntei a eles nas peripécias da sexta-feira por motivos que não cabem aqui e, em algum momento, acabei envolvido num debate interessante motivado pelo meu último texto publicado aqui sobre a necessidade de renovar constantemente os heróis para aproveitarmos os seus ensinamentos para os desafios actuais.

Confesso que fiquei inicialmente espantado pela abordagem mas satisfeito pelo modo como o debate correu provocado pela minha visão de que pensar Samora apenas na perspectiva do seu tempo de governação e das circunstâncias históricas que a potenciaram e propiciaram é demasiado redutor para um homem cuja visão pode ser contextualizada aos tempos que correm.

Apimentou mais ainda o debate o meu apelo ao desapego a um saudosismo exagerado procurando compreender a dinâmica dos tempos, os novos contextos em que vivemos e, acima de tudo, procurando aplicar muitas das lições deixadas por Samora e muitos outros aos novos tempos.

Não pretendo negar as boas coisas que aconteceram no período de Samora. Longe de mim.

Nego sim a ideia recorrente de que "se Samora fosse vivo" isto e aquilo não ocorreria, como se aquele grande homem fosse uma ilha completamente alheia das dinâmicas internas e externas. Recuso a ideia também recorrente de olharmos aquele tempo como melhor que o actual sem a necessária contextualização do que propiciou esses tempos melhores a que apelamos.

Há um contexto em que a governação de Samora Machel ocorreu, como há um novo contexto em que a governação actual ocorre que devem ser compreendidos por todos, de modo a olharmos a construção do país como um processo, com as suas

etapas, aproveitando o que de melhor existe em cada etapa.

Tudo isto me fez recuar aos debates que ocorreram no Ideias Subversivas, alguns dos quais da lavra de Tadeu Phiri em resposta a Machado da Graça.

Algumas das bandeiras que mais se agitam para apelar a ideia de "se Samora fosse vivo" são a criminalidade e a corrupção. Quem as agita esquece muitas coisas a volta desse tempo. Era de facto bom viver naquele tempo com criminalidade quase zero. Mas o que propiciava isso? Ninguém quer recordar que no tempo de Samora a sociedade era fechada, com a actuação onnipresente dos Chefes de Quarteirão, dos milicianos e de todo o género de autoridade. A atmosfera de vigilância e denúncias mútuas, submergia qualquer iniciativa, quer positiva, quer negativa.

A abertura económica e o consequente aumento da competição entre os indivíduos têm, necessariamente, que trazer novos desafios nestas matérias. Ouso dizer que, mesmo Samora, se fosse vivo nos dias de hoje, teria que enfrentar maior criminalidade e corrupção, fenómenos que, a meu ver, independem da sua personalidade e perfil tendo, isso sim, a ver com o relaxamento da pressão colectivista da sociedade e mais incentivos à iniciativa e promoção do indivíduo.

Tem a ver com a eliminação dos controlos que um dia tivemos com os chefes das 10 casas, chefes de quarteirão, milicianos e outros agentes onnipresentes no modelo de ontem. Já diz meu amigo PC Mapengo num texto lindo intitulado "Manifesto Político" "Saudades sim mas ninguém quer voltar porque não podemos esquecer o tempo que passou... eram bons tempos aqueles que ninguém quer mais voltar."

A abertura que se experimentou desde uma determinada altura teve muitas vantagens económicas e sociais. Desde logo, a circulação mais livre de pessoas, maior oferta de bens e serviços

no mercado, maior crescimento económico, maior abertura no debate de ideias, etc., com as consequências que advém daí, sendo por isso completamente despropositada a comparação dos níveis de criminalidade e de corrupção entre tempos do socialismo e os tempos actuais.

Este é ano de celebrarmos Samora. De compreendermos os seus feitos e usarmos muito do seu legado para o desafio que temos em mãos nos dias que correm que é trabalhar para vencer a pobreza e fecharmos este ciclo. Se embarcarmos nos juízos de valor sobre um tempo e outro perderemos Samora, os que lhe antecederam e os que o sucederam com muitos prejuízos para uma nação que precisa de referências daquele calibre.

É preciso cantar odes a Samora Machel no seu ano interiorizando os seus ensinamentos procurando adequá-los aos dias que correm reiventando, desse modo, Samora Machel no contexto de hoje vendo como é que em pleno século XXI, na era da globalização, de mercados comuns, de HIV/SIDA, crise internacional, pobreza, se pode aproveitar a imagem, figura e ditos de Machel como catalisador nas várias batalhas que o Estado tem que travar rumo ao tão almejado bem estar.

Samora Machel pode ser reiventado, estudado de diversas formas. Adianto aqui que Egídio Vaz já o vê como quem "de facto arquitectou a Unidade Nacional. Porque foi ele, o Primeiro Presidente da República, pessoa que proclamou a independência nacional e pregou de lés a lés a ideia da Unidade na prática". É um ponto de vista e, de certeza, existirão muitos outros que podemos trazer a debate neste ano Samora Machel.

Eu cá por mim vou praticando a ideia de fazer da escola a base para o povo tomar o poder aumentando meus conhecimentos e incentivando a descendência a estudar mais e mais. Só dessa forma podemos fechar determinados ciclos.

Julio Mutisse

O líder líbio Mouammar Kadhafi está bem-disposto e de muito boa saúde, assegurou o seu porta-voz, Musa Ibrahim, em declarações telefónicas à televisão síria Al Rai, numa altura em que existem outras notícias sugerindo que Kadhafi poderá estar a caminho do asilo no Níger ou em Burkina Faso.

Doze milhões em busca de uma pátria

Para a maioria das pessoas, é quase natural ser cidadão de um país, a ponto de ser difícil entender que existam 12 milhões de apátridas no mundo, carecendo dos direitos mais elementares.

Texto: **Elizabeth Whitman/IPS** • Foto: **Reuters**



A Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) lançou uma campanha para chamar a atenção sobre a situação de pessoas que carecem de cidadania, para que os governos se preocupem com o seu sofrimento. As comunidades e pessoas que não têm país “necessitam de ajuda, porque vivem num limbo legal de pesadelo”, afirmou António Guterres, alto comissariado para os Refugiados.

Sem cidadania é quase impossível que as pessoas melhorem a sua situação. A própria legislação de alguns países impede que as pessoas legalizem o seu status, o que as priva do direito de votar e ter um representante legal. Nesse contexto, torna-se difícil serem ouvidas. As pessoas carecem de direitos básicos e não podem levar vidas normais. É muito difícil ter acesso a educação, encontrar trabalho, casar, abrir conta em banco e receber assistência médica.

Os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) redigiram, em 1954, a Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas para tratar do assunto e definir a condição. Em 1961, voltaram a reunir-se e acordaram certos princípios e um contexto legal para reduzir o número de pessoas nesta situação. A Convenção de 1954 foi assinada por 66 países e 39 fazem parte da de 1961. A ACNUR estima que existam 12 milhões de apátridas no mundo e reconhece que a definição dificulta a colecta precisa de dados. Isto pode elevar o número real a 15 milhões de pessoas.

Uma pessoa pode perder a cidadania de várias maneiras. Uma das mais comuns é quando um Estado deixa de existir, como quando foi dissolvida a União Soviética na década de 1990. Outras causas são a discriminação étnica, racial ou de género, e a simples negligência ao registar o nascimento de um filho ou filha. Os trâmites

para obter uma cidadania dependem do país, podem ser muito caros ou complicados, quando existem. Os russos do Cazaquistão não puderam optar pela cidadania cazaquistanesa, após o desaparecimento da nacionalidade soviética, e nem pela russa, porque era necessário residir determinado tempo na Rússia.

“São problemas que podem ser resolvidos com medidas administrativas e legais”, explicou Vincent Cochetel, funcionário da ACNUR, que foi sequestrado perto da Chechénia em 1998. Contudo, em alguns países com práticas discriminatórias, as leis “sistematicamente criam mais obstáculos para que um sector da população obtenha cidadania”, disse Cochetel. Poucos países criaram leis para evitar a discriminação e conceder a cidadania a pessoas apátridas. É um assunto pelo qual muitos “passaram por alto totalmente”.

Há Estados que têm uma “cul-

tura da negação” e procuram atribuir a responsabilidade aos seus vizinhos, explicou Cochetel, acrescentando que o problema não desperta interesse na comunidade internacional. A crença habitual de que não ter pátria é um fenómeno velho impede que se avance no plano legal. A ACNUR pretende convencer os Estados da urgência do assunto para que “tomem medidas práticas e ajudem as pessoas no trâmite de documentos e a terem direito a uma nacionalidade”, afirmou. Além disso, tem em vista trabalhar com os Estados para eliminar as barreiras que causam essa situação.

“Sem nacionalidade, não podem ter acesso a nada”, insistiu Cochetel. Muitos apátridas são parte de comunidades marginalizadas, sem governo e nem embaixada que os proteja. Com poucas oportunidades de educação e emprego é difícil subsistir. Há pessoas sem cidadania em muitas partes do mundo, mas a ACNUR destaca que a situação é “particularmente grave” no sudeste da Ásia, Ásia central, Europa oriental, Médio Oriente e em alguns países africanos. A situação em Marrocos, Argélia, Egito, na antiga Jugoslávia, no Quirguistão e no Quênia é considerada “a caminho” de reformar a legislação, embora ainda nada tenha sido colocado em prática.

Existem países que sancionaram leis que concedem a cidadania a certas comunidades ou minorias. Brasil, Bangladesh, Iraque, Vietname e Indonésia melhoraram as suas legislações para torná-las mais inclusivas. A campanha da ACNUR sobre a apatridia durará vários meses. Na sede das Nações Unidas em Nova York foi montada a mostra “Gente de Nenhum Lado”, contendo fotografias e informação sobre as pessoas nesta situação.

Cruz Vermelha visita prisão síria; Governo mantém repressão

A Síria abriu a sua principal prisão em Damasco a inspetores da Cruz Vermelha, disse a organização na passada segunda-feira, numa visita que pode ajudar a esclarecer o destino de milhares de pessoas detidas desde o início da onda de protestos contra o Presidente Bashar al Assad, há cinco meses.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **LUSA**



O Comité Internacional da Cruz Vermelha disse que os seus funcionários visitaram presos na penitenciária de Adra, um subúrbio de Damasco, num “importante passo adiante” para o exercício das actividades humanitárias da agência na Síria. “As autoridades sírias concederam ao CICV acesso ao local de detenção pela primeira vez. Inicialmente, teremos acesso a pessoas detidas pelo Ministério do Interior, e tomara que em breve possamos visitar todos os detidos”, disse o presidente do CICV, Jakob Kellenberger, em nota divulgada no final de uma visita de dois dias a Damasco.

Em simultâneo, as forças sírias iniciaram a sua maior ofensiva desde Junho contra os manifestantes no noroeste do país, matando um civil na fronteira com a Turquia. Em Londres, o Primeiro-Ministro David Cameron disse ao Parlamento britânico que Assad perdeu toda a sua legitimidade, e, a exemplo do que já fizeram outros governos europeus e os EUA, disse que ele deve renunciar para que a Síria se torne uma democracia, após quatro décadas de regime autoritário.



A Síria está cada vez mais isolada internacionalmente devido à repressão aos protestos. Na segunda-feira, a agência egípcia de notícias Mena disse que o chefe da Liga Árabe, Nabil Elaraby, visitará Damasco na quarta-feira, para transmitir ao governo local a preocupação das nações árabes com a situação na Síria.

Activistas de direitos humanos dizem que dezenas de milhares de pessoas já foram presas desde o início dos protestos, e a ONU estima que 2.000 civis já tenham sido mortos. Segundo os activistas, muitos dos presos políticos estão a ser mantidos em delegacias, fora do alcance do CICV, cujos relatórios são confidenciais. Os activistas dizem também que a deserção do procurador-geral da cidade de Hama, alvo de um ataque militar no mês passado, poderia revelar detalhes dos abusos aos direitos humanos, incluindo tiros e torturas contra prisioneiros.

Um advogado sírio, que pediu anonimato por temer represálias, disse que a Cruz Vermelha precisa de ter acesso também a prisões clandestinas para poder avaliar a amplitude das violações aos direitos humanos no país. “A prisão central de Damasco é principalmente para casos criminais, e não políticos. A maior parte das torturas mais feias acontece nos porões das unidades da polícia secreta que comandam a repressão, como a Inteligência Militar e a Inteligência da Força Aérea”, disse essa fonte.

As autoridades sírias não revelam o número de detidos no país, mas anteriormente negaram que existam torturas, e disseram que todas as prisões ocorrem conforme determina a Constituição. Num novo ataque dos militares contra focos de manifestantes, um ferreiro de 24 anos foi morto por franco-atiradores do Exército quando havia acabado de cruzar a fronteira para entrar na Turquia, nos arredores da aldeia de Ain al Baida, segundo relato feito à Reuters por um primo da vítima.

Turquia: “suspensão total” das relações militares e comerciais com Israel

O Primeiro-Ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, anunciou na última terça-feira a “suspensão total” das relações militares e comerciais com Israel, e avisou que poderá vir a fazer uma visita a Gaza, dando mais um passo para o aumento da tensão entre Ancara e Telavive.

Texto: **Jornal Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

“Suspendemos totalmente as nossas ligações comerciais, militares e da indústria da defesa” com Israel, afirmou Erdogan aos jornalistas. “Este processo será seguido de outras medidas”, afirmou, sem especificar quais.

O anúncio feito agora traduz-se num endurecimento das sanções que já tinham sido anunciadas na semana passada, depois de Israel se recusar a pedir desculpas pela morte de nove activistas turcos que se preparavam para furar, por mar, o bloqueio israelita a Gaza, em Maio de 2010. Um relatório das Nações Unidas, publicado na quinta-feira, concluiu que, embora o bloqueio naval seja legal, as forças israelitas usaram “força excessiva e desmesurada”



na operação.

No dia seguinte, Ancara expulsou o embaixador israelita, suspendeu os acordos militares bilaterais e apresentou uma queixa ao Tribunal Internacional de Justiça

para contestar a legitimidade do bloqueio, refere a AFP.

Erdogan prepara-se para, na próxima semana, ir ao Egito e está actualmente a equacionar uma visita a Gaza (que partilha uma

fronteira com aquele país), controlada pelo movimento radical palestino Hamas. “Estamos ainda a discutir essa questão com a parte egípcia. Ainda não foi decidido nada”, afirmou.

Para o Governo turco, as autoridades israelitas comportam-se como uma “criança mimada” na questão palestina. “Os nossos navios serão vistos mais frequentemente naquelas águas”, ou seja, no Mediterrâneo oriental, avisou Erdogan, citado pela Reuters.

Os dois países têm sido aliados na região desde a assinatura, em 1996, de um acordo de cooperação militar, que foi seguido de outros pactos no mesmo domínio, recorda a agência francesa.

O julgamento do antigo presidente egípcio, Hosni Mubarak, acusado de cumplicidade no massacre de manifestantes durante a revolução de 25 de Janeiro que terminou com a sua destituição, viu os advogados das duas partes, o da defesa e os dos mártires da revolução, a chegarem a vias de facto, envolvendo-se em pancadaria.

George W. Bush e o dia que mudou a sua presidência

Pensou na mulher, Laura, admite que não tinha estratégia e viveu “um dia após o outro”. O 43º Presidente dos Estados Unidos contou à National Geographic como viveu o 11 de Setembro de 2001.

Texto: **Jornal Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**



A imagem de George W. Bush a ler uma história a crianças de uma escola na Florida ficou na memória de milhões de pessoas, quase tanto como o momento em que milhões viram em directo o segundo avião a embater nas Torres Gémeas. Mas agora o ex-presidente norte-americano contou numa entrevista à National Geographic como viveu “um momento de viragem para a América”. Pensou que fosse um acidente e pensou na família, até que percebeu que a sua presidência tinha mudado.

“George W. Bush: The 9/11 Interview” foi exibido pela National Geographic nos Estados Unidos a 28 de Agosto, mas o canal agendou para esta segunda-feira a sua transmissão em Portugal, que será repetida na terça-feira em vários horários. Não é um documentário sobre as consequências do 11 de Setembro ou o seu impacto político. É o relato, na primeira pessoa, da forma como o então

presidente norte-americano viveu aquele dia.

“Foi como estar a assistir a um filme mudo”, contou George W. Bush. “No fundo da sala, os jornalistas estavam com os telemóveis. Estavam a receber as mesmas mensagens que eu estava a receber. O que significa que muitas pessoas estavam a ver a minha reacção à crise”.

Bush quis saber se a mulher, Laura, estava bem. “Foi maravilhoso ouvir a sua voz reconfortante”. Chegou a pensar “o tempo está mesmo mau” e “algo de extraordinário aconteceu com o piloto”, estava ainda longe de imaginar como seriam as horas seguintes. “Foi um dia significativo, que mudou a minha presidência.”

Às dúvidas, recorda, seguiu-se a “raiva” e muitas perguntas. “Quem faria isto à América?” Bush tomou a decisão de não sair de imediato da sala de aul

assustar as crianças. Quis projectar uma sensação de calma”.

Quando saiu da escola onde estava, Bush foi enviado para o Air Force One e então os serviços secretos norte-americanos avisaram-no de que não voltaria de imediato a Washington. Foi aí que viu as imagens de destruição, os escombros das Torres Gémeas no atentado em que morreram 3000 pessoas. Protestou.

“Estava frustrado por não estar no centro de comando em Washington. Estava frustrado por estar a sobrevoar o país. Estava frustrado por termos sido atacados, e estava frustrado por não ter o sistema de comunicações a funcionar bem”, conta

Só depois a frustração deu lugar às decisões. Aquele já não era o dia que tinha começado calmo, com o Presidente a fazer “jogging” na Florida.

O 11 de Setembro, sublinha

o ex-presidente na entrevista à National Geographic, obrigou-o a tomar muitas decisões. “Algumas foram extremamente controversas. Todas tiveram como objectivo proteger o país. Não tinha estratégia, estava a viver um dia após o outro”.

Nove anos depois, e já com Barack Obama na Casa Branca, George W. Bush estava a jantar com a mulher num restaurante quando recebeu um telefonema do actual Presidente a dizer que Bin Laden, o líder da Al-Qaeda e mentor dos ataques, tinha sido capturado no Paquistão. Felicitou Obama, mas não terá festejado. “Não tive qualquer sentimento de felicidade, ou júbilo. Senti que havia um desfecho. E senti gratidão, que a justiça tinha sido feita.”

O 11 de Setembro “virá a ser eventualmente uma data no calendário, como Pearl Harbour”, diz Bush. Mas para os que o viveram “será um dia que nunca esquecerão”.

Foi o seu assessor, Andrew Card, quem lhe segredou ao ouvido que a América estava a ser atacada, e quem lhe contou depois sobre o segundo avião. O então Presidente olhou-o nos olhos, mas quase não reagiu. Mais tarde, a sua preocupação viria a ser não falar ao país a partir de um bunker no Nebraska, “não iria dar ao inimigo essa vitória psicológica”.

A entrevista à National Geographic, que nesta terça-feira voltará a ser transmitida em Portugal às 5h30, 8h35, 13h30 e 18h10, foi conduzida pelo jornalista e documentarista Peter Schnall, que contou ao Huffington Post que o objectivo foi “dar ao antigo presidente George Bush a oportunidade de se sentar, de um modo informal, e conversar sobre o 11 de Setembro e a forma como o viveu, de uma forma pessoal e profunda”.

Objectos para lembrar que nem todas as histórias acabaram mal

Lisa Lefler era uma das 1100 empregadas da Aon Risk Services, uma empresa que funcionava entre os andares 98 e 105 de um dos edifícios do World Trade Center, em Nova Iorque. Foi uma das primeiras a conseguir fugir quando o primeiro avião embateu nas torres a 11 de Setembro de 2001. Para trás ficou a sua mala que, depois do colapso dos dois edifícios, ficou enterrada nos escombros. Um dos trabalhadores recuperou-a, ligou para Lisa Lefler e devolveu-a. Dez anos depois, está exposta numa sala do Museu de História Americana, em Washington, como um testemunho de que algumas histórias do dia dos atentados acabaram bem.

A mala de Lisa Lefler é um dos 50 objectos que estarão em exposição até 11 de Setembro numa pequena ala do Smithsonian, recolhidos nos três locais dos atentados – o World Trade Center, em Nova Iorque, o Pentágono, na Virgínia, e em Shanksville, na Pensilvânia. “Queríamos objectos que falassem dos ataques, mas também que falassem dos primeiros que chegaram aos locais e dos esforços de recuperação. Houve muita tristeza e destruição a 11 de Setembro, mas mesmo assim houve histórias de sobrevivência. Nem tudo foi triste”, diz ao Público Cedric Yeh, curador da exposição e um dos responsáveis pelas colecções militares do Smithsonian.

Apesar de não ter estado nas equipas iniciais que recolheram os objectos, Yeh foi quem teve a responsabilidade final de escolher estes 50 artefactos que são mais que artefactos. São histórias exibidas sem a habitual protecção de vidro ou plástico que cobre um objecto de museu. Cada pessoa, observa o curador, terá a sua própria experiência e fará a sua própria interpretação, apenas com o mínimo indispensável de informação, de objectos como a porta de um carro de bombeiros de Brooklyn que acabaria por ficar soterrado pelos escombros, ou como o telemóvel que o “mayor” de Nova Iorque na altura, Rudi Giuliani, usou naquele dia.

Há testemunhos de tempo, como o relógio que estava pendurado numa parede do Pentágono e que caiu quando o avião atingiu o edifício, ficando parado nas 9h37. Há testemunhos de vidas interrompidas, como o “beeper” de Goumatie Thackurdeen, que morreu na torre sul do World Trade Center. Há testemunhos de heroísmo, como a coleira de Vito, o cão de Isaac Ho’opi’L, um polícia que estava de serviço no Pentágono e que salvou várias pessoas apesar das chamas intensas. Há testemunhos de normalidade destruída, como um botão para pedir uma bebida, retirado dos destroços do United 93 que caiu em Shanksville.

“Nenhum de nós estava preparado para o 11 de Setembro”, observa Cedric Yeh, que colocou caixas com lenços de papel em cada uma das mesas com os objectos, a antecipar potenciais reacções emocionais dos visitantes. “Queríamos estar preparados. Não sabemos como as pessoas vão reagir dez anos depois. Queremos que se lembrem e que reflectam. Para muita gente foi uma parte muito importante das suas vidas”, acrescenta.

Após a sala dos objectos, os visitantes são convidados a partilhar as suas histórias do 11 de Setembro. Nem todas serão de sobrevivência ou heroísmo, quase todas são testemunhos de uma normalidade interrompida, a lembrar também que os ataques custaram mais que as 2909 pessoas contabilizadas como baixas nos três atentados. E que provocaram uma memória colectiva em centenas de milhões, todos se lembram onde estavam nesse dia: “Eu estava em casa no Oregon”; “Eu não estava, nasci dois anos depois, a 10 de Setembro”; “A minha festa de anos era para ser nesse dia e foi cancelada”; “O World Trade Center era a vista da minha casa.”

Manifestação em Angola travada violentamente pela polícia

A repressão de manifestantes que protestavam contra o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, em Luanda, provocou na tarde do passado sábado um número indeterminado de feridos e a detenção, segundo a Polícia Nacional, de 24 pessoas.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **LUSA**



Para além de manifestantes foram agredidos jornalistas, incluindo elementos de uma equipa de reportagem da televisão pública portuguesa, cujo equipamento foi danificado.

Segundo o correspondente da rádio Voz da América, “a refrega tomou contornos de violência pura”, que não se verificou noutras duas mani-

festações realizadas este ano contra o poder do Presidente angolano, no poder desde 1979.

O número de manifestantes que aderiu ao protesto foi quantificado entre uma centena e três centenas de pessoas, consoante os órgãos de informação.

O desfile, em que se reclamava a democratização do país e a saída do poder de José Eduardo dos Santos, foi autorizado. A violência terá começado quando parte dos participantes se desviaram do itinerário previsto e procuraram dirigir-se ao palácio presidencial para exigirem a libertação de um companheiro detido antes do início do protesto,

que começou na Praça da Independência.

A Polícia Nacional informou que os ferimentos se registaram quando os seus efectivos “tentavam persuadir alguns cidadãos a não abandonarem o espaço” autorizado para a manifestação. Os contestatários só foram travados quando “reforços policiais que vinham de várias direcções” os interceptaram, segundo o correspondente da Voz da América, que descreveu os reforços como “homens à civil, fisicamente bem constituídos, que se supõe pertencerem às forças especiais”.

O repórter da RTP deu conta da intervenção de “elementos não identificados”, que actuaram de modo violento.

Mais uns dias nos calabouços à espera de serem apresentados ao juiz. É isso que vai acontecer aos angolanos detidos na manifestação de sábado (3) em Luanda, que estavam para ser apresentados ao juiz na terça-feira, mas cuja audiência foi adiada, de acordo com a informação dada por um dos advogados de defesa.

Terça-feira (6) foi o primeiro dia em que os activistas de direitos humanos puderam chegar à fala com os detidos, adiantou David Mendes, antigo líder da Associação Mãos Livres. “Tivemos acesso aos detidos mas a audiência foi adiada para a próxima quinta-feira (8). O auto estava mal formulado, porque a participação na manifestação não é crime”, disse o advogado.

No entanto, apesar de o atraso no processo ser culpa das autoridades, os detidos vão ter de continuar mais duas noites na prisão até serem presentes a tribunal. “O juiz decidiu-se pela não liberdade, embora sem fundamento legal. Em nenhum momento explicou a razão pela qual não ordenou a libertação dos detidos, quando a lei permite que sejam soltos”, explicou David Mendes.

Apesar de na terça-feira, por fim, as autoridades terem revelado o número de detidos na manifestação – “a polícia fez 21 detidos”, adiantou o advogado –, continuaram a impedir a defesa de cumprir o seu papel, pois não lhe foi facultado o acesso ao processo.

“Sabemos que são acusados de ofensas corporais e crime de danos mas não sabemos o valor dos danos, nem que ofensas corporais.” Isto não permite saber a moldura penal a que estão sujeitos os manifestantes detidos.

O caso não mereceu qualquer comentário por parte do Governo de Angola - “O silêncio é para não chamar a atenção pública”, opina o advogado –, além de ser “um assunto que não passa nos media”. Só a Polícia Nacional se pronunciou oficialmente, de forma “muito lacónica”.

A verdade é que na terça-feira (6) mais de uma centena de pessoas se manifestou frente ao Tribunal Provincial da Polícia Nacional em Luanda, onde o processo será julgado sumariamente, a exigir a libertação dos presos. Mesmo com mais de duas dezenas de polícias, alguns com cães, não houve confrontos.

A Human Rights Watch emitiu um comunicado para dizer às autoridades de Angola que “devem pôr imediatamente termo ao uso de força desnecessária e desproporcional contra manifestantes”. Daniel Bekele, director para África da organização, refere que “as autoridades devem imediatamente divulgar o paradeiro das pessoas detidas durante a manifestação e dar-lhes acesso a advogados e às suas famílias. A omissão deliberada desta informação não só suscita preocupações sobre maus tratos na prisão, mas viola os direitos fundamentais a um processo justo”.

COMENTE POR SMS 821115



AMÉRICA DO NORTE

Fogos florestais devastam casas e causam duas mortes no Texas

A região do Texas foi devastada, segunda-feira passada, por 63 incêndios florestais, alimentados pelos ventos fortes causados pela tempestade tropical Lee, destruindo mais de mil casas e matando pelo menos duas pessoas.

As autoridades de Gregg County, no Nordeste do Texas, disseram que uma jovem de 20 anos e a filha de 18 meses morreram, no domingo, ao ficarem encurraladas pelas chamas dentro do carro.

O governador do estado, Rick Perry – que está na corrida para a candidatura a Presidente dos EUA pelo Partido Republicano – cancelou a sua comparência a um fórum dos candidatos na Carolina do Sul para regressar a Austin. “Já vi muitos incêndios horríveis durante a minha vida, mas este é o pior. Apercebemo-nos da dimensão da devastação, quando a presenciamos em primeira mão”, disse Perry numa entrevista, citada pela Reuters. “Não estou atento à política neste momento. Existem casas e vidas em perigo, e isso é muito mais importante”, acrescentou. “Nunca vi uma

época de incêndios como esta. Perdemos mais de 3,5 milhões de hectares em incêndios, o que é uma área superior ao estado do Connecticut. Temos um longo caminho pela frente até conseguirmos controlar a situação”.

Rick Perry pediu também às pessoas para que obedecessem às ordens de evacuação e para que não ficassem em casa se a electricidade fosse abaixada. “Compreendo que perder o nosso lar ou os bens de uma vida inteira seja terrivelmente difícil, mas não coloquem a vossa vida em risco”, apelou o governador.

Mais de 1,5 milhões de hectares arderam devido a incêndios florestais desde Novembro, alimentados por uma seca contínua que tem dado enormes prejuízos à indústria agrícola e que parece não ter um fim à vista.

Só no último domingo, o Serviço Florestal do estado respondeu a 63 avisos de incêndios, incluindo 22 de grande dimensão, num espaço de mais de 13 mil hectares. As autoridades

dizem que o mais grave é o de Bastrop County, que cobre uma área de 26 quilómetros. Segundo as autoridades, o fogo “cresceu consideravelmente” na segunda-feira, destruindo 10 mil hectares.

O Serviço Florestal adiantou também que dezenas de aviões estavam a ajudar a combater os incêndios. Na área de Steiner Ranch, em Austin, um fogo isolado levou à evacuação de 1000 casas. Uma mulher procurava desesperadamente pelo cão perdido através da parede fina de fumo negro. “Estava apenas a conduzir pela vizinhança. Estou grávida de cinco meses, estava a inalar fumo e a entrar em pânico”, contou. “Olhei para a minha direita e estava tudo a arder, tudo destruído.” O Texas está a sofrer a pior seca de sempre desde 1950. / **Por Público de Lisboa**



EUROPA

Ex-chefe do exército sérvio condenado em Haia a 27 anos de prisão

O Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia condenou hoje o ex-chefe do exército sérvio, Momcilo Perisic, a 27 anos de prisão por crimes de guerra, homicídio, perseguição e ataques a civis durante as guerras da Bósnia e Croácia, incluindo o massacre de Srebrenica e o cerco de Sarajevo. A acusação pedira o máximo de pena – prisão perpétua – para Perisic, de 67 anos e o mais alto graduado militar da ex-Jugoslávia a ser julgado em Haia, alegando que o arguido planeou e incitou aos ataques de atiradores furtivos em Sarajevo, entre 1993 e 1995, nos quais se estima que morreram centenas de pessoas. Foi-lhe igualmente atribuída responsabilidade pelo massacre em

que, em 1995, sob ordem do já capturado comandante militar sérvio Ratko Mladic, foram mortos mais de oito mil homens e rapazes muçulmanos em Srebrenica.

Os seus advogados de defesa insistiam, porém, em que deveria ser dado como inocente e libertado, com o argumento de que Perisic – então chefe de estado-maior das forças sérvias – não tinha verdadeiro controlo sobre as acções dos comandantes no terreno responsáveis por aquelas mortes.

Os juízes acabaram por dá-lo como culpado de ter dado apoio financeiro e logístico às forças militares sérvias na Bósnia e Croácia, assim como

de ter ajudado a planejar os crimes de guerra ali cometidos.

Perisic foi detido perto da capital sérvia, Belgrado, em Março de 2002, quando estava a passar documentos secretos a um diplomata norte-americano. Era então vice-primeiro-ministro e liderava o comité parlamentar sobre Defesa e Segurança, razão pela qual gozava de imunidade e acabou por ser libertado pouco depois. Os procuradores militares sérvios mantiveram, porém, a pressão, visando-o com acusações de espionagem, na sequência das quais Perisic decidiu render-se às forças de segurança internacionais no país. / **Por Público de Lisboa**



ÁFRICA

Coluna militar líbia chega ao Níger em provável negociação de refúgio para Khadafi

Uma numerosa coluna militar líbia entrou em território do Níger, no mais recente sinal de capitulação das forças que se mantinham ainda leais ao regime do deposto Muammar Khadafi, mas também sugerindo que podem estar em curso negociações para dar refúgio ao coronel num país africano “amigo”.

O grupo, com uns 200 a 250 veículos armados, transporta na maioria guerrilheiros tuaregues que tinham sido recrutados por Khadafi, segundo foi reportado por fontes militares do Níger e confirmado por responsáveis franceses à agência noticiosa britânica Reuters. Um residente de Agadez, no norte do Níger, conta porém serem pouco mais de uma dezena de camiões com tropas líbias muito bem armadas, acompanhadas por alguns guerrilheiros tribais tuaregues.

“Vi uma coluna impressionante e não habitual de muitas dezenas de veículos a entrar em Agadez, vindos de Arlit, uma cidade mineira perto da fronteira com a Argélia, e dirigir-se por estrada em direcção a Niamey”, relatou à agência francesa AFP uma testemunha militar local, sob anonimato, dando conta dos “rumores de que Muammar Khadafi ou um dos seus filhos, provavelmente Saif al-Islam, estarão na coluna”.

Fonte militar francesa avalia que este movimento de tropas pode ser uma tentativa do coronel de negociar secretamente com as autoridades de Niamey um refúgio seguro naquele tradicional aliado do seu regime. O mesmo responsável indicou que a coluna militar líbia foi escoltada por soldados do Níger, sugerindo ainda que Khadafi poderá ainda juntar-se a ela numa rota em direcção ao Burkina Faso, país que lhe ofe-

receu asilo.

Não há porém qualquer confirmação de que Khadafi esteja naquela coluna militar, ao mesmo tempo que o seu porta-voz, Moussa Ibrahim, continua a reiterar que o deposto líder líbio permanece no país natal e “com o ânimo elevado”. “(Khadafi) está num lugar na Líbia, ao qual não chegarão os grupos divisionistas”, afirmou em referência ao movimento rebelde que pôs fim aos 42 anos de Governo autocrático do coronel.

Horas antes da entrada da coluna militar líbia no Níger, o canal de televisão Al-Jazira reportara que os rebeldes tinham finalmente conseguido firmar um acordo com representantes das forças leais a Khadafi na cidade de Bani Walid, um dos últimos quatro redutos do coronel na Líbia, a par da sua cidade natal, Sirte, e ainda Jufra e Sabha.

Segundo a Al-Jazira, este acordo dá luz verde para as tropas da rebelião entrarem ainda hoje, e sem combates, em Bani Walid, cidade a 150 quilómetros para sul de Trípoli. Mas a Reuters cita líderes rebeldes pondo esta hipótese em dúvida e avaliando as negociações como não tendo sido sérias, uma vez que as forças pró-Khadafi continuaram a disparar enquanto as mesmas decorriam.

Ainda assim, o líder do Conselho nacional de Transição, órgão político da rebelião e tido quase com consenso global na comunidade internacional como o governo provisório de facto na Líbia, insistiu hoje que as conversações para a rendição de todos os leais a Khadafi vão continuar até este sábado, quando termina o ultimato dos rebeldes. / **Por Público de Lisboa**

Publicidade

Pick n Pay
OFERTA DE
Final de Semana
PRODUTOS FRESCOS A PREÇOS BAIXOS

5Mt
Cada
Pão Cassete
200g

www.pnp.co.mz

Preços Válidos até 11 de Setembro de 2011
AVENIDA DE ANGOLA 1745. TEL: 21468600
Quantidades Limitadas. Enquanto houver stock disponível.
Inovadora e venível a retalhistas, T.E.C.F.

Á água é um bem precioso, utilize-a sabiamente. Ajude a nossa planície, Recicle



OCEANIA

Libertada na Austrália rapariga de 11 anos raptada pelo pai

Libertada na Austrália rapariga de 11 anos raptada pelo pai

A polícia australiana anunciou a detenção de um homem de 52 anos que se barricara no interior de um complexo judicial em Sidney (Sul), com uma criança como refém, que foi resgatada sem ferimentos, depois de 12 horas de sequestro. “As negociações começaram a falhar e deterioraram-se a ponto de a polícia ter de invadir as instalações e deter o indivíduo”, disse Dennis Clifford, porta-voz da polícia de Sidney.

A polícia isolou a área depois de testemunhas terem garantido que um homem tinha entrado no complexo e mantinha refém uma criança, afirmando

ter uma bomba na mochila. Várias patrulhas policiais, paramédicos e bombeiros foram enviadas para o local.

O alegado sequestrador surgiu numa janela do segundo andar do nº 11 de George Street, no bairro de Parramatta, sem camisa e com uma peruca de advogado, enquanto mostrava o polegar virado para baixo em sinal de desaprovação, de acordo com o canal de televisão Channel 9.

O porta-voz da polícia não divulgou o nome do suspeito nem quais eram as suas exigências. A polícia estava ainda a examinar a mochila do homem detido para verificar se de facto continha uma bomba. / **Por Redacção e Agências**



AMÉRICA CENTRAL/ SUL

Capacetes azuis uruguaios suspeitos de violação no Haiti

O Uruguai chamou de regresso a casa cinco dos seus capacetes azuis, integrados nas forças de paz das Nações Unidas no Haiti, sob suspeita de terem estado envolvidos em abusos sexuais de um adolescente, com o exército do país a prometer a aplicação de “medidas severas e exemplares” face às alegações.

A chamada dos suspeitos de regresso ao Uruguai foi tomada após ter sido divulgado na Internet um vídeo, filmado com um telemóvel, no qual vários soldados uniformizados imobilizam um rapaz numa cama durante o que parece ser uma violação, que terá ocorrido numa base da ONU no sul do Haiti.

“Estamos a analisar estas alegações com extrema seriedade e se forem dadas como provadas, os responsáveis por estes actos serão levados à justiça. As Nações Unidas têm uma política de tolerância zero em relação a qualquer má conduta, exploração ou abuso sexual”, sublinhou o porta-voz da missão

da ONU no Haiti (Minustah), Eliane Nabaa.

A polícia militar das Nações Unidas abriu uma investigação ao caso, assim como as autoridades do Uruguai, com uma comissão de inquérito chefiada por um magistrado, que foi aberta na semana passada, por ordem do ministro da Defesa do país, Eleuterio Fernandez Huidobro. Este descreveu os alegados actos cometidos pelos capacetes azuis como “aberrantes”. O chefe das forças navais do Uruguai no Haiti foi afastado, também na sequência deste caso.

O Uruguai, com cerca de 1200 soldados no Haiti, está igualmente a investigar suspeitas de que várias jovens mulheres haitianas foram engravidadas por membros das suas forças de paz naquele país. A Minustah está no Haiti desde 2004, para actuar numa situação de grande instabilidade no país após a deposição do Presidente Jean-Bertrand Aristide. / **Por Redacção e Agências**



ÁSIA

Pelo menos nove mortos em atentado terrorista em Nova Deli

Pelo menos nove pessoas morreram na explosão de uma bomba na última quarta-feira às portas do Supremo Tribunal de Nova Deli, em pleno

centro da capital indiana, de acordo com um novo balanço avançado pela polícia e citado pela AFP. “Nove pessoas morreram e 40 ficaram feridas. Ainda não temos confirmação do tipo de bomba utilizada”, declarou à AFP um responsável da polícia, Mohammed Akhlaque. O ministro do Interior, RK Singh, também já confirmou este mais recente balanço.

A polícia esclareceu que a



bomba foi colocada dentro de uma mala junto aos portões da entrada principal do tribunal. As autoridades colocaram Nova Deli e a capital financeira indiana, Bombaim, em estado de alerta, temendo novos ataques.

Em Junho último, um carro armadilhado tinha igualmente explodido junto ao Supremo Tribunal sem provocar vítimas. / **Por Público de Lisboa**

Os mineiros moçambicanos a trabalhar na vizinha África do Sul passarão a receber, a partir de Novembro próximo, os seus salários no Banco Comercial e de Investimento (BCI). O BCI é vencedor de um concurso público lançado pelo Governo, em 2010, com o objectivo de criar condições para que os trabalhadores moçambicanos nas terras do rand possam movimentar os seus rendimentos de forma segura, rápida e eficiente.

Jovem que aposta na machamba

Enquanto muitos jovens não olham para a agricultura como uma alternativa ao desemprego, Sérgio socorre-se dela para buscar forças, pegar na enxada e trabalhar a terra que lhe garante a subsistência.

Texto & Foto: **Hermínio José**

Sérgio Paulo Mangue conta com 32 anos de vida, dos quais oito dedicados ao seu trabalho diário na machamba que, no princípio, servia de uma base de sustentação da família. Hoje, parte significativa da sua produção é destinada à venda como forma de fazer face às dificuldades que a vida impõe. Explora uma zona do cinturão verde do Infulene "A", no município da Matola, numa área fronteiriça entre este bairro e o Acordos de Lusaka.

O jovem machambeiro conta que, depois de concluir a 10ª classe em 2001, tinha o desejo de ingressar para o II ciclo do ensino secundário mas, porque as dificuldades da vida se mostraram mais fortes do que os seus desejos e anseios, não conseguiu continuar com os estudos. "Mesmo querendo prosseguir não pude fazê-lo, os meus pais não dispunham de condições financeiras para o efeito", diz.

Mas como não é pela morte de uma andorinha que acaba a primavera, Sérgio Paulo decidiu apostar na agricultura. A mãe, que agora se queixa da terceira idade, tinha uma porção de terra onde plantava culturas como alface e couve para o consumo familiar.

O pequeno agricultor seguiu os caminhos da mãe. "Em 2002, comecei a dedicar a minha vida à esta actividade, com a minha mãe trabalhei poucos anos porque a idade já não permitia que ela fizesse trabalhos pesados, mas ela fez questão de deixar a porção de terra que detinha sob minha responsabilidade", conta.

De 10 canteiros para 150

O jovem diz que começou a desenvolver a actividade agrícola com apenas 10 canteiros nos quais plantava apenas alface, cujo destino era para venda e para o consumo familiar.



Devido ao seu esforço e dedicação, conta actualmente com 150 canteiros, o que significa que em 9 anos conseguiu ter 140 canteiros, nos quais planta 5 tipos de cultura, nomeadamente alface, couve, beterraba, cebola e folhas de abóbora.

"Invisto principalmente no plantio de alface e couve, estas duas culturas é que suportam o meu negócio, isso não significa que as outras culturas não sejam rentáveis. O problema é que quando fazemos canteiros exclusivamente para o plantio da cebola e beterraba, isso serve de um chamariz para os malfeitores que, por falta de segurança nas nossas machambas, fazem e desfazem.", conta, para depois acrescentar que houve um tempo em que dedicava uma parte dos seus canteiros ao plantio destas duas culturas – alface

e couve –, mas quando atingissem a fase de desenvolvimento, os malfeitores roubavam, como se de propriedade deles se tratasse".

O nosso interlocutor afirma que dos 150 canteiros, 100 são arrendados e o remanescente pertence-o. "A minha mãe deu-me 10 canteiros, com o andar do tempo comprei mais 40", afirma. No fim de cada plantação tem de pagar o arrendamento dos canteiros. "Dos 100 canteiros, 35 pago no fim de cada plantação o valor de 500 meticais, para os restantes 65 pago mensalmente 350 meticais. Pago as rendas sem problemas, independentemente da minha produção".

Em termos de lucro, Sérgio conta que nos 100 canteiros, conseguem ter em média 10 mil meticais, isso nos meses em que o tempo é favorável à produção da alface e couve, culturas que garantem a sustentabilidade da sua actividade. Para ele, à semelhança de qualquer um cuja actividade esteja directamente ligada à terra, o factor tempo joga um importante papel, contra a natureza pouco ou nada se pode fazer.

"Na verdade a nossa actividade depende exclusiva e essencialmente do tempo. Por exemplo, a minha receita mensal baixou nos últimos três meses, devido à baixa temperatura que não propiciava o plantio da alface, mais do que isso, a minha machamba está numa área que apanha a corrente marítima carregada de ácidos que impedem o desenvolvimento normal das culturas e, como resultado disso, temos fraca colheita e muitas quebras", lamenta.

Investir para colher quebras

O jovem revelou à nossa reportagem que, entre os meses de Junho e Agosto, a produção de alface foi muito afectada por temperaturas baixas que se fizeram sentir, aliadas à praga da borboleta branca que afecta a couve. Isso fez com que nesse período "eu tivesse uma quebra estimada em sete mil meticais, o que significa que investi em 28 canteiros que, infelizmente, não foram produtivos. Este último trimestre foi o período que mais prejuízos tive".

"Mesmo com as baixas registadas no último trimestre, consegui pagar a porção da terra que ocupo, até os meus dois trabalhadores são pagos no fim de cada mês", comenta.

No entanto, Sérgio conta que o ano passado figura no topo em termos de receitas arrecadadas, tendo atingido cerca de 13 mil meticais. Este incremento fez com que levasse uma parte do valor para arrendar mais uma porção de terra para produção.



Porque a actividade agrícola não só depende destes factores – recursos humanos, tempo e culturas – Sérgio utilizou uma parte dos seus fundos para aquisição de adubos, insecticidas e estrumes para garantir a produtividade que, infelizmente, não chegou de se concretizar na sequência da má influência do tempo e da existência da praga da borboleta branca que afecta a cultura da couve, e que surgiu há dois meses. "Já tentámos aplicar insecticidas para combatê-la mas em vão, elas – as borboletas – continuam a reproduzir-se e a devastar as nossas culturas".

Cada saco de estrume custa 35 meticais e só cobre cinco canteiros durante um mês, tempo correspondente a uma plantação, o que significa que por mês tem de comprar 30 sacos de estrume. No que diz respeito às sementes, Sérgio afirma que 100 gramas podem durar um ano, independentemente da cultura.

O processo de produção

As sementes são lançadas numa zona muito restrita para a produção dos viveiros, processo que leva no máximo três semanas. Depois de prontos, os viveiros são plantados de forma organizada nos canteiros. Esta é a última etapa de produção.

A alface leva em média 35 dias para estar em condições de ser consumida e a couve cerca de 45, mas o desenvolvimento das culturas depende acima de tudo das condições climáticas.

Dificuldades

As dificuldades que enfrenta estão relacionadas com a compra do estrume. Os 30 sacos de estrume que tem de adquirir para aplicar nos seus 150 canteiros custam-lhe 1050 meticais por mês. "Por vezes é difícil ter de comprar essas quantidades de estrume, a situação piora quando as culturas não têm saída e, em consequência disso, acumulo prejuízos. Tive uma dura experiência de Junho a esta parte, investi muito dinheiro e infelizmente tive mitos prejuízos", lamenta.

Sérgio vai mais longe ao afirmar que outro problema tem a ver com o transporte dos sacos de estrume desde os aviários onde os adquire até às machambas. Os transportadores cobram valores que rondam entre os 300 e 500 meticais, dependendo da distância.

Outro facto não menos preocupante para Sérgio é a acção maliciosa de alguns indivíduos que à calada da noite vandalizam alguns canteiros e retiram alface, cebolas e beterrabas. "A minha machamba está localizada nas bermas da rua e, por via disso, está exposta aos amigos do alheio que sem dó nem piedade, fazem questão de limpar todo o canteiro", conta.

O nosso interlocutor não descarta a possibilidade de os larápios saquearem as culturas para venda a grosso. "Acredito que eles façam uma espionagem durante o dia para verem em que área podem roubar durante a noite, quando os vemos por entre os canteiros à luz do dia, pensamos que são pessoas honestas que eventualmente estejam a passar ou a apreciar", afirma.

Empresas 'amigas' do coronel podem sofrer retaliações

Começou a corrida ao petróleo líbio. Mas a longo prazo a grande mudança é o fim do papel dos sauditas na gestão mundial do crude.

Texto: **Jornal Expresso de Lisboa**

A guerra na Líbia destruiu grande parte das infra-estruturas de exploração petrolífera, pelo que provavelmente será preciso um ano para repor a normalidade. António Costa Silva, administrador da Partex, diz que de uma produção diária de 1,4 milhão de barris, a Líbia passou praticamente para zero. "Houve muita destruição em quase todo o país e a maior parte das explorações foi afectada pela guerra", sublinha aquele especialista em mercados petrolíferos.

No mesmo sentido, o novo presidente da Empresa Nacional de Petróleos da Líbia prevê que o país demore 15 meses a recuperar a produção anterior à guerra. Até agora, a exploração petrolífera na Líbia era dominada pela italiana ENI, pela alemã Wintershall, pela austríaca OMV e ainda pela espanhola Repsol. As quatro companhias juntas, em associação com a empresa local Agoco, eram responsáveis por 80% das explorações.

No entanto, pelo menos nos próximos anos, "é muito natural que venha a haver algumas retaliações sobre as empresas que trabalhavam com o regime de Kadhafi", diz António Costa Silva. "Não me admiraria se estas empresas, sobretudo da Alemanha (que se absteve no Conselho de Segurança) e de Itália, fossem relegadas para segundo plano, e que agora se posicionassem algumas empresas francesas e britânicas, visto que apoiaram os rebeldes."

Segundo o diário francês "Libération", os rebeldes líbios teriam prometido 35% da futura exploração petrolífera a empresas francesas do sector. O jornal fala de um acordo secreto entre o Conselho Nacional de Transição líbio e o Presidente francês, Nicolas Sarkozy.

Contudo, Luís de Sousa, investigador no Centre Henri Tudor, no Luxemburgo, e editor do "The Oil Drum", coloca alguma água na fervura: "Sendo imprevisível o resultado político, é imprudente pensar que as relações entre os países da OCDE (países mais ricos do mundo) e a Líbia e o acesso aos seus recursos estratégicos serão mais fáceis do que foram nos últimos anos do regime de Kadhafi".



Luís de Sousa sublinha que "a primavera árabe é, de certa forma, uma libertação popular do protectorado ocidental" em relação a muitos regimes ditatoriais do Magrebe e Médio Oriente, desde os choques petrolíferos dos anos 1970. Pelo que os desfechos políticos poderão ser, paradoxalmente, em geometria variável e os cenários emergentes não serem o que é desejado por europeus e norte-americanos e pelas suas petrolíferas.

O investigador português aponta para uma tendência de fundo que está a marcar o panorama da geoeconomia do petróleo do Magre-

be e Médio Oriente: "A OCDE está a perder o poder de controlo militar e político nesta região. Sinal disso é o aumento extraordinário das reservas estratégicas de petróleo dos membros da OCDE", permitindo-lhes ter uma almofada mais sólida em situações de crise geopolítica e de disparo dos preços.

Por seu lado, o especialista Arthur Breman sublinha que os EUA – terceiro maior produtor mundial, depois da Rússia e da Arábia Saudita – e o Canadá (sexto, nessa classificação) estão a proceder a um verdadeiro "renascimento" da produção petrolífera, podendo vir a alterar a balança de equilíbrios geopolíticos neste recurso estratégico.

Outra constatação surgiu num estudo de Robert McNally e Michael Levi, publicado na última edição da revista "Foreign Affairs". "Muita da influência da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) já se perdeu. A Arábia Saudita e os seus parceiros já não detêm consistentemente os grandes volumes de capacidade de produção disponível que tinham antes", dizem. O papel de "banco central do petróleo" que a Arábia Saudita desempenhava, abrindo e fechando a torneira consoante a conjuntura, está a enfraquecer.

A Agência Internacional de Energia antecipou que, entre 2013 e 2016, a capacidade de reposição da OPEP ficará abaixo do limiar de 5%. Isto implica uma nova "lei": "Quanto menor for a capacidade de reposição maior a ameaça de um disparo dos preços em virtude de qualquer disrupção política". Os governos e as empresas deverão preparar-se para oscilações, por vezes 'selvagens', dos preços do petróleo e para uma era de volatilidade com implicações na segurança, no risco de conflitos e nas previsões económicas.

Um novo matadouro, construído de raiz, deverá entrar em funcionamento até Outubro na cidade de Nampula. Resultante de um investimento de mais de 12 milhões de meticais, a infra-estrutura vai mudar o cenário considerado deplorável que se vive nas actuais instalações, localizadas no bairro de Muatala.

Os sobreviventes do matadouro

@Verdade levanta o véu dos bastidores do Matadouro Municipal de Nampula e constata que o local é mais do que um simples abatedouro de gado para consumo público. Até porque centenas de pessoas fazem do espaço um ponto de sobrevivência. Aqui, de segunda a sexta-feira, o trabalho é penoso, e é necessário mais do que força de vontade para ganhar o sustento diário.

Texto & Foto: Helder Xavier



Num passo estugado, Mildo Martins atravessa a estrada que separa os bairros de Mutauanha e Muatala, arredores da cidade de Nampula. Com uma enorme faca aguçada na mão direita que acompanha o seu movimento, caminha em direcção ao matadouro que se localiza de outro lado da rua. Esta tem sido a sua rotina, de segunda a domingo.

Todos os dias, quando sai de casa, pelas 7h00, Martins despede-se da sua mulher, mas nunca diz que vai para o trabalho. “Não tenho emprego, esta é uma simples ocupação que me permite obter algum dinheiro”, afirma. Ele tem apenas 18 anos de idade e já carrega uma (grande) responsabilidade: é chefe de um agregado familiar composto por três pessoas. “Tenho de garantir o sustento da minha família, pois ela depende só de mim”, comenta.

A sua ocupação é apascentar gado bovino. E auferir 100 meticais diários, independentemente da quantidade de bois. Aliás, sublinhe-se, não são todos os dias que tem a sorte de apanhar esse biscate. “Na maioria das vezes, consegue-se esse trabalho apenas aos fins-de-semana”, adianta. Quando não está a pastorear, ajuda na matança e, em troca, recebe gorduras do animal e pequenos pedaços de carne, o que lhe permite obter, por dia, em média, 200 meticais após a venda. “Às vezes, levou para casa para o consumo”.

Mas nem sempre foi assim. Martins começou por ser servente num talho durante dois anos (tempo que durou o seu contrato de trabalho), porém, sem opção e, muito menos, uma fonte de rendimento, recorreu ao matadouro. É neste espaço no qual passa o dia “vendendo” a sua força de trabalho em troca de pequenos pedaços de pele, carne e gorduras.

O caso de Mildo Martins é apenas mais um num universo onde existem mais de mil e uma histórias de vida dos que lutam freneticamente pela sobrevivência.

Aqui, o trabalho não pára

Ainda são 7h00 da manhã. Um aglomerado de pessoas sobressai

aos olhos no recinto das instalações onde, desde os tempos idos, funciona o matadouro público de Nampula. À primeira vista, parece um edifício abandonado. Mas, quando nos aproximamos, a dúvida quase desaparece, não fosse a presença humana no seu interior, uma vez que não passa de uma ruína.

No interior, um cheiro pútrido – uma mistura de sangue e dejectos de animais – invade as narinas, perante a indiferença de pouco mais de 20 pessoas que lá se encontram sobre um soalho manchado de sangue. São as únicas pessoas que sorriem, apesar do odor forte e desagradável, de causar náuseas.

Neste matadouro, o trabalho começa cedo e não tem horas para terminar, a não ser quando cumprida a meta: abater 20 cabeças de bois. A equipa de inspecção e fiscalização do Conselho Municipal de Nampula faz visitas constantes para averiguar se o limite é respeitado. “Antigamente, matava-se mais de 30 num só dia e isso era desgastante para os trabalhadores”, diz o fiscal.

Aliás, as tarefas não acabam após o abate dos animais, pois também é preciso pesar e levar a carne até às carrinhas de caixa aberta dos proprietários do produto. “Este é a parte mais difícil e desgastante, pois, ao fim do dia, chegamos a carregar mais de 200 quilos nas costas”, desabafa João*, cuja idade se vai mostrando um obstáculo para continuar a exercer a actividade.

Nas primeiras horas do dia, o labor inicial é limpar o “campo de matança”. Ostentando uniformes, de cor amarela, encardidos de sangue, e com dizeres “Conselho Municipal de Nampula” nas costas e botas pretas (galochas), os funcionários do matadouro preparam-se para mais uma (pesada) jornada. Não dispõem de máscaras e tão-pouco de luvas. Os únicos instrumentos de trabalho são machados e facas pontiagudas.

Uma missão quase impossível

Quando um animal é retirado do curral para a área da matança, geralmente cinco minutos é o tempo que leva para ser abatido. Mas

nem sempre tem sido assim, pois, em alguns casos, devido à resistência do bicho, é preciso meia hora.

Com uma corda no pescoço, os bois são arrastados por um grupo constituído por cinco pessoas e amarrados num dos quatros pilares. Com facas afiadas, cada indivíduo espera que o animal se distraia e vai desferindo violentos e cruéis golpes na parte superior da cabeça. Todo o cuidado é pouco. O bicho torna-se mais agitado com os ferimentos. Entre uma facada e a outra, o boi muge, esperneia e tenta dar coices a quem se aproxima. Grita de dor. A cena repete-se sucessivamente, até o animal cair ofegante e inconsciente.

O animal é morto de acordo com o ritual islâmico. Ahona, um idoso que não se lembra a data em que nasceu mas aparenta mais de 70 anos de idade, faz o abate “halal”. De corpo curvado e ombros descaídos, perfura com a uma catana aguçada a garganta do bicho. E, em troca, no fim do dia, amealha pelo menos dois quilogramas de carne. Há muito tempo que tem vindo a ganhar a vida dessa maneira.

Não há muito tempo a perder, até porque ainda restam muitos bois por sacrificar. Entretanto, segue-se o esfolamento do animal. Em pouco menos de meia hora, o soalho fica banhado de sangue. O trabalho é feito de forma manual e arcaica. Os trabalhadores do matadouro são insuficientes. Apenas sete estão em serviço e, por isso, têm de contar com a ajuda dos jovens que procuram o sustento naquele lugar.

Equipados à sua maneira, na sua maioria usando calças e calções duplicados e com bolsos enormes, não se fazem de rogados, aproximam-se e já estão prontos para o que der e vier. A indumentária não é escolhida ao acaso. É estratégica, aliás, permite esconder pedaços de carne que desviam, quando ninguém está a vigiá-los.

Os roubos de algumas partes de carne são frequentes durante o esfolamento. Mas nem sempre a sorte está do lado de quem desvia, sobretudo quando se é apenas ajudante – que o diga Nino, o rapaz de 17 anos de idade (10 dos quais ganhando a vida no matadouro)

Construída há dezenas de anos no bairro de Muatala, a actual infra-estrutura não oferece mínimas condições para abate de animais para a venda pública.

DESTAQUE

COMENTE POR SMS 821115



que viu uma faca raspar-lhe o braço quando tentava esconder um pedaço de pele nas peúgas.

Pele, tripas, fígados e pulmões são as partes que os jovens mais surripiam. Alguns, muitas vezes, chegam a esconder nos excrementos de bois.

Assassinos cruéis

À saída de um talho com um saco de plástico contendo dois quilos de carne de vaca, Alberto Marques não imagina a crueldade por que passa o gado. “Acho que essa preocupação deve partir dos defensores de animais”, diz.

Os animais são colocados num curral, uma espécie de espera, onde ficam por algumas horas. Neste local, percebe-se o nervosismo dos animais que mugem frenética e constantemente, como quem já antecipa o fim que lhe espera. Quando chega a hora do abate propriamente dito, o animal é puxado, com uma corda amarrada no pescoço, e um jovem começa a chicoteá-lo.

Ao entrar no “campo de matança”, o animal entra em pânico, uma vez que pode cheirar o sangue e os pedaços de carne dos animais que o antecederam. Inutilmente, tenta fugir dando saltos. Preso a um pilar, o boi já não consegue oferecer resistência. De uma facada a outra, golpeiam a sua cabeça, quebrando-lhe o crânio.

Os magos do matadouro

De estatura baixa e corpo robusto, João rende-se ao cansaço e senta-se no chão emporcalhado, passa a sua mão suja sobre o nariz e olha fixamente para os colegas que esfolam o animal. Não quer ser identificado porque, afirma, “temos de ter autorização do chefe para falar à imprensa”. Mas, depois de alguma insistência, aceita trocar um dedo de conversa na condição de anonimato.

Trabalha no matadouro há 31 anos. Uma vida inteira dedicada a esta actividade. Graças a ela, sustenta a sua família. Nunca soube fazer mais nada senão abater, esfolar e carregar nas costas carne de vaca. “Não vejo a hora de reformar”, diz.

Mas, quando pensa em abandonar aquele local, um misto de tristeza e preocupação toma conta dele. “Há 31 anos que não sei

o que é comprar carne, pois sempre retiro, sem que o proprietário se aperceba, um pedacinho aqui e ali para o consumo e, às vezes, para vender”, revela e acrescenta: “não há aqui quem não tenha roubado um naco sequer. É assim que todos vivemos”.

Francisco Tarrua coordena a matança na ausência do seu superior hierárquico. Recusa-se a falar sobre o seu trabalho. “Só com autorização do chefe”, sublinha. De figura esguia, manca da perna esquerda, aparenta pouco mais de 60 anos de idade e carrega vários anos de experiência na área de abate de gado. O rosto enrugado não disfarça o cansaço, afinal, são mais de oito horas de trabalho árduo.

No matadouro há dois grupos de trabalhadores: os funcionários do Conselho Municipal e os indivíduos que procuram uma alternativa de sobrevivência trabalhando como ajudantes. Os primeiros já contam com uma certa idade, rondando os 50 e 60 anos de idade, mas ainda exibem a força de jovens na faixa etária entre 20 e 35. Os outros são um bando de rapazes votados ao desemprego.

Porém, para estes grupos de trabalhadores, o matadouro é a única fonte de renda das suas famílias. “Este é o nosso local de trabalho, o nosso serviço”. O trabalho no matadouro já ultrapassou algumas gerações.

Um mercado incomum

Deitadas no chão, e outras encostadas na parede, com panelas, bacias e baldes de plásticos, várias mulheres aguardam no recinto do matadouro para adquirirem partes como cabeça, pele, pulmões, tripas e fígados para fazer petisco e vender nas barracas em alguns mercados da periferia da cidade.

São 15h30. Alima Murima, de 28 anos de idade, espera que a porta que dá acesso à área da matança seja aberta. Chegou às 8h00 da manhã com o objectivo de comprar uma cabeça de vaca, mas, não satisfeita com o tamanho, optou por adquirir as tripas. “Não posso pagar 600 meticaís por essa cabeça. É pequena demais e não terei lucro”, afirma.

É dona de uma barraca no bairro de Namutequeliua, arredores de cidade de Nampula. Há seis anos e meio que se dedica à venda de bebidas alcoólicas e, como ninguém, sabe

da importância de um bom petisco. “Os clientes gostam de cabeça de vaca e tripas, e outros preferem a dobrada, mas o mais importante é não faltar um petisco”, diz.

À semelhança de Alima, também outras senhoras são movidas pelo mesmo espírito: a sobrevivência. Margarida Amade, de 30 anos de idade, vende petisco de tripas de boi na porta da sua casa e, às vezes, circula pelas barracas de Karrupeia, seu bairro.

O preço duma cabeça de vaca, dependendo do tamanho, varia entre 500 e 600 meticaís, as tripas rondam entre 250 e 300 e a pele custa de 400 a 600. Geralmente, a margem de lucro dessas mulheres situa-se entre 200 e 350 meticaís.

José*, de 33 anos de idade, gozando da boa relação que tem com os proprietários da carne, obtém aquelas porções a um preço especial no interior do matadouro e revende-as na porta para aquele grupo de mulheres, o que lhes permite uma margem de lucro que varia entre 50 e 150 meticaís.

Esta tem sido a sua ocupação todos os dias. “Faço esse negócio para sustentar a minha família. Por dia, amealho pelo menos 500 meticaís. Não tenho 25 mil ou 30 mil meticaís para adquirir uma cabeça de boi para vender a carne, mas esse é o grande objectivo”, conta.

Entretanto, o grande negócio é feito pelos proprietários de gado que é vendido aos principais talhos da cidade, restaurantes e hotéis. Refira-se que a carne de vaca consumida um pouco por toda a província de Nampula é abatida naquele espaço sob tutela do Conselho Municipal. O preço cobrado pela matança é de apenas dois meticaís o quilo.

Do lado de fora do matadouro, carrinhas de caixa aberta perfiladas carregam a mercadoria. Não há preocupação com a higiene e tão-pouco com a qualidade do transporte. Exposta ao sol e às moscas, a carne é apenas protegida por lonas.

Mas, quando parece que o dia terminou, começa outro negócio: o de pedaços de carne surripiados. O preço é acessível e, por essa razão, as pessoas que moram próximo do matadouro aguardam sempre por esse momento.

**Nomes fictícios*





Segunda a Sábado 20h35

CORDEL ENCANTADO



Todos na cidade ficam abalados com a morte de Jesuíno. Timóteo fica aliviado quando Úrsula fala que Açucena vai se apaixonar por ele depois que tomar sua poção. Jesuíno chega ao acampamento dos cangaceiros e Cândida o abraça aliviada. Cícero, Dora e Felipe entram disfarçados na fazenda de Timóteo. Lílica descobre que foi Silvério quem celebrou o casamento de Timóteo e exige o papel principal no filme de Tomás para não contar sua descoberta ao vilão. Timóteo fica irritado ao saber que foi enganado.

Zóio-Furado vê Dora e Felipe abrindo a porteira da fazenda para os cangaceiros. O coronel exige que ninguém conte a Açucena que o filho do cangaceiro está vivo. Zóio-Furado intercepta Dora e Felipe, mas deixa os dois escaparem. Jesuíno fica preocupado ao saber que a amada continua na fazenda. Timóteo se arruma para sua noite

de núpcias. Úrsula entrega sua poção para Açucena.

Úrsula convence Açucena a tomar a poção e avisa que deixará o antídoto com seus pais adotivos. Herculano prende Jesuíno no acampamento para evitar que ele vá à fazenda de Timóteo. Penélope avisa a Augusto que Herculano não conseguiu libertar Açucena. Doralice garante a Felipe que vai descobrir a ligação entre Zóio-Furado e Ternurinha. Timóteo se desespera ao ver Açucena desacordada. Úrsula exige o tesouro de Seráfia em troca do antídoto para a princesa. Jesuíno consegue se libertar e vai atrás da amada. Timóteo cede à chantagem de Úrsula. Zóio-Furado desconfia ao ver Nicolau arrumar a carroça para ir embora com a duquesa. Úrsula engana o coronel com o vidro errado do antídoto. Jesuíno aparece no quarto de Açucena e se desespera ao vê-la imóvel.

Segunda a Sábado 21h35

MORDE & ASSOPRA

Marcos sugere que a mãe passe as propriedades e o dinheiro que restou para o nome de Natália e resolve sondar a ex-mulher. Cristiano leva flores para Natália e Marcos conclui que eles estão namorando. Salomé propõe a Cleonice que ela seja sua laranja. Dulce revela que o pai de Guilherme a procurou e pergunta ao filho se ele quer conhecê-lo. Ícaro recebe Abner e Júlia em sua casa e confirma que existem diamantes na fazenda, mas avisa que será difícil chegar até eles.

Abner diz a Júlia que eles precisam conversar e pede que ela o procure na fazenda. Ícaro comenta que Zarigüim fotografou um mundo inteiro sob as terras da fazenda e Júlia lembra que os pais



sumiram em uma expedição em busca desse mundo desconhecido. Plínio encontra Deo na casa de Hortência e demonstra ciúme. Minerva enfrenta Isaías na audiência para tentar retomar a casa onde moravam.

Salomé passa todos os seus bens para o nome de Cleonice. A juíza define que tanto Isaías quanto Mi-

nerva têm o direito de ficar com a casa e os dois decidem morar juntos. Diogo pede para ver Guilherme e descobre que o filho é gari. Cleonice conta para Elaine/Élcio que todos os bens de Salomé estão em seu nome. Naomi chega a Preciosa para ser julgada.

Naomi pede para Wilson avisar Ícaro que ela já está na delegacia. Diogo conversa com Guilherme e revela que é seu pai. Elaine/Élcio aconselha Cleonice a se vingar de Salomé e a ajuda a ficar com toda a fortuna da patroa. Amanda tenta influenciar Ícaro contra Naomi. Abelha desconfia que Cristiano esteja flertando com Natália e decide falar com a cozinheira. Minerva se prepara para tomar posse da sua metade da casa quando Áureo avisa que vai continuar morando com Josué. Ícaro visita Naomi e se espanta com seu estado.

Naomi não se conforma com a desconfiança de Ícaro e o expulsa. Cleonice confronta Salomé. Minerva se instala em casa novamente e arma a maior confusão com Isaías e Virgínia. Cleonice conta que anulou as procurações que deu para Salomé e humilha a ex-patroa, Marcos e Celeste. Salomé se submete às ordens de Cleonice e passa a ser empregada da casa. Elaine/Élcio sugere que Cleonice tome um banho de loja e ela se anima.

Alice não se conforma em viver em uma casa dividida e ameaça voltar a morar com Lilian. Ícaro pressiona Akira a dizer se Naomi é a assassina de Pimentel. Celeste surge na casa de Abner e pede abrigo para ela e o filho.

Segunda a Sábado 22h45

FINA ESTAMPA



Quinzé e Amália não acreditam que Antenor tenha roubado o carro de Juan. Antenor e Griselda discutem na UTI e ele passa mal. Patrícia diz a René que precisa esquecer Antenor. Carolina conta para Letícia que recebeu uma ligação do programa de televisão que consertará o carro de Vilma. Juan elogia Rafael para Zuleika. Rafael conta para Antenor que teve que prestar queixa na delegacia sobre o furto do carro de seu chefe. Dagmar comenta com Quinzé que Teodora está voltando para o Brasil. Rafael convence Patrícia a ir ao hospital falar com Antenor. Carolina mostra o estado do carro de Vilma para a produtora do programa de televisão. Griselda rasga a foto de Pereirinha. Danielle revela que Esther não pode mais ter filhos. Dagmar e Quinzé se beijam. Patrícia pergunta para Antenor por que ele a enganou.

Antenor tenta convencer Patrí-

cia a perdôá-lo. Guaracy percebe que Griselda tirou o retrato de Pereirinha da parede. Amália conta para Griselda que Antenor pegou o carro de Juan sem sua permissão. Rafael não consegue convencer Juan a retirar a queixa contra Antenor. Guilherme, irmão de Danielle, pede que ela fique com seu filho Pedro enquanto faz um curso. Amália, Quinzé e Rafael pedem para Griselda convencer Juan a retirar a queixa contra Antenor, mas ela se recusa. René Junior dispensa a Gatona do Leblon.

Patrícia pensa em Antenor. Quinzé conta para Griselda que Teodora está voltando para o Brasil. Severino observa René dar carona para Vanessa. Crodoaldo mente para a sobrinha e diz que não recebeu nenhuma visita em casa. Baltazar joga o aparelho de som de Solange dentro da lagoa. Carolina despista Vilma e faz com que ela vá até a delegacia. Griselda procura Juan.

Terça a Sexta 00h45

O Astro

Josê diz a Herculano que escolheu levar a gravidez adiante. Dois mendigos são surpreendidos ao roubar as joias do corpo de Neco, que acorda no meio do lixo. Samir descobre que Herculano comprou o terreno na Barra em sociedade com o argentino. Clô e Lili trocam insultos durante o almoço que era para ser de conciliação.

Herculano é acusado por Samir e seus irmãos de trair o Grupo Hayalla e o ilusionista pede mais uma chance a Márcio para provar que é inocente. Beatriz exige de



Samir um abrigo para Neco. Márcio pergunta a Eustáquio se Samir é suspeito da morte de Salomão. Samir impele Magda a lhe contar outro segredo de Márcio.

Lili discute com Clô, a acusa de ser a responsável pelas armações para assustar o filho e insinua que a sogra possa ter matado Salomão. Herculano mostra a escritura do terreno da Barra para Amanda e diz que o terreno foi comprado para ela. Amanda agradece Herculano e os dois se bei-

jam. Lili resolve deixar a mansão e diz a Márcio que só volta depois que se casarem.

Márcio discute com Clô por causa de Lili. Amanda conta para Jôse que Lili deixou Márcio, apontando para a irmã a oportunidade de reatar seu namoro. Herculano prova para Márcio e Samir que não comprou o terreno para ele, mas sim para a sua amada.

Amin não acredita na história de Herculano. Assunção diz a Miriam que precisa ficar ao lado de Jôse

e resolve voltar para casa. Rubén conta a Samir que Herculano enganou a todos, insinuando que ele ficou com parte do dinheiro cedido pelo grupo argentino. Márcio pede ajuda a Herculano, que o aconselha a seguir seu coração.

Samir suborna Youssef em troca de seu voto favorável às suas decisões no Grupo. Beatriz não encontra Neco no loft. Neco garante a Ubiraci que se vingará de Natal. Márcio pede Lili em casamento.

PROGRAMA CULTURAL X JOGOS AFRICANOS

MÚSICA

Sábado dia **10**

Setembro 21H15

Massala Doce

300 MTs & 200 MTS

MÚSICA

Segunda-feira **12**

Setembro 19H00

Emmanuel Jal

200 MTs & 100 MTS

MÚSICA

Quinta-feira **15**

Setembro 18H30

Tombores

Entrada livre

MÚSICA & Gastronomia

Sexta-feira **16**

Setembro 21H15

Fabrice Legros & Matchume

300 MTs & 200 MTS

MÚSICA

Sábado dia **17**

Setembro 21H15

Kina Mata Mikuluty Orlando da Conceição

300 MTs & 200 MTS

Publicidade

APRESENTA

10 E 11 DE SETEMBRO DE 2011

FESTA AFRICANA

Sábado e Domingo:
Das 11:00 às 20h00

Gastronomia
Música
Dança
Cinema

- Sábado, 18:00 -
João Cabral
- Domingo, 18:00 -
JUST JAZZ

X JOGOS AFRICANOS

Triatlo: Primeira medalha dos Jogos para a África do Sul

Texto: Adérito Caldeira • Foto: Rxxxx



Carlyn Fischer foi a primeira atleta a ser medalhada nos X Jogos Africanos que decorrem em Moçambique. A sul-africana, de 21 anos de idade, nadou, pedalou, correu mais rapidamente que a concorrência, e completou as provas do triatlo em 1h 6 minutos e 25 segundos.

Outro sul-africano, Erhard Wolfaardt, conquistou a medalha de ouro nos masculinos, realizando a prova em 58 minutos e 30 segundos.

Numa manhã de domingo fresca, dia 4 de Setembro, às 7h30 soa o sinal e a polícia fecha o tráfego na avenida da Marginal,

Julius Nyerere ... partem os 22 atletas masculinos para a primeira prova, a de natação. São 800 metros na praia da Miramar.

Depois, seguiu-se o ciclismo – pela rua José Craveirinha acima, passando pela Praça do Destacamento Feminino, a avenida Keneth Kaunda e regresso ao Centro de Conferências Joaquim Chissano – e depois foram mais 5000 metros de atletismo.

Sempre na frente, o sul-africano Erhard Wolfaardt venceu a prova seguido, a pouco mais de um minuto, pelo seu compatriota Abraham Louw e pelo namibiano Wian Sullwald.

Três atletas moçambi-

canos – Ivan do Rosário, Edelson Remane e Iassine Selemene – que há seis meses só faziam natação e há apenas dois dias aprenderam a pedalar as bicicletas de competição, fizeram a sua estreia no triatlo, tendo mostrado que possuem potencial.

Competindo com alguns atletas habituados a estas lides, Ivan ficou a apenas 19 minutos do vencedor. Edson terminou na 15ª posição e Iassine foi 16º, à frente do queniano Chrispine Omandi.

Em femininos, a disputa das medalhas foi acirrada. Carlyn teve que se aplicar a fundo para chegar à frente da sua compatriota Andrea Steyn e da mauriciense Fabianne St. Louis.



Karate: Prata e Bronze que sabem a ouro

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguze



Milagre? Não. Sangue, suor e lágrimas como diria o rapper Randy Acosta. Os atletas moçambicanos – contra uma montanha de dificuldades – conquistaram uma medalha de prata (femininos) e outra de bronze (masculinos) em Male Kata, por equipas.

Diante do feito de atletas que só tiveram um mês e meio de preparação e que competiram frente a campeões mundiais, nestes jogos, o investimento em certas áreas desportivas (conjugado com a ausência de resultados nas mesmas) chega a ser pornográfico.

Liu Ping, Mariza Macia, Linda Mucavele, Eric Santos, Eddie Santos e Luís Sousa, mais do que enfrentarem os adversários, tiveram de lidar, antes, com adversidades que fariam qualquer atleta recuar: sem treinador, sem material e limitados pela desorganização do Comité Organizador dos Jogos Africanos (COJA), os nossos atletas conquistaram as

duas primeiras medalhas de Moçambique nos Jogos que organiza.

O trio moçambicano, na final, defrontou as argelinas que detêm o ceptro mundial naquela categoria. A superioridade das campeãs mundiais foi notória e foi fácil para as argelinas arrancarem aplausos das bancadas, inclusive dos moçambicanos que lá estavam. Hadj Said Kamilia, Mouloud Yasmine e Badja Salma foram as primeiras a entrar em cena e, talvez por isso, as atletas moçambicanas tenham ficado condicionadas na sua apresentação.

Com uma sincronia perfeita, as argelinas venceram não só o corpo de jurados, como também o público presente. Aires Aly, Primeiro-Ministro, provavelmente, na expectativa de ver aquela que poderia ser a primeira

medalha de ouro, estava na tribuna VIP. Porém, uma lesão de Liu Ping e uma apresentação muito aquém da qualidade imposta pelas argelinas relegaram o trio moçambicano para o segundo lugar mais alto do pódio.

Contudo, a superioridade das argelinas não diminui o trabalho das moçambicanas. Uma medalha de prata, com um mês e meio de preparação, é, na verdade, um autêntico milagre.

Masculinos

Em masculinos, Moçambique repetiu o terceiro lugar do Campeonato Africano de Karate, de 2010, na África do Sul e igual posição no Campeonato Mundial da China, em 2009. Contudo, para o nível de preparação, já se

sabe, essas posições são enganadoras. Ou seja, Eric Santos, Eddie Santos e Luís Sousa, tal como a equipa feminina, tiveram uma preparação deficitária.

Estas medalhas foram arrancadas a ferro e são, na verdade, um grito de revolta da marginalização a que a modalidade é votada. Não são fruto da organização e nem dos meios à disposição. São medalhas do esforço e do sacrifício dos atletas e da Federação Moçambicana de Karate. O mérito é todo deles e não de quem organizou os Jogos Africanos. Com mais meios e apoio estes atletas poderiam fazer bem melhor. Pelo menos ficou essa sensação.

Certamente, se os oponentes dos moçambicanos tivessem consciência das condições nas quais os nossos atletas competiram teriam abdicado das medalhas de ouro em benefício destes.



X JOGOS AFRICANOS



Boxe: Moçambique pode chegar às medalhas

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguze



O pugilista ganês Amponsah Maxwell acabou _ qual Evander Holyfield, no crepúsculo do dia 6 de Setembro, com o sonho de Isac "Tyson" Dimande de chegar às meias-finais nos pesos meio-pesados e, quiçá, ao quadro de medalhas. Moçambique, no entanto, está nas meias-finais com Climaldo Guifutela e António MaliaVache.

O combate decidiu-se no segundo assalto, quando o pugilista ganês, com um golpe, obrigou Dimande a recuar. Foi um cruzado que o moçambicano não esperava e que os juízos contaram para engordar a vantagem de Amponsah (8-3).

No primeiro assalto, Dimande manteve a contenda equilibrada e tentou aproveitar o "empurrão" das bancadas. Porém, Amponsah nunca se sentiu intimidado e saiu a vencer por um ponto (3-2).

O terceiro e último assalto serviu para Maxwell gerir e manter a vantagem e, por isso, evitou todos os duelos que perigassem a sua situação de vencedor. Até porque tinha um ascendente pontual que precisava de manter para continuar em prova. Se foi assim que pensou, melhor foi a execução: no derradeiro assalto o ganês consentiu apenas um ponto e arrecadou três (11-4).

No final, o público, sempre eufórico, aplaudiu o esforço de Dimande, a quem apelidaram de Tyson, mas só que

desta vez deparou com a reencarnação de Evander Holyfield.

O momento de glória de "Tyson"

Numa altura em que paira na cabeça dos moçambi-

e construiu uma tumba para o angolano Silva Tumba.

O combate durou os três assaltos previstos, mas a superioridade do atleta local, bastante ovacionado por um público sedento de espectáculo, ficou clara no

sucessão de golpes. No segundo assalto, Silva Tumba terminou aturdido, mas recuperou para o seguinte, quando uma sequência de golpes de Dimande sentenciou o combate. 23 - 7, eis a diferença estabelecida pelos punhos do pugilista mo-

ram. Ou seja, à medida que o número de atletas reduz e vão ficando os melhores pugilistas do continente, a eficácia dos moçambicanos decresce. Tal como Dimande, Baptista Yaad (81 quilos) caiu diante do camaronês Adjoufou Donfack com quatro pontos de diferença (12-8).

O mal não dura para sempre

António MalieVache continua imparável e já está nas meias-finais, na categoria dos 56 quilos. Numa fase em que não há adversários fáceis, Vache venceu categoricamente o ugandês Atanas Mugerwa nos pontos (20-12). Ontem (quinta-feira) Vache disputou o acesso à final.

Soma e segue

Guifutela Climaldo, nos 52 quilos, impôs-se ao mauriciano Gilbert Bactora, um adversário que todos pretendiam evitar. No entanto, o moçambicano venceu por um ponto (12-11) e já está nas meias-finais.

A trajectória de Climaldo

Antes de enfrentar o mauriciano, Guifutela teve de passar pelo tunisino Billel. Depois de um primeiro as-

total e um coração enorme, pois nos seus punhos estava a esperança de um pavilhão do Estrela repleto de amantes do boxe.

Portanto, para não defraudar as expectativas, o pugilista moçambicano entrou para o último assalto com uma vantagem de cinco pontos (11-6). Conhecedor do poderoso ataque tunisino, Lucas Sinóia deu indicações para Guifutela bailar e atacar na certa para manter a vantagem. Dito e feito, o moçambicano rodou como um bailarino e disferiu golpes na certa.

Algumas vezes, encostado às cordas, Guifutela teve discernimento para sair delas sem ver beliscada a sua vantagem de cinco pontos. Billel, num esforço final, ainda tentou sentenciar a luta por via de um KO. Porém, Guifutela sabia para o que veio e não cedeu nem um milímetro e continuou a bailar e a ferrar com a precisão de um cirurgião. No final, a vantagem permaneceu nos cinco pontos. Climaldo Guifutela está nos quartos-de-final e ontem (quinta-feira) disputou as meias-finais.

O anjo sem asas

Ekibal Gabriel, nos 60 quilos, entrou com a força do público e perdeu fulgor à medida que o congolês Henri Nzaou equilibrava a contenda. O público, esse, também veio abaixo. Mas isso foi no segundo assalto, pois no primeiro o moçambicano saiu com uma ligeira vantagem (6-5). O assalto intermédio foi um pesadelo para Ekibal, pois o congolês agigantou-se e desequilibrou a batalha.

O público, já se disse, foi remoendo a euforia a cada golpe no rosto do pugilista moçambicano. Por isso ninguém ficou espantado com a reviravolta no marcador - 12-8 a favor de Henri Nzaou.

Três minutos e uma desvantagem de quatro pontos separavam Ekibal dos quartos-de-final. Consciente, o atleta moçambicano partiu para o ataque, mas encontrou sempre uma resposta à altura nos punhos de Henri Nzaou. A contenda, diga-se, manteve-se equilibrada até ao último minuto, quando Gabriel Ekibal partiu para cima do congolês com o objectivo de resolver o combate. O público voltou aos aplausos, mas faltavam poucos segundos e Gabriel não teve asas para vencer o tempo.



canos o problema dos vistos dos moçambicanos em Angola, o combate de Isac "Tyson" Dimande foi elevado à categoria de ajuste de contas pelas bancadas. O moçambicano não se fez de rogado e vestiu a pele de justiceiro. Cerrou os punhos

primeiro assalto, no qual o atleta angolano perdia por 7 - 1.

O atleta angolano, no lugar de apresentar uma luta técnica, dedicou-se a golpear pela frente e com a guarda baixa, o que lhe custou uma

çambicano que selou a paz entre dois povos irmãos.

Baptista Yaad também caiu

Se em cada dia de competição Moçambique só tinha consentido uma derrota, nas últimas as coisas muda-

salto equilibrado e que acabou com um parcial de 3-3, o pugilista moçambicano, empurrado pelo público, estabeleceu diferenças e encostou o favoritismo do tunisino às cordas. Ou seja, contra a técnica de Billel, Guifutela opôs uma entrega

X JOGOS AFRICANOS



Volei: Argélia vence Camarões e conquista a medalha de ouro

Texto: Dércio Nhanala • Foto: Miguel Manguze

A final colocou frente a frente duas selecções que já se haviam defrontado na fase de grupos, tendo a Argélia, nessa partida, derrotado os Camarões por 3-1. Finda a fase de grupos, a Argélia ocupou a 1ª posição do grupo B e os Camarões ficaram na segunda, podendo, deste modo, lutar pelo ouro.



Nas semi-finais, as camaronesas defrontaram uma aguerrida formação queniana, cujo resultado foi uma vitória das primeiras por 3-1, com os parciais de 24-26, 25-22, 31-29 e 25-20 no derradeiro set.

Sendo a primeira selecção a qualificar-se para as finais, no jogo a seguir as argelinas defrontaram as nigerianas e, sem grandes dificuldades, venceram por 3-0, conhecendo-se, desde então, as finalistas do voleibol feminino da 10ª edição dos Jogos Africanos, sendo que a derradeira partida se realizaria no feriado nacional, 7 de Setembro, dia em que se celebra a assinatura dos Acordos de Lusaka.

O jogo da final começou 30 minutos depois do fim da partida em que a selecção nacional do Quênia derrotara a Nigéria por 3-0 (1º set 25-14, 25-15, 25-18), conquistando com este feito a medalha de bronze.

O jogo começa com as argelinas a servirem e com os Camarões a darem boa impressão, inaugurando o marcador com um potente remate da nº3 RolineTatchou, jogadora do INJS dos Camarões (4º lugar no Africano de clubes em voleibol feminino), vantagem que durou dois minutos, quando as argelinas deram volta ao resultado e começaram a dominar a partida. No primeiro tempo técnico a diferença entre as duas equipas era de 3 pontos, 5-8, com vantagem para a Argélia. Quando decorriam 10 minutos, 2º tempo técnico da partida, a vantagem era da Argélia, que comandava com 5 pontos de diferença, 11-

16. No retomar da partida, as argelinas dilatam a vantagem aproveitando as constantes falhas de recepção de serviço das camaronesas, ficando o marcador a 14-25. Vencia deste modo a Argélia o primeiro set.

No início do 2º set, as camaronesas entram com outro espírito, controlando a partida, e tendo conseguido uma vantagem de 5 pontos, 19-14. Contudo, erros consecutivos nos bloqueios, e a falta de comunicação entre a nº 2 Nana Tchoudjang e a nº 4 GuesdoBoum permitiram que as argelinas virassem o jogo a seu favor, tendo ficado o set final em 23-25, e este sido o mais renhido da partida. Bastava a Argélia vencer o set seguinte para arrecadar a medalha de ouro.

No terceiro período, as argelinas entraram confiantes na vitória marcando os três primeiros

pontos do set, contudo encontraram as camaronesas dispostas a dar o seu máximo para virar o resultado, facto que conseguiram, tendo vencido o set por uma diferença de 7 pontos, 25-18.

O início do 4º set foi semelhante aos dois primeiros: as camaronesas iniciaram a marcar os 3 primeiros pontos do set, mas depararam com a experiência das argelinas que têm atletas mais rodadas, das quais se destacam FaizaTsabet, Mouni Abderrahim e Fatima Oukazi, todas com 78 internacionalizações. Foram elas que levaram a Argélia a construir uma vantagem de 10 pontos quando decorriam 16 minutos do 4º set. Os apoiantes da selecção da Argélia, quer atletas de basquetebol, assim como a comitiva que a acompanhava, já cantavam vitória. E quando o marcador indicava 24-14, faltando apenas um ponto para a vitória, a nº 8, Zorah Benzalem, desfere um potente remate concretizando aquele que era o ponto que valeu o ouro à Argélia.



Classificação final em femininos:

1. Argélia - MEDALHA DE OURO
2. Camarões - MEDALHA DE PRATA
3. Quênia- MEDALHA DE BRONZE
4. Nigéria
5. Senegal
6. Botswana
7. Seychelles
8. Moçambique

Volei: Leões Indomáveis levam medalhas de ouro no voleibol masculino

Texto: Adérito Caldeira • Foto: Adérito Caldeira

Os Camarões são os novos campeões africanos de voleibol masculino. Os jovens leões indomáveis souberam ser pacientes e esperar pelo momento certo para atacarem a experiente selecção da Argélia, tendo conquistado o lugar maior do pódio na quadra instalada no pavilhão do Maxaquene, em Maputo.

Os argelinos entraram ao ataque e dispostos a resolverem a final rapidamente. Coesa, a equipa camaronesa fechou bem o seu campo e deu luta desde o primeiro ao último ponto do primeiro set que terminou com a vitória da Argélia por 25 a 23 pontos.

Embalada com a vitória inicial, a selecção Argelina marcou primeiro na abertura do segundo set e alargou a vantagem até 3 pontos. Os Camarões não conseguiam acertar na defesa e, apesar de haverem empatado por

duas ocasiões, primeiro a 5 pontos e depois a 20, não suportaram a avalanche atacante argelina e a sua boa defesa que blocava bem e amealhava pontos. Mas, aparentando melhor frescura física, os leões não se deixaram domar e passaram para a frente do marcador vencendo no final do segundo set por 25 a 22.

Os Camarões não entraram bem para o terceiro set, porém começaram a acertar na sua defesa e conseguiram fazer a cambalhota no marcador. A Argélia sentiu a pressão e cometeu alguns erros inocentes aproveitados pelos adversário para se distanciar e confortavelmente vencer o terceiro set, por 17 a 25 pontos.

Galvanizados com a vitória, os Camarões colocaram-se na frente apesar de os argelinos manterem a desvantagem nunca superior a



3 pontos. Foram momentos de muito bom voleibol, a que infelizmente os moçambicanos praticantes da modalidade não puderam assistir, pois não se fizeram presentes no pavilhão do Maxaquene. Mesmo os atletas das nossas selecções, feminina e masculina que mais cedo haviam jogado, poucos presenciaram este belo jogo. Sem nunca se darem por vencidos os argelinos puxaram por toda a sua experiência e venceram o quarto set, por 25 a 21 pontos, levando a decisão para o quinto set.

Os leões indomáveis entraram e marcaram, a vantagem durou pouco e os pontos sucederam-se nos dois lados da quadra. A defesa camaronesa blocava bem e a pressão pesava nas costas dos argelinos que numa série de quatro lances se viram em desvantagem no marcador (5 a 8 pontos). As equipas trocaram de campo mas mesmo assim só se

ouvia o rugido dos leões que aumentaram a vantagem para 5 pontos. Nesta altura o pouco público no pavilhão já havia decidido quem eram os seus campeões e, a cada ponto dos camaroneses, entusiasmavam-se ainda mais. Argélia já não tinha mais soluções e acabou por sair derrotada do quinto set por 11 a 15 e do jogo por 3 a 2.

Classificação final em masculinos:

1. Camarões - MEDALHA DE OURO
2. Argélia - MEDALHA DE PRATA
3. Quênia - MEDALHA DE BRONZE
4. Ruanda
5. Nigéria
6. Seychelles
7. África do Sul
8. Moçambique





Na água da piscina do Zimpeto estão cair records; uma moçambicana destaca-se

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguze



Na passada 2ª feira saltaram para água da piscina olímpica do Zimpeto os primeiros nadadores, no arranque da disputa pelas medalhas da natação nos X Jogos Africanos. Karin Prinsloo foi destaque do dia conquistando duas provas e batendo um record da África do Sul. Na terça-feira quatro novos records africanos foram estabelecidos e os sul africanos venceram maior número de provas. E, no terceiro dia das provas de Natação, uma moçambicana – naturalizada – subiu ao pódio Miriam Corsini.

Confira as três medalhadas na prova dos 100 metros livres femininos:

1. Karin Prinsloo RSA 56.05 – MEDALHA DE OURO
2. Nicole Horn ZIM 58.01 – MEDALHA DE PRATA
3. Zeineb Khalfallah 58.11 – MEDALHA DE BRONZE

Nos 100 metros bruços Cameron Burgh é o novo campeão africano, confira os medalhados:

1. Cameron VD Burgh RSA 1:02.44
2. Wassim Elloumi TUN 1:03.17
3. Nabil Kebbab ALG 1:03.80

Uma nadadora zimbabweana é a campeã dos 400 metros estilos:

1. Kirsty Coventry ZIM 4:44.34
2. Kathryn Meaklim RSA 4:46.33
3. Bianca J Meyer RSA 4:51.20

O campeão africano dos 200 metros livres é um tunisino:

1. Ahmed Mathlouthi TUN 1:48.95
2. Darian R Townsend RSA 1:49.04
3. Jean Basson RSA 1:51.06

Na final dos 50 metros costas Karin Prinsloo voltou conquistar uma medalha de ouro:

1. Karin Prinsloo RSA 29.28
2. Mandy T Loots RSA 29.76
3. Amel Melih ALG 31.01

Um nadador sul africano é o campeão africano dos 50 metros costas:

1. Charl S Crous RSA 26.06
2. Jason Dunford KEN 29.19
3. Garth V Tune RSA 26.74

O domínio das nadadoras sul africanas, nestes jogos, ficou ainda mais acentuado na prova de estafeta 4 x 200 metros livres, deixando as nossas nadadoras – Mariam Corsini, Jéssica Cossa, Jéssica Stagno e Jéssica Vieira – a quase um volta inteira na piscina de avanço:

1. África do Sul 8:28.20
2. Zimbabwe 8:42.23
3. Argélia 8:57.78
4. Moçambique 9:22.73
5. Quênia 9:47.56



Um queniano conquistou a medalha de ouro nos 100 metros mariposa, e estabeleceu um novo record africano:

1. Jason Dunford KEN 52.13
2. Chad D Le Clos RSA 52.17
3. Neil C Watson RSA 55.14



Karin Prinsloo juntou mais uma medalha de ouro, a dos 200 metros livres, e quebrou o anterior record africano da prova:

1. Karin Prinsloo RSA 1:59.84 bateu record africano
2. Zeineb Khalfallah TUN 2:05.44
3. Natasha DE Vos RSA 2:06.20



O campeão africano dos 400 metros estilos é um sul africano, que ainda fez cair o anterior record da especialidade:

1. Chad G Le Clos RSA 4:16.88
2. Taki Mrabet TUN 4:21.11
3. Riaan H Schoeman RSA 4:25.32



Nos 200 metros bruços a medalha de ouro também foi para uma nadadora sul africana:

1. Suzaan Van Bijon RSA 2:31.53
2. Sarra Lajnef TUN 2:34.17
3. Kathryn A Meaklim RSA 2:36.16



O campeão africano dos 50 metros bruços também é da terra Nelson Mandela:

1. Camaron VD Burgh RSA 27.81
2. Malick Fall SEN 28.33
3. Nabil Kebbab ALG 28.71



Um egípcia é a nova campeã africana dos 50 metros mariposa que estabeleceu ainda uma nova marca na especialidade:

1. Farida Osman EGY 27.08
2. Mandy T Loots RSA 27.30
3. Binta Zahra Diop SEN 28.45



Na final dos 800 metros livres um tunisino arrebatou a medalha de ouro:

1. Ahmed Mathlouthi TUN 8:10.00
2. Mark Randall RSA 8:10.04
3. Jasper A Venter RSA 8:21.76



A medalha de ouro dos 400 metros livres vai para a África do Sul:

1. Roxanne Tammadge RSA 4:19.73
2. Sarra Lajnef TUN 4:20.75
3. Rene D'Warnes RSA 4:21.58



Dois quenianos quebraram o domínio sul africano na piscina olímpica do Zimpeto e arrebataram as medalhas de ouro e prata na prova dos 100 metros livres:

1. David Dunford KEN 49.48
2. Jason Dunford KEN 49.71
3. Gideon A Louw RSA 49.80



Novo record dos Jogos na prova dos 100 metros costas foi estabelecido por uma nadadora zimbabweana:

1. Kirsty Coventry ZIM 1:00.86
2. Karin Prinsloo RSA 1:01.46
3. Amel Melih ALG 1:07.27



O novo campeão africano dos 200 metros costas estabeleceu também uma nova marca nos Jogos:

1. Darren J Murray RSA 2:01.74
2. Charl S Crous RSA 2:01.88
3. Taki Mrabet TUN 2:05.19



A primeira moçambicana a subir ao pódio veio da Itália e conquistou uma medalha de prata na prova dos 50 metros bruços onde a medalha de ouro ficou com uma sul africana:

1. Suzaan Van Bijon RSA 32.88
2. Miriam Corsini MOZ 33.74
3. Racheal Tonjor NGR 33.81



Nos 50 metros mariposa um queniano ficou com a medalha de ouro e estabeleceu um novo record do continente:

1. Jason Dunford KEN 23.57
2. Neil C Watson RSA 24.31
3. Garth V Tune RSA 24.70



Na estafeta feminina 4 x 100 metros livres as nadadoras sul africanas ficaram com a medalha de ouro:

1. África do Sul 3:53.93
2. Zimbabwe 3:57.81
3. Argélia 4:02.84
4. Moçambique 4:10.10
5. Nigéria 4:18.42
6. Quênia 4:20.39



Os nadadores sul africanos também ficaram com as medalhas de ouro nos 4 x 200 metros livres:

1. África do Sul 7:33.63
2. Argélia 7:49.59
3. Quênia 8:01.07
4. Angola 8:09.55
5. Senegal 8:18.06
6. Zimbabwe 8:21.44
7. Nigéria 8:30.61

Cristiano Ronaldo revelou que gostava de terminar a sua carreira no Real Madrid. “Se o Real quiser assino por mais 10 anos, até final da carreira”, afirmou o internacional português em entrevista à Sky Sports.

Apuramento ao CAN 2012: Senegal e Burkina Fasso garantem vaga

Com o término da penúltima jornada das eliminatórias rumo à Copa Africana de Nações, as selecções de Burkina Fasso e Senegal colocaram os seus nomes entre os participantes no torneio. Os burquinabes garantiram a vaga para a competição que será sediada por Guiné Equatorial e Gabão sem precisarem de entrar em campo, enquanto Moussa Sow violou as redes por duas vezes e ajudou a classificar os senegaleses, que venceram a República Democrática do Congo por 2 a 0 em Dacar pelo Grupo E.

Texto: African Football Media

Grupo A

O Mali tirou a liderança que pertencia a Cabo Verde após vencer por 3 a 0 o adversário directo jogando em Bamako. A volta de Seydou Keita motivou a selecção da casa, que marcou duas vezes por Cheick Diabate num intervalo de quatro minutos na metade do primeiro tempo e fechou a contagem com Mahamane Traoré na segunda etapa. Os malineses chegaram aos nove pontos, mais um que o Zimbabue, que bateu a Libéria em Harare também por 3 a 0. Na próxima jornada, em Outubro, o Mali visita a Libéria e só depende de si para garantir o primeiro lugar do grupo, mas um tropeço pode abrir caminho a Cabo Verde ou Zimbabue, que jogam entre si.

Grupo B

A Guiné manteve a distância de três pontos sobre a Nigéria, o que significa que o primeiro lugar do grupo será decidido entre os dois países, que se enfrentam em Abuja no dia 8 de Outubro. Os guineenses bateram a Etiópia pela marca mínima em Conakry, com golo marcado por Dianbobo Baldé, que subiu mais que a defesa e atirou de cabeça. Já os nigerianos chegaram à vitória com golos de Joseph Yobo e Victor Obinna, para gáudio do técnico Samson Siasia. “Eles não se desesperaram”, elogiou. “Não perderam o foco e fizeram tudo o que pedi mesmo quando as coisas não estavam a dar certo para nós no primeiro tempo”, completou.

Grupo C

Entrando em campo sob uma nova bandeira, a Líbia derrotou Moçambique por 1 a 0 no Egipto e fez a alegria do povo nas cidades de Trípoli e Bengazi. O golo marcado por Rabie El Lafi, aos 30 minutos, garantiu à Líbia um aproveitamento de 100% em jogos em casa, embora duas dessas três partidas tenham sido disputadas em território neutro. Os líbios aparecem um ponto abaixo da Zâmbia, que venceu as Comores por 2 a 1, e enfrentam a líder do grupo em Chingola no próximo mês. Um deles poderá beliscar uma das duas vagas como melhor segundo classificado.

Grupo D

O empate sem golos entre a República Centro-Africana e o Marrocos deixou os dois com oito pontos, mais três que Argélia e Tanzânia, que, jogando em Dar-es-Salaam, também empataram. Pelo lado marroquino, Youssef El Arabi acertou no poste duas vezes na primeira etapa e, quando finalmente violou as redes, aos 12 do segundo tempo, estava em posição irregular. A primeira apresentação da Argélia sob o comando de Vahid Halilhodzic

acabou em 1 a 1, e agora os argelinos tentarão melhor sorte ao receberem a RCA na próxima jornada. Os marroquinos também jogam em casa, diante da Tanzânia.

Grupo E

Melhor marcador do último Campeonato Francês com o Lille, Moussa Sow chegou ao seu quarto golo nas eliminatórias e ajudou a classificar a selecção do Senegal. A vítima desta vez foi a República Democrática do Congo, que entrou em campo com um novo técnico, Claude Le Roy. Já os Camarões chegaram à segunda posição do grupo com uma goleada de 5 a 0 sobre as Ilhas Maurícias em Yaoundé. Leonard Kweuke marcou pela primeira vez com o uniforme do país, Andongcho Mbuta fez o seu segundo em dois jogos pela selecção, o capitão Samuel Eto'o anotou de penalty, e o alemão de nascimento Eric Maxim Choupo Moting apanhou em duas oportunidades.

Grupo F

No dia em que comemorou o seu aniversário, Tangeni Shipahu elevou ainda mais o seu status como futuro astro do futebol da Namíbia com um belo golo que garantiu a vitória a sete minutos do término da partida contra a Gâmbia em Windhoek. O resultado assegurou os primeiros pontos do país na competição e impediu que os rivais pudessem alcançar a líder Burkina Fasso, que com isso ficou com a vaga.

Grupo G

O novo líder é Níger, que com os 2 a 1 aplicados sobre a África do Sul manteve os 100% de aproveitamento como mandante na cidade de Niamey na classificação para o CAN 2012. Os “bafanas” abriram o marcador logo aos cinco minutos de jogo por Andile Jali, mas Kofi Dankwa empatou e Moussa Maazou virou o marcador no início da segunda etapa. Os sul-africanos ainda têm a hipótese de ficar em primeiro lugar do grupo. Eles recebem o seleccionado da Serra Leoa, enquanto o Níger conclui a sua participação fora de casa diante do Egipto, cuja jovem equipa foi derrotada em Freetown no sábado passado.

Grupo H

A senda vitoriosa da Costa do Marfim continua intacta após a goleada de 5 a 0 sobre Ruanda na casa do adversário, o que deixou os marfinenses com um total de 17 golos em cinco jogos. Gervinho foi quem mais se destacou, enquanto Wilfried Bony violou as redes duas vezes entre os golos anotados por Salomon Kalou e Didier Ya Konan.

Grupo I

A liderança será definida na cidade de Cartum, onde o Sudão recebe o Gana – ambos

venceram nesta jornada e dividem o primeiro posto com 13 pontos. O Gana superou a Suazilândia por 2 a 0, com o primeiro golo marcado muito cedo, por Asamoah Gyan, e o segundo aos 25 minutos do segundo tempo, por Emmanuel Agyemang Badu. Apesar disso, o guarda-redes rival, Sandile Ginindza, foi um dos destaques do confronto. Já o Sudão venceu o Congo no sábado em Brazzaville, anotando por meio de Ramadhan Agab a 13 minutos do apito

final. É provável que tanto o Sudão como o Gana consigam um lugar na Copa Africana, já que um deles deve acabar entre os melhores segundos classificados.

Grupo J

A selecção de Uganda só precisava de um ponto para chegar à sua primeira Copa de Nações em 34 anos, mas foi derrotada em Angola. Os golos foram marcados por Manucho e Flávio, já no segundo tempo. O Uganda ainda tem

um ponto de vantagem sobre Angola e uma partida em casa na cidade de Kampala contra o Quênia, enquanto os angolanos visitam a Guiné-Bissau.

Grupo K

Malawi e Tunísia continuam na disputa pela segunda posição, o que neste grupo de cinco participantes garante automaticamente uma vaga. Os dois empataram a 0 em Blantyre no sábado passado, resultado que deixou os tu-

nisinos um pouco mais tranquilos, já que jogam em casa diante de Togo, enquanto os malawianos precisam de uma vitória fora contra o Chade. Mas o técnico do Malawi, Kinnah Phiri, ainda acredita. “Não podemos desistir, ainda temos uma hipótese”, declarou. O Botswana já havia garantido o primeiro posto, mas viu a sua série de jogos invicta chegar ao fim na derrota por 1 a 0 diante do Togo na sua oitava e última partida nestas eliminatórias.

Publicidade

vodacom

Recarga de 500, a melhor recarga de sempre.

- 500 minutos p/ falares de borla durante 1 mês na Vodacom
- 500MT de crédito
- 500 SMS grátis
- 5MT/Min, a melhor tarifa para qualquer rede e a qualquer hora
- ainda podes ganhar 1 carro por semana até Dezembro

tudo bom pra ti

Liga 84111

www.vm.co.mz

Termos e condições: Os minutos grátis só são válidos na rede Vodacom. Enquanto houver os minutos grátis, o serviço Bônus não se aplica. A transferência de Crédito continua a ser efectuada mas desconta do crédito normal. 2 dias antes do fim do período o cliente receberá uma mensagem semibreve sobre a data limite do bônus. Se efectuar uma recarga de valor inferior dentro do período de validade, continua a beneficiar dos mesmos bônus, mas não altera a validade. Não há acumulação de minutos grátis. Caso o cliente efectue outra recarga de igual valor ainda dentro do período inicial, iniciará-se novamente um novo período equivalente à recarga efectuada. Para chamadas internacionais, o custo aplicado é o da tarifa em vigor no cliente se encontrava antes da recarga. Todos os outros benefícios como o Bônus 1000 Super para chamadas internacionais e 90+ continuam a ser aplicados. SMS grátis, são válidos nos territórios nacionais. © serviço Bônus de aplicação dos 09 de Setembro.

Países em desenvolvimento criam remédios contra SIDA infantil

Uma aliança científica com o protagonismo de países em desenvolvimento assumiu o desafio de criar medicamentos contra a SIDA infantil, uma área que deixou de interessar aos grandes laboratórios quando a transmissão mãe-filho do vírus HIV (causador da doença) foi praticamente eliminada nas nações ricas.

Texto: Fabiana Frayssinet • Foto: Arquivo



No programa para desenvolver novos medicamentos pediátricos contra o HIV está empenhada a Iniciativa Medicamentos para Enfermidades Esquecidas (DNDi), uma associação internacional sem fins lucrativos.

O programa focará exclusivamente remédios para recém-nascidos e crianças com até três anos de idade, os mais esquecidos pela actual oferta farmacêutica.

A DNDi pretende oferecer os novos tratamentos entre 2014 e 2016. De acordo com o director executivo da DNDi, Bernard Pécoul, nos países desenvolvidos a infecção por HIV em recém-nascidos foi quase eliminada com a prevenção da transmissão mãe-filho em mulheres grávidas que vivem com o vírus.

Por isto, “há pouco incentivo para que os laboratórios desenvolvam fórmulas infantis de anti-retrovirais (ARV)”, disse Pécoul, a partir de Genebra.

A grande maioria das crianças com HIV vive em países pobres ou em desenvolvimento, e muitas das suas famílias “não têm dinheiro para comprar remédios caros”, acrescentou o director da DNDi, criada em 2003 por entidades públicas de ciência médica de Brasil, Quênia, Índia e Malásia, pelo Instituto Pasteur da França, pela organização Médicos Sem Fronteiras MSF) e pelo Programa de Pesquisa e Treinamento em Doenças Tropicais, que actua como observador.

As entidades dos países em desenvolvimento são a brasileira Fundação Oswaldo Cruz, o Conselho Indígena de Pesquisa Médica, o Instituto de Pesquisa Médica do Quênia e o Ministério da Saúde da Malásia. Estima-se que no mundo em desenvolvimento existam 2,5 milhões de menores de 15 anos com HIV, a maioria na África subsaariana. Apenas 28% das crianças que necessitam de anti-retrovirais têm recebido os medicamentos. E, sem tratamento, um terço delas morre no primeiro ano de vida e a metade antes dos dois anos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda tratamento imediato para todos os menores de dois anos, mas a segurança e as doses adequadas de muitos ARV para adultos ainda não existem para os grupos de pacientes mais jovens, segundo Pécoul.

“É aqui que a DNDi pode desempenhar um papel crucial”, afirmou a advogada Leena Menghaney, que trabalha para o MSF na Índia. Com 1,1 bilião de habitantes, este país registava, em Junho deste ano, 403.567 adultos com HIV/SIDA e 25.071 casos pediátricos.

“A entrada desta aliança no desenvolvimento de remédios pediátricos foi posterior a uma análise que mostrou que as crianças com HIV são um sector esquecido da população. Além disso, no mundo em desenvolvimento, as patentes dos medicamentos anti-retrovirais complicam a criação e as fórmulas infantis”, acrescentou a advogada. Pécoul deu como exemplo o uso, em lugares de poucos recursos, de uma combinação em dose fixa dos remédios estavudina (d4t), lamivudina (3TC) e nvpapina (NVP).

O d4t já não é preferível por causa da sua toxicidade, e o NVP não é recomendado para crianças que já foram expostas a ele durante a gestação, no tratamento de prevenção materno-infantil, já que o vírus pode ter desenvolvido resistência ao medicamento.

O director da DNDi acrescentou outros problemas, como o “gosto desagradável” que têm muitos anti-retrovirais, que faz com que as crianças não queiram tomá-lo. Os remédios infantis exigem múltiplas e complexas preparações líquidas, ajustadas ao peso da criança, que são de difícil manipulação para os responsáveis por administrar o remédio.

Os médicos também têm dificuldades para escolher devido à incompatibilidade dos ARV pediátricos com os medicamentos antituberculose. A co-infecção HIV-tuberculose é muito comum na África, onde chega

a 50%, em alguns contextos.

A tuberculose é uma das principais causas de morte de crianças e adultos com HIV, explicou Pécoul. Quem conhece esses limites é a enfermeira Janice Wanja, da Clínica Afya, que fica no coração dos superlotados bairros de Dandorra, subúrbio do leste de Nairobi, no Quênia.

Neste país, à falta de remédios pediátricos somam-se outros problemas, como o estigma que pesa sobre o HIV, que leva a maioria dos pais e tutores a não informarem as crianças que estão infectadas com o vírus.

Como resultado, “a maioria das crianças não conhece o seu estado de saúde, e isto faz com que não leve a sério a medicação”, lamentou Wanja. A OMS indica que “informar as crianças mais crescidas quando são diagnosticadas como portadoras do HIV melhora a sua adesão” aos remédios.

Dados do Governo indicam que de 1,4 milhão de pessoas que vive com HIV/SIDA no Quênia, 180 mil são crianças. Porém, contam com tratamentos anti-retrovirais somente 40 mil, 22% das que deles necessitam. Neste país de 41 milhões de habitantes, 90% dos casos infantis de HIV devem-se à transmissão mãe-filho.

Outro desafio para os tratamentos é a desnutrição infantil, que se agravou nos últimos meses no Quênia e noutros países do leste africano que sofrem de falta de comida e seca. “Quando as crianças estão desnutridas, o seu estado alimentar pode induzir o pessoal da saúde a não lhes prescrever terapia anti-retroviral”, explicou a médica Lucy Matu, da Elizabeth Glaser Pediatric SIDA Foundation.

No Brasil, outro sócio da DNDi e com 192 milhões de habitantes, há 592.914 casos registados de SIDA (que desenvolveram a doença), segundo o último relatório oficial, de Julho do ano passado.

Os casos de menores de cinco anos diminuíram 50% entre 1999, quando foram 954, e 2010, que teve 468. Estima-se que 0,4% das gestantes brasileiras vivam com o vírus e que 12.456 recém-nascidos estejam expostos a ele. Contudo, graças às medidas de prevenção, somente 6,8% das crianças contraíram o HIV, de acordo com o último boletim epidemiológico que apresenta dados de 2004. As autoridades afirmam que nos lugares onde foram aplicadas as medidas de prevenção a transmissão mãe-filho caiu para apenas 2% em 2009.

O programa da DNDi procura obter uma terapia ARV pediátrica de primeira linha, fácil de administrar e melhor tolerada pelas crianças do que os medicamentos actuais, que seja estável em climas tropicais, de administração e armazenagem simples e que exija, no máximo, uma ou duas doses por dia.

Além disso, os remédios devem reduzir ao mínimo o risco de gerar vírus resistentes e serem adequados a bebés e crianças pequenas, com poucos requisitos de ajuste de dose conforme o peso.

Por fim, a nova fórmula deve ser compatível com medicamentos contra a tuberculose, e, sobretudo, de baixo custo. A aliança DNDi já desenvolveu medicamentos para outras enfermidades esquecidas, como doença do sono, leishmaniose, mal de Chagas e malária.

Pergunta à Tina... Quero engravidar! Como saber se estou no período fértil?

Oi pessoal! Sei que muitas mulheres têm dificuldade em saber quais são os dias apropriados para quem quer engravidar. Falo exactamente do período fértil. Caso tu ainda não saibas qual o teu período fértil para descobrir é muito simples: é preciso que comeces a contar a partir do primeiro dia da menstruação. Para as mulheres que possuem o ciclo regular a ovulação ocorre dentro os 14 dias deste ciclo no qual o período fértil se inicia. Algumas dicas para quem deseja engravidar é manter relações em dias alternados e elas devem ocorrer quando a temperatura corporal da mulher estiver alta, evita utilizar qualquer tipo de creme, lubrificantes e outros, pois estes dificultam a locomoção dos espermatozoides. Depois de algumas dicas deixadas aqui, estimula o teu parceiro e prepara-te para teres um filho, a gravidez é o início de uma vida e só o começo de muitas alegrias e dificuldades que o casal terá. Não te esqueças de fazer todos os exames médicos para que tenhas a certeza de que o teu filho virá ao mundo cheio de saúde para dar.

Aguardo as vossas questões.

Envie-me uma mensagem através de um sms para

821115 ou 8415152

E-mail: **averdade.mz@gmail.com**

Olá Tina. Quero saber quando é que se considera período fértil na mulher. Qual é a melhor época para a mulher engravidar? Melhores cumprimentos. Hélder Nazaré

Olá Hélder, obrigado pela questão. O período fértil depende muito de mulher para mulher. É mais fácil saber o período fértil quando a mulher tem um ciclo menstrual regular (aquele que dura 28 dias, começando e terminando sempre no primeiro dia da menstruação). O período fértil é a época em que a mulher realmente ovula, onde um dos ovários libera o óvulo, que acontece cerca de 14 dias antes da menstruação. Isso que dizer dentre esses 14 dias em algum desses dias ela tem grandes hipóteses de engravidar. Espero que tu e a tua namorada já tenham conversado acerca do momento certo para terem um filho porque, quando o casal acha que ainda não está na hora de uma gravidez existem vários métodos que podem ajudá-los a retardar este processo, mas quando estão prontos e seguros de que desejam gerar uma vida não poupem esforços, afinal é um dos momentos mais desejados por todos os casais, só é necessário saber se vocês têm realmente condições par criar uma criança tanto mentalmente como financeiramente se não encontraram grandes problemas. Se tiverem mais dúvidas, podem procurar os serviços de Saúde Sexual Reprodutiva, oferecidos nos postos de saúde para que possam aprender mais acerca deste e outros temas relacionados.

Lembra-te de que o preservativo é imprescindível na prevenção de doenças e gravidezes indesejadas.

Olá Tina. Estou preocupado, pois sempre que faço sexo, devido à fricção o pénis raspa-se e saem pequenas feridas, que em dois dias secam e deixam cicatrizes. Fui ao médico fazer quase todos os testes incluindo o do HIV, tudo negativo. Será que a minha pele é muito sensível? Sou obrigado a ficar 4 a 5 dias sem fazer sexo até as feridas desaparecerem. Ajuda-me, Tina.

Olá! Analisando a tua preocupação dá para entender que existem dois aspectos que não estás a observar para que proporcione prazer e uma boa saúde sexual: 1) as fricções no pénis que causam feridas mostram claramente que não estás a usar o preservativo, o que é muito mau. Essas pequenas feridas podem ser a porta de entrada do vírus de HIV e/ou de outras doenças sexualmente transmissíveis; 2) vocês iniciam a relação sexual (penetração) sem que a tua namorada esteja estimulada (excitada). Quando estimulada a vagina da mulher fica humedecida o que permite uma penetração mais tranquila, suave e que não provoca dores e lesões para ambos. Para que não aconteçam situações similares aconselho-te a usares SEMPRE o preservativo nas relações sexuais e a certificares-te de que a tua parceira está estimulada/excitada antes da penetração. Podem também fazer uso do gel lubrificante, que ajuda muito na lubrificação durante o acto sexual.

Boa sorte e cuida melhor da tua saúde.

As autoridades filipinas acreditam ter em mãos o maior crocodilo alguma vez capturado. O animal, com mais de uma tonelada de peso e seis metros de comprimento, foi encontrado sábado passado nas Filipinas, depois de três semanas de buscas.

Mudança climática não respeita tradições

Muito depois do pôr-do-sol, Angelina Jossefa continua a retirar mato do terreno que tem na periferia da capital moçambicana. A maioria das alfaces, cenouras e beterrabas morreu no Inverno, obrigando a que ela trabalhasse muito mais para alimentar os seus três filhos. “Este foi um ano difícil por causa do frio”, disse Angelina, que é mãe solteira. “Fez muito frio”, ressaltou, enquanto colhia algumas alfaces. Moçambique costuma caracterizar-se pelo calor e pelas inundações, mas, este ano, as comparativamente escassas chuvas e o duro Inverno dificultaram a vida de agricultores de subsistência, 80% da população deste país.

Texto: Johannes Myburgh/IPS• Foto: Lusa



“Não aumentou o número de dias frios, mas as temperaturas mínimas foram as mais baixas em 50 anos”, disse Sérgio Buque, especialista em clima do Instituto Nacional de Meteorologia. A menor temperatura, de 7,4 graus, foi registada em 1958. Em Junho passado, o termómetro

marcou 5,1 graus. “É um novo recorde”, afirmou. Além disso, as chuvas esta temporada foram extremamente baixas, apesar das previsões indicando que seriam acima da média.

“A estação das chuvas já não é normal”, disse Dulce Chilundo, director do Centro Nacional de Operações de Emergência de Moçambique. “É o aquecimento global”, afirmou. Este país sofreu, em 2000, inundações devastadoras.

A temporada de chuvas costuma ir de Outubro a Fevereiro, mas naquele ano não choveu muito. “Não começou em Outubro. Em Novembro choveu muito, e depois nada”, disse Dulce.

“Há anos chovia duas ou três vezes por mês. Agora passam quatro ou cinco meses sem cair uma gota”, afirmou Angelina, re-

ferindo-se à água que recebeu o seu terreno de 1,21 hectare, que cultiva, com a sua mãe, a sua tia e uma cunhada, há 29 anos.

As três são solteiras com filhos. Angelina, de 41 anos, preocupa-se com a sorte dos seus filhos no que toca ao dinheiro para as despesas. “Não é suficiente porque dois estudam. Consigo pagar o transporte e os gastos da casa, mas é pouco”, lamentou.

Muitas pessoas pobres protestaram em várias cidades de Moçambique, em Setembro do ano passado, contra o alto preço dos alimentos. Mas os milhões de pequenos agricultores dispersos pelo vasto país não têm possibilidade de se expressar, apesar de factores que fogem ao seu controlo colocarem em perigo a sua produção.

Há mais de oito milhões de des-

nutridos em Moçambique, segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO).

“Creio que a mudança supera a possibilidade de controlo local”, disse Lola Castro, directora do Programa Mundial de Alimentação (PMA) e chefe da equipa de ajuda humanitária da Organização das Nações Unidas (ONU). Os mais velhos dizem-nos que é difícil saber quando plantar, quando colher e quando vai chover. Definitivamente, existe uma mudança”, alertou Lola.

Uma forma de contornar a situação é utilizar sementes em função das características climáticas, afirmam especialistas em desenvolvimento.

O risco de inundações é alto porque os agricultores cultivam em planícies que alagam. “É impos-

sível impedir as pessoas de plantarem em zonas baixas. É a área fértil”, explicou Lola.

As autoridades incentivam os agricultores a usar sementes mais fortes, que sobrevivem em zonas altas e mais secas, como mandioca, sorgo e milho.

Outra possibilidade é utilizar sementes com ciclos de gestação menores para conseguir uma colheita rápida e fazer quase tudo numa temporada, sugeriu Sérgio.

“Ciclos de 125 dias são muito extensos. Deveríamos começar a desenvolver sementes de 90 dias para capitalizar a estação chuvosa”, acrescentou. Estas soluções podem ser a diferença entre a vida e a morte para milhões de moçambicanos. Contudo, mudar tradições ancestrais que passaram de geração a geração é, sem dúvida, uma tarefa diferente.

Dispostas a superar a mudança climática

Um programa bem-sucedido que promove práticas agrícolas com enfoque ambiental e perspectiva de género no norte da Namíbia pode servir de modelo para outros países do continente africano. “As camponesas de África carregam a responsabilidade de manterem as suas famílias. Trabalham a terra, cozinham e, ainda, têm de encontrar uma maneira de conseguir dinheiro”, disse Marie Johansson, directora da Creative Entrepreneur Solutions (CES – Soluções Criativas para Empresas), na localidade de Ondangwa, norte da Namíbia.

Texto: Servaas van den Bosch/IPS

“Quem vê uma mulher sentada num posto de gasolina a vender pão acha que esta é uma boa forma de ganhar dinheiro”, observou Johansson.

“Mas ela levanta-se às três da manhã para preparar a farinha, o mata-bicho da família, fazer o pão, trabalhar na terra por duas horas e depois caminhar dez quilómetros até o posto, onde fica todo o dia para vender o seu produto e obter o equivalente a 20 meticais. Depois volta para casa para cozinhar, limpar e preparar-se para recomeçar”, acrescentou Johansson.

Para estas mulheres, que já têm uma vida difícil, inundações, secas e as altas temperaturas são um verdadeiro problema que prejudica a sua colheita e capacidade de abastecer o lar.

“Os homens não costumam ter essa dinâmica de trabalhar e dormir, então não prestam tanta atenção quando se discute sobre a terra cultivável em painéis de adaptação à mudança climática. Por outro lado, as mulheres dizem que primeiro é necessário garantir a produção de alimentos básicos para a família”, explicou

Johansson.

“Elas tendem a interessar-se por temas de conservação e irrigação por gotejamento por ser vital conseguir maior produtividade. Costumam perguntar sobre como planejar a plantação com inundações ou como diversificar os cultivos”, destacou a directora da CES.

Johansson fundou esta organização em 2007 com outras mulheres. Ela também ajudou as mulheres a fortalecerem pequenos negócios informais ou a iniciar um.

“O nosso enfoque é de baixo para cima porque se os doadores fecharem os bolsos amanhã, a proposta continuará a funcionar. A maioria dos programas governamentais ou financiados por doadores fracassa porque não pergunta às pessoas o que querem e isso leva-as a adquirirem o senso de propriedade”, explicou Johansson.

A CES organizou grupos de ajuda mútua tomando o exemplo de iniciativas realizadas na Índia. As comunidades organi-

zaram-se em cooperativas para enfrentar as consequências da mudança climática ou conseguir economias para iniciar um negócio. “O nosso foco é duplo. Queremos melhorar a segurança alimentar, mas se também há a possibilidade de criar uma empresa, porque não? Nos interessa ajudar a colocar ideias sem prática”, disse Johansson.

As mulheres interessam-se pelo cultivo de conservação e em melhorar os métodos de irrigação para espécies que requerem solos secos e, nesse processo, começam a plantar de outra maneira.

Além disso, “cultivam plantas diferentes que se adaptam melhor às distintas condições climáticas ou têm mais possibilidades de mercado e optam pela aquicultura. A mudança climática também oferece oportunidades”, afirmou.

“Os países podem adaptar projectos e adequá-los às suas condições particulares”, respondeu Martha Mwadingi, directora de meio ambiente e energia do PNUD, ao ser consultada sobre a possibilidade de esses programas serem aplica-

dos noutros países da África subsaariana. “Há outras ideias que servem da maneira em que se apresentam, como o conjunto de ferramentas com informação sobre mudança climática que criámos”, disse Mwadingi, encarregada de programas de adaptação à mudança climática, gestão de ecossistemas e biodiversidade, que inclui a proposta da CES.

“A mudança climática prejudicará mais as mulheres devido aos múltiplos papéis que desempenham nas suas famílias, de agricultoras a provedoras e administradoras dos recursos nacionais do país”, acrescentou Mwadingi. Segundo ela, “a mudança climática exacerba a carga das mulheres porque se perpetuam papéis de género discriminatórios.

O fenómeno ataca muita gente no mundo, mas especialmente as mais vulneráveis, grupo no qual se encontra a população feminina”, ressaltou. Mwadingi acredita que é preciso investigar mais sobre a participação das mulheres nos processos de decisão para saber, por exemplo, quantas integram a Comissão Nacional sobre Mudança Climática.

“Em matéria de decisões, na Namíbia há duas mulheres em cargos importantes, as ministras do Meio Ambiente e das Finanças, bem como muitas directoras de agências governamentais ou institutos de pesquisa”, destacou.

“Contudo, a situação deve ser olhada mais de perto. Por exemplo, qual é a participação das mulheres nos diferentes centros científicos dedicados à mudança climática na África meridional? E como elas incidem em decisões sobre o tipo de dados que colectam e os modelos que se criam?”, acrescentou.

A Aliança Global de Género e Mudança Climática, criada na Conferência sobre Mudança Climática da Organização das Nações Unidas, realizada em Baliem, em 2007, deveria ser revista no âmbito regional, segundo Mwadingi.

A Aliança “trabalha para garantir que as políticas sobre mudança climática, as decisões e as iniciativas no âmbito global, regional e nacional tenham um perfil de género”, segundo se pode ler no seu site na Internet.

CARTOON



MOTORES

COMENTE POR SMS 821115

Mais de 60.820 pessoas morreram, em Moçambique, de 2007 a 2010, vítimas de acidentes de viação que colocam o país na nona posição no mundo em termos de óbitos registados.

Moto GP: Lorenzo vence em San Marino, Stoner fica em terceiro

O espanhol Jorge Lorenzo conquistou uma vitória importantíssima na etapa de San Marino do MotoGP no passado domingo, em Misano Adriático, Itália. O triunfo, combinado com o terceiro lugar do australiano Casey Stoner, actual líder do campeonato, diminuiu a distância entre os dois para 35 pontos, preservando as hipóteses de Lorenzo de conquistar o bicampeonato mundial. O curioso foi que a terceira posição de Stoner foi possibilitada pela ultrapassagem de Dani Pedrosa, o seu companheiro de equipa e arqui-rival de Lorenzo.

Apesar de voar baixo no treino de classificação e quebrar o recorde da pista no sábado, Stoner não foi o mesmo no domingo. Pole position, o piloto da Honda HRC foi facilmente ultrapassado por

Eis os dez primeiros do GP de San Marino:		
1.	Jorge Lorenzo (ESP) Yamaha Factory	44m11s877
2.	Dani Pedrosa (ESP) Honda HRC	a 7s299
3.	Casey Stoner (AUS) Honda HRC	a 11s967
4.	Marco Simoncelli (ITA) Honda Gresini	a 17s353
5.	Andrea Dovizioso (ITA) Honda HRC	a 17s390
6.	Ben Spies (EUA) Yamaha Factory	a 18s092
7.	Valentino Rossi (ITA) Ducati	a 23s703
8.	Álvaro Bautista (ESP) Suzuki	a 30s678
9.	Hector Barberá (ESP) Ducati Aspar	a 37s502
10.	Cal Crutchlow (ING) Yamaha Tech 3	a 37s720

Mistura de combustíveis fósseis e biológicos será obrigatória em 2012

O ministro da Energia, Salvador Namburete, afirmou que a partir do próximo ano será iniciada a mistura compulsiva dos combustíveis fósseis e biológicos, produzidos à base da jatrofa, cana-de-açúcar e outros em Moçambique.

O governante, que falava na semana passada, durante o dia da Energia no quadro da 47ª edição da FACIM, é citado pelo jornal Diário de Moçambique, e salientou que as pessoas devem preparar-se para o efeito porque as condições já estão criadas.

“Os passos que foram dados no domínio da produção de biocombustíveis permitem ao país perspectivar para os próximos anos uma contribuição significativa destes produtos, introduzindo mudanças no cenário prevaemente de fornecimento de combustíveis líquidos no país a partir dos mercados internacionais caracterizado por agravamentos constantes nos preços, com impacto negativo na economia e na vida dos cidadãos”, disse.

Namburete acrescentou que há um crescente interesse por parte de potenciais investidores no desenvolvimento de projectos visando a produção de biocombustíveis no país, sendo por isso necessário que sejam dados passos no sentido de usá-los. /Por Diário de Moçambique

Obrigatoriedade do uso de biocombustíveis a partir do próximo ano

Texto: Redacção

O uso de biocombustíveis nas indústrias e meios de transporte rodoviário, aéreo e naval passa a ser obrigatório a partir do segundo semestre do próximo ano. Segundo informações fornecidas pelo Ministério da Agricultura, o Governo moçambicano já está a realizar um estudo de viabilidade para a montagem de refinarias nos principais portos do país.

De acordo com Hélio Neves, coordenador de programas de biocombustíveis do Centro de Promoção da Agricultura (CEPAGRI), o programa vai consistir na mistura de gás, etanol e biodiesel – produzidos no país – e derivados de combustíveis fósseis adquiridos no mercado internacional.

Esta medida, segundo Neves, visa fazer um maior aproveitamento do potencial de biocombustíveis que Moçambique possui.

Cerca de 33 empresas nacionais e estrangeiras estão envolvidas na plantação de culturas destinadas à produção de biocombustíveis, nomeadamente a jatropha, óleo de copra, mapira doce e cana sacarina. Estas culturas irão ser produzidas, principalmente, nas províncias de Nampula, Sofala e Inhambane.

Em relação ao destino da produção, e tendo em conta que há empresas estrangeiras envolvidas no projecto, o coordenador do CEPAGRI assegurou que a prioridade será o abastecimento do mercado nacional e que está excluída a hipótese de se usar culturas e espaços aráveis utilizados pelos camponeses nas zonas rurais para a produção de biocombustíveis.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Lusa

Lorenzo logo na primeira curva. O espanhol da Yamaha Factory tomou a ponta e logo disparou na frente, deixando o rival para trás. Stoner não imprimia um bom ritmo na prova, aparentemente prejudicado por um problema com os seus pneus, e passou a ser ameaçado pelo companheiro de equipa, Dani Pedrosa. A seis voltas do final, Pedrosa ultrapassou

Stoner e não largou mais a segunda posição. As emoções nas voltas finais ficaram na disputa pela quarta posição, envolvendo três pilotos: Marco Simoncelli, Andrea Dovizioso e Ben Spies. O trio alternou-se na posição na última volta, e Simoncelli terminou à frente na linha de chegada, por pouco, seguido por Dovizioso e Spies.



Publicidade



Vagas

Anúncio de Vagas

Consultores/Consultores Seniores – Consultoria para o Desenvolvimento

A KPMG procura profissionais para ocuparem os cargos de consultores /consultores seniores, para os seu **Departamento de Consultoria de Desenvolvimento (DAS)** que está em fase de crescimento. DAS fornece serviços de consultoria a um leque de clientes, incluindo doadores internacionais, agências das Nações Unidas, instituições governamentais e empresas privadas. Áreas de enfoque incluem:

- **Gestão de projectos de longa duração;**
- **Desenvolvimento Rural e Agricultura;**
- **Eficácia de ajuda externa e auditorias de desempenho;**
- **Assessoria nas áreas de políticas e programas sociais e económicos;**
- **Gestão de Finanças Públicas e Governação;**
- **Desenvolvimento do Sector Privado;**
- **Monitoria e Avaliação;**
- **Pesquisas de agregados familiares e empresas.**

Os candidatos devem possuir os seguintes perfis:

- **Mestrado ou experiência de trabalho numa área relevante;**
- **Possuir competências quantitativas e analíticas fortes;**
- **Fluência em português ou inglês e bons conhecimentos da outra;**
- **Capacidade de relacionamento interpessoal muito forte e gosto pelo trabalho em equipa;**
- **Espírito de iniciativa, pro-actividade, dinamismo e rigor;**
- **Capacidade de trabalhar sob pressão para cumprir com prazos rígidos;**
- **Disponibilidade para deslocações dentro e fora do país;**
- **Conhecimento de pacotes estatísticos (SPSS, STATA etc.) seria uma vantagem.**

A KPMG oferece:

- **Integração numa empresa internacional dinâmica;**
- **Remuneração compatível com a capacidade e experiência evidenciadas;**
- **Boas perspectivas de progressão de carreira;**
- **Formação profissional contínua;**
- **Outras regalias em vigor na firma.**

Os CV em Português e/ou Inglês, detalhados e acompanhados de carta de candidatura devem ser enviados até ao dia **30.09.2011** para o seguinte endereço electrónico: **cennis@kpmg.com**.

Mantém-se o máximo de sigilo.



© 2011 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.

M

PLANO

POUPANÇA FAMÍLIA

-POUPE QUANTO QUER, COMO QUER E QUANDO QUER

-TOTAL FLEXIBILIDADE NOS MONTANTES, NO PLANO DE ENTREGAS E NOS REFORÇOS



21 350 035
823 500 350
823 500 360
823 500 370
843 500 350

www.millenniumbim.co.mz

COMECE
A POUPAR
HOJE. SINTA
A DIFERENÇA
AMANHÃ!

Millennium
bim

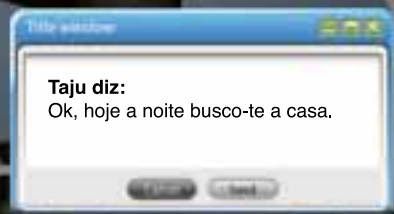
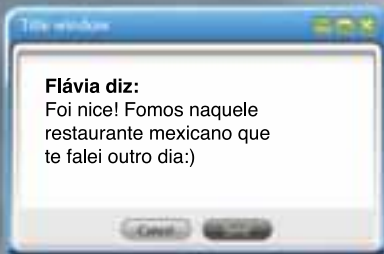
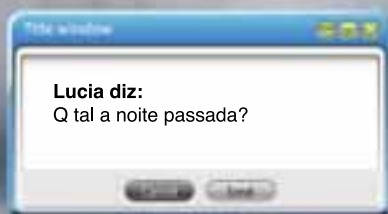
Publicidade

www.tvcabo.co.mz



tv**cabo**

Tem tudo a ver!



DDB 4165/08/11

TV**CABO.**

TV e internet num só lugar.
Tão bom que vais querer
ver tudo ao mesmo tempo.

A TVCABO oferece-te mais canais de TV, com o melhor do desporto, cinema, informação, aventura, música e muito mais. Internet até 10 Mbps para navegares a alta velocidade. Tudo isto numa só factura, numa só instalação e com pacotes e preços que têm tudo a ver contigo!

Liga já 21 480 550 ou vai a uma loja TVCABO e assina!

MULHER

COMENTE POR SMS 821115



É uma das poucas mulheres moçambicanas numa profissão pouco comum para o considerado sexo fraco. Chama-se Mariamo Abias e tem 46 anos de idade. Natural de Maputo, já conduziu viaturas de alta tonelagem, tendo sido a primeira mulher a transportar passageiros conduzindo um autocarro da empresa Transportes Públicos de Maputo (TPM).

Texto: Telma Isac • Foto: Miguel Manguzeze

(@V) - É casada?

Mariamo Abias (MA) - Sou separada, mas vivi maritalmente durante 15 anos. Desse relacionamento, nasceram três rapazes. Também tenho uma filha adoptiva. Todos estão sob minha responsabilidade.

(@V) - Como foi a sua infância?

MA - A minha infância foi semelhante à de muitas crianças do meu tempo. Joguei muito "mathocuzana" e a "neca". Quando entrasse de férias, viajava para Manhica com o meu pai. Lá dedicava-me às actividades características do campo, como apanhar lenha, ir à machamba e cuidar de animais. Recordo-me de que apanhávamos castanha de caju para vender. Nalgumas situações trocávamos por outros produtos.

(@V) - O seu trabalho foi sempre conduzir autocarros dos TPM?

MA - Não. Comecei a trabalhar na empresa Transportes Públicos de Maputo em 2006. Mas antes fui operária numa fábrica de produção de rádios portáteis da marca Xirico. Também trabalhei no Conselho Municipal da Cidade de Maputo (CMCM) durante 14 anos, dos quais sete como fiscal de limpeza e os restantes como motorista de camiões de recolha de lixo. Depois de tantos anos a trabalhar no CMCM, decidi parar e começar a fazer viagens de longo percurso, transportando carga diversa em camiões. Esse foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Conduzia um camião de Maputo para Chimoio ou Beira e vice-versa.

(@V) - Sendo mulher não tinha medo de ser assaltada durante a viagem?

MA - Confesso que no princípio tive medo porque viajava sem ajudante. O percurso é de dois dias, mas graças a Deus não cheguei a passar por uma situação anormal, durante os seis meses fiz esse trabalho. Até porque existe o espírito de solidariedade entre os camionistas. Caso um tenha a viatura avariada no caminho, quem aparece sempre se preocupa em ajudar, quando pode.

(@V) - Fez algum curso de mecânica?

MA - Um curso como tal nunca fiz, mas entendo algumas coisas como trocar um pneu, entre outros. Quando trabalhava no Conselho Municipal, os carros que conduziávamos avariavam com frequência. Às vezes, éramos obrigados a mexer, caso isso acontecesse, quando estivessemos distantes do local de parqueamento.

(@V) - Agora trabalha na empresa Transportes Públicos de Maputo conduzindo um dos autocarros da instituição. Já foi vítima de preconceitos por ser mulher?

MA - Tenho vivido algumas situações de preconceitos vindas principalmente de passageiros. Quando estou a conduzir o autocarro, alguns olham-me com espanto, outros chegam a lançar palavras obscenas. Mas já estou preparada, já imaginava que passaria por situações idênticas, sendo a primeira a fazer esse trabalho.

(@V) - E os colegas de trabalho, como a encararam nos primeiros dias?

MA - No início discriminavam-me, mas superei o preconceito. Mostrei que era capaz de fazer o mesmo trabalho, apesar de ser mulher.

A sociedade civil diz que a Cervejas de Moçambique decidiu insultar e ultrajar as mulheres moçambicanas – e talvez todas as mulheres – através de uma publicidade que “usa e abusa do corpo de uma mulher sem cabeça nem membros superiores e inferiores”.

60 Segundos com Mariamo Abias

(@V) - Trabalha como motorista há anos. Transportar passageiros é a sua primeira experiência. Como é lidar com essa situação?

MA - É preciso muita coragem, paciência, calma e respeito.

Não é fácil servir o público. Cada pessoa tem a sua maneira de ser, a sua cultura, nenhuma viagem é igual a outra. Às vezes, acontece uma confusão no interior do autocarro, mas sempre tentamos manter a calma

dos nossos passageiros.

(@V) - Como é que a Mariamo é em casa?

MA - Gosto de cuidar da casa, fazer a limpeza. Também gosto de cozinhar e cuidar da horta.

(@V) - Qual é o prato que gosta de cozinhar?

MA - Quando estou na cozinha, gosto de preparar caril de amendoim com peixe ou carne.

(@V) - Qual é o seu prato preferido?

MA - Não dispense uma mata-pa com mariscos.

(@V) - O que faz nos tempos livres?

MA - Costumo sair para convívios pessoais, onde me divirto muito. Muitas vezes, falta-me tempo para estar com outras

pessoas da família ou amigos e aproveito encontros organizados por causa do xitique para fazer isso.

(@V) - O que mais detesta na vida?

MA - Detesto qualquer tipo de humilhação. Não suporto ver alguém a sofrer, a passar fome ou outro tipo de situação triste.

(@V) - Se pudesse melhorar alguma coisa na comunidade em que vive o que faria?

MA - Em São Damasco, bairro onde vivo, ocorrem muitos assaltos. Como não há iluminação em algumas ruas, a polícia não chega até lá e os ladrões agem impunemente. Acho que, assim como se fazia antigamente, a polícia deveria usar cavalos para actuar nessas zonas durante a noite.

Publicidade



A NASA divulgou novas imagens dos locais de alunagem das missões Apollo 12, 14 e 17, obtidas a partir do espaço pela sonda Lunar Reconnaissance Orbiter. É possível até reconhecer o trilho deixado pelos astronautas da Apollo 17 no fino solo lunar, em 1972, a última missão tripulada ao satélite natural da Terra.

Um mundo novo mas tutelado

Vivemos rodeados de ligações e a informação tomou-se instantânea. Mas estamos longe da utopia dos primeiros anos da Internet. O novo mundo virtual é tão violento e vigiado como o mundo real. Se não mais.



Há 20 anos, com o fim da Guerra Fria, parecia desaparecer a ameaça nuclear, bem como as fronteiras físicas e ideológicas. O desenvolvimento da informática, os primeiros jogos de vídeo e o arranque da Internet deixavam entrever um mundo virtual, no qual todos poderiam mergulhar. “É possível um outro mundo” era o lema. Não se tratava de o descobrir mas de o construir com a ajuda de dados e de computadores. O acesso ao ciberespaço era a prova de que existia algo para além do mundo material.

Em 1996, o pioneiro da Internet, John Perry Barlow, publicou um manifesto onde resumia as esperanças desta nova era. “Governos do mun-

do industrializado. Gigantes fatigados de secretárias e de aço. Venho do ciberespaço: a nova pátria do espírito. Em nome do futuro peço-vos, representantes do passado, que nos deixem em paz. Não são bem-vindos entre nós. Lá, onde nos reunimos, o vosso poder é nulo. (...) O nosso mundo é diferente. O ciberespaço é feito de relações, de trocas e de pensamento puro. O nosso mundo está em todo o lado e em lado nenhum. A matéria não existe no ciberespaço.”

Sonhávamos com a democracia mundial. Com uma agora virtual da sociedade civil e das estruturas sociais concebida pelos pioneiros do mundo digital que – ao contrário de outros pioneiros – não iriam perseguir indígenas para tomar as suas terras. Construiriam o seu próprio reino no mundo virtual. Quando fossem abolidas as diferenças físicas, sociais e étnicas entre os homens, nasceria uma sociedade celeste cujas pias baptismas se encontravam à entrada do ciberespaço.

Não foi assim e o mercantilismo que acompanhou o desenvolvimento da Internet cedo suscitou críticas. Dois investigadores de ciências sociais, Richard Barbrook e Andy Cameron, denunciaram, no ensaio The californian ideology (A ideologia californiana, tradução em português disponível

na Internet), “o aparecimento de uma classe virtual formada por pessoas empenhadas, entusiasmadas da informática mas também por defensores do liberalismo económico que questionam as conquistas sociais”. Em 1999, o célebre Cluetrain manifesto (Manifesto das provas, disponível em www.cluetrain.com/book) apelava à criação de um novo modelo económico na Internet, dirigido às pessoas e não aos “consumidores”,

Paralelamente à cultura dos piratas informáticos, o movimento open source assentou num contramodelo do capitalismo, baseado no princípio da oferta e dos programas gratuitos.

Todas estas correntes, esperanças e ideologias exploram novos terrenos graças às mais recentes tecnologias, como as redes sociais. Assistimos a manifestações, organizadas a partir do Facebook e do Twitter, contra regimes corruptos. À publicação de documentos explosivos pelo WikiLeaks e à difusão de cópias piratas nos sítios de trocas de ficheiros. Ao mesmo tempo, as empresas e os governos utilizam técnicas sofisticadas de mining (extração de dados) para explorar as informações que os utilizadores colocam, voluntariamente ou não, na Rede.

A Rede é cada vez mais controlada. A época dos pioneiros pode já estar longe, mas o ciberespaço conserva a sua imagem de meio de infinitas possibilidades.

No mundo virtual, a realidade material – e o corpo – já não tem importância. Esta foi a concepção, avançada nas décadas de 1980-1990, de

uma espécie de ascensão a um universo paralelo. Perguntamo-nos no que se tornaria o nosso mundo no ciberespaço, ou melhor, como se poderia desenvolver um outro mundo, com a sua própria vida, evolutiva e artística. Alguns puseram-se a sonhar em descarregar a sua personalidade na rede informática para poderem viver eternamente sob a forma de anjos digitais. Em primeiro plano estava sempre a ideia de abertura a um mundo onde todos os velhos conflitos entre sistemas seriam resolvidos – e que seria também um mundo de evasão.

No final da década de 1980 assistimos ao desenvolvimento de tecnologias de realidade virtual (com origem em tecnologia militar). Prometiam deixar-nos aceder a um mundo virtual com o objectivo de mergulhar fisicamente num ambiente realista em 3D. Os primeiros ambientes virtuais foram sobretudo interfaces de jogos realistas e programas de simulação de treino e combate. Novas potenciais aplicações apareceram quando o virtual e a realidade se encontraram graças às tecnologias de realidade aumentada.

Hoje assistimos à multiplicação das interligações entre espaços, objectos e pessoas. A realidade aumentada deu mais um passo com a disseminação em massa do RFID (Radio-Frequency Identification/identificação de radiofrequência) e do GPS (Global Positioning System/sistema global de posicionamento), o desenvolvimento da banda larga e do protocolo V6 da Internet: agora é possível interagir em tempo real com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo.

VESTIDOS COM “ROUPA DE COMPUTADOR”

Enquanto isso, os sensores dos robôs viram o seu tamanho diminuir, por vezes até poucos nanómetros. Formam redes móveis de smart dust (“poeira inteligente”) e poderão, em breve, invadir o corpo e o cérebro dos seres humanos.

Todo ligado em rede, o planeta encontra-se envolto num espaço de dados, com consequências tão significativas quão ambivalentes. Bem podemos falar de realidade aumentada, mas esta não deixa de estar ancorada na realidade física.

A verdadeira revolução ainda não aconteceu. É verdade que já existem jogos em que os utilizadores, equipados com wearable computing (roupa de computador), ou seja, sistemas informáticos integrados na roupa e nos acessórios (óculos, luvas), podem jogar, mesmo que estejam no meio da rua. Habituaamo-nos a ver pessoas que se comportam como se estivessem a falar sozinhas em público, atitude que outrora teríamos tomado como uma prova de demência. Vamos ter de nos habituar a ver pessoas equipadas com armas invisíveis, num lugar público, à caça de presas que os nossos olhos não conseguem discernir.

É o que, por exemplo, nos propõe o jogo ARQuake. As informações relativas aos inimigos virtuais são projectadas no ambiente do jogador com o auxílio de óculos especiais que lhe permitem evoluir, tanto no mundo real como no mundo virtual. No futuro, a realidade aumentada, a Internet e a informática móvel estarão de tal forma interligados que poderemos em qualquer altura e em qualquer lugar aceder a dimensões virtuais e avançar tanto nestas como nas materiais.

Os velhos e enormes computadores deram lugar aos computadores pessoais, depois aos computadores portáteis e aos PDA, até nos entrarem nos bolsos sob a forma de telemóveis. Por causa destes adquirimos o hábito de usar microfones e auriculares. Agora, começamos cada vez mais a ver pessoas a usar óculos especiais para se deslocarem e trabalharem, como nos filmes de

ficção científica. Estes óculos permitem visualizar dados, imagens ou informações sobre o espaço em redor, projectando-os directamente na retina do utilizador sem necessidade de um ecrã.

Estas informações podem ser controladas de forma interactiva pelo movimento dos olhos. O utilizador mantém as mãos livres, os olhos já não estão pregados a um ecrã e o real e o virtual fundem-se.

A Internet móvel, os smartphones, o princípio do always on (sempre ligado) e da Evernet (Internet omnipresente graças às nanotecnologias) invadiram as nossas vidas a uma velocidade fulgurante e não cessaram de transformar a nossa relação com o espaço partilhado. A revolução móvel está a ser ainda mais rápida do que a da Internet. No ciberespaço ou no espaço público real, as pessoas são cada vez mais vigiadas, controladas, localizadas e identificadas. Os telefones portáteis fizeram desaparecer a fronteira entre o espaço público real e o virtual. Um utilizador tanto pode receber informações sobre o sítio onde se encontra como enviá-las.

UM NOVO BIG BROTHER

Passou a ser possível utilizar informações biométricas para identificar pessoas. Alguns sistemas são capazes de recolher dados fisiológicos pessoais, não apenas para vigilância de movimentos ou de conversas mas, também, para determinar como uma pessoa se está a sentir.

Outras tecnologias em desenvolvimento analisarão a forma de andar, os gestos e as expressões faciais dos indivíduos para automaticamente deduzirem algo sobre o seu comportamento e as suas intenções. Estas tecnologias tanto podem servir para a prevenção da criminalidade como para o neuromarketing. Técnicas de imagiologia cerebral podem permitir perceber como manipular pessoas, por exemplo, contornando os mecanismos de controlo conscientes para fazer desencadear uma decisão de compra.

Após os atentados de 11 de Setembro de 2001, a Administração Bush investiu em força no desen-

volvimento de tecnologias que permitam discernir à distância as intenções dos indivíduos. A Secretaria da Defesa desenvolveu um protótipo que permite “identificar intenções hostis” com base numa análise comportamental “em tempo real, multimodal, não invasiva e independente dos códigos culturais” dos sujeitos. Os suspeitos são filmados por câmaras especiais que rastreiam, sem o seu conhecimento, qualquer índice fisiológico que possa revelar as suas intenções.

O superorganismo mundial, a rede global com a qual sonhámos, ainda tem falhas. E não apenas nos locais mais pobres. Esta é, cada vez mais, a questão, mesmo em abastadas sociedades de informação: isolar os dados da concorrência política ou comercial dos espaços geográficos e das estruturas reais. Trata-se de determinar quem poderá aceder à informação. Quem terá o direito de escapar ao pan-óptico sistema digital quando todos os veículos, aparelhos, objectos e indivíduos estiverem equipados com GPS, RFID, endereços de IP e for possível segui-los, localizá-los na rua, graças a infra-estruturas e edifícios “inteligentes”.

As elites digitais passarão a ser um arquipélago de “ilhas” ricas, protegidas e estreitamente interligadas, que se distinguem pela capacidade de decidir por si próprias quando, onde e em que condições entram ou saem da rede.

Os cidadãos deveriam começar a ter medo dos criminosos e dos piratas informáticos. Dos serviços de segurança, privados ou nacionais, capazes de investigar os seus dados pessoais. No submundo informático – os buracos negros da pobreza – encontraremos todos os que se submeterem a esta vigilância, sem meios para participar de forma activa neste espaço de dados ou para controlar o seu próprio jogo.

A realidade aumentada não nos permite, apenas, aparecer em mundos virtuais. Permite-nos, também, projectarmo-nos para lugares distantes (telepresença) e aí executar tarefas (telemotor). Este aspecto é particularmente interessante quan-

do se trata de guerras e de matar inimigos a uma distância confortável. Curiosamente, apesar de já há alguns anos fazermos guerras à distância, utilizando aeronaves não tripuladas (UAV), o público parece ainda não ter percebido o que o futuro nos reserva. Preferimos criticar os jogos de guerra em vez de olhar para uma realidade há muito invadida por armas. É isto que é inquietante, porque a tendência é para a libertação das máquinas e para a sua autonomização.

EM VÁRIOS SÍTIOS AO MESMO TEMPO

As grandes mutações nem sempre tomam a forma de revoluções. Podem-se instalar gradualmente no quotidiano. Segundo um estudo britânico, as pessoas passam em média 45% do tempo de lazer em meios de informação, de divertimento ou de comunicação, às vezes em multitasking (multitarefa). Muitas vezes em dois sítios ao mesmo tempo. Comunicam agora mais do que nunca.

Para os jovens que cresceram na era informática, a privação, nem que seja por um dia, do acesso à informação traduz-se em sintomas de abstinência físicos e psíquicos, semelhantes aos que apresentam os fumadores que querem deixar o cigarro. Segundo um estudo da Universidade de Maryland, efectuado junto de voluntários de 12 universidades, um grande número de estudantes parece incapaz de passar um dia inteiro sem aceder à Rede.

É o aparecimento de um novo distúrbio comportamental, conhecido como Information Deprivation Disorder (síndrome de privação de informação). Privados do acesso ao fluxo de informação, os indivíduos sentem-se excluídos ou sem contacto com o mundo. A função do espaço público e semipúblico já começou a mudar. Não evoluímos sozinhos nem no seio de um grupo, mas no meio de uma nuvem de contactos, amigos e informações a que, muitas vezes, damos mais importância do que ao nosso ambiente físico.

Para não passar ao lado de alguma coisa, é preciso aproveitar todas as

oportunidades virtuais. Temos de estar em permanência no fluxo de informação. A própria fonte destas informações deixou de ser importante. A diferença entre informação (no sentido jornalístico) e as notícias pessoais desaparece ou torna-se insignificante. Recebemos notícias dos nossos amigos através dos muros das redes sociais onde estamos

ao mesmo nível dos tweets das mais diversas organizações, da imprensa ou de outros como nós.

Nadamos no fluxo de informações mundiais onde também temos de estar presentes. Só nos resta aguardar o acontecimento, por exemplo, a falha de energia, que nos traga de volta à realidade.

Atacar no Iraque a partir dos EUA

Os UAV actuam no Iraque ou no Afeganistão, mas são pilotados por soldados ou agentes da CIA a partir dos EUA. Para os operadores frente ao ecrã, a situação é a mesma de um jogo de vídeo: só tem a percepção do que vêem no monitor. A morte, real ou virtual, continua a ser um fenómeno longínquo e não directamente verificável. Após horas de telepresença passadas a sobrevoar um território ou a perseguir pessoas, alguns soldados revelaram um elevado nível de tensão, diz o Pentágono. O problema é continuar a ser capaz de voltar para casa e jantar com a família depois de passar oito horas a matar pessoas. Os mundos virtuais são, na maior parte dos jogos de vídeo, reversíveis: aí nada é definitivo. Mas agora é a morte, irreparável por excelência, que acontece no mundo virtual. Continuamos indiferentes e parecemos não querer ver o perigo destas tecnologias nas mãos erradas.

Quando estivermos habituados a disseminar, voluntariamente ou não, cada vez mais informações no ciberespaço utilizando a Internet, os telemóveis e os dispositivos inteligentes, o espaço público tornar-se-á, também ele, parte integrante do espaço de dados. O programa europeu INDECT (sistema inteligente de informação que permite a observação, a pesquisa e a detecção para assegurar a segurança dos cidadãos num ambiente urbano), com um orçamento de 11 milhões de euros, começa a inquietar os responsáveis políticos. Trata-se de um sistema de vigilância urbana global, ao lado do qual o tão controverso programa de arquivo (pelo Estado) de dados informáticos dos cidadãos parece inofensivo. Potencialmente, imagens e vídeos registados pelas câmaras, tanto em terra como a bordo dos UAV, informações provenientes de bases de dados da polícia e de fontes da Internet podem ser acedidas em tempo real por agentes virtuais e recolhidos e utilizados de forma inteligente para detectar automaticamente perigo, risco de violência ou “comportamento anormal”.

Qualquer pessoa a pé ou de carro pode ser seguida neste espaço. Para o controlo total dos espaços reais e virtuais, a União Europeia aspira à criação de uma sociedade de vigilância.

As possibilidades infinitas da entrada na Rede de indivíduos, grupos, Estados e empresas conduzem-nos para a vida na Rede. Cada um deve participar neste processo para poder sobreviver

Apesar dos riscos relativos à vigilância e à criação de perfis, os dispositivos de protecção dos dados pessoais não podem assentar, apenas, no princípio da “economia de dados” (segundo o qual, os utilizadores só podem ser questionados sobre uma quantidade mínima de informações pessoais). Enfrentamos cada vez mais um cenário onde temos de aprender a representar o nosso papel. Até porque o sistema pode ser subvertido. Assistimos a regimes autoritários a tremer perante protestos organizados a partir de redes sociais que desfilarão nas praças públicas perante o olhar global da comunicação social.

O AUTOR INTERNET E FILOSOFIA - Florian Rötzer nasceu em 1953. É um dos jornalistas especializados em assuntos da Internet mais conhecidos na Alemanha. Filósofo de formação, tornou-se conhecido pelas entrevistas que fez para a imprensa alemã a filósofos e especialistas de “media”. É, desde 1996, editor do Telepolis (www.heise.de/tp/), o sítio de referência de avaliação crítica das tecnologias de informação.

O escritor **Aldino Muianga** lançou esta quinta feira, no Instituto Camões, em Maputo, o seu livro de contos intitulado “Mitos: histórias de espiritualidade”. A obra é chancelada pela editora Alcance Editores e conta com 14 trabalhos, todos fazendo uma abordagem sobre a espiritualidade.

Muita luz, mas pouco brilho na abertura dos X Jogos Africanos

Texto: **Hélder Xavier** • Foto: **Miguel Manguze**

Na festa de abertura dos X Jogos Africanos - Maputo 2011, não se pouparam declarações de amor à cultura africana. A história do continente e do seu povo foi contada ao pormenor em forma de bailado. Pouco mais de 40 mil espectadores testemunharam a cerimónia no Estádio Nacional de Zimpeto. Mas faltou o essencial: emoção e organização.

A té às 14h00 – altura prevista para o início das actividades culturais –, as bancadas do Estádio Nacional de Zimpeto encontravam-se vazias. Na entrada, pequenas filas de pessoas cresciam timidamente à medida que aguardavam pela abertura dos portões que dão acesso ao recinto.

Nas rodovias que dão acesso ao local, o tráfego era intenso, pois milhares de pessoas deslocavam-se em direcção ao Estádio para testemunharem in loco a cerimónia de abertura da maior festa desportiva do continente africano, que se realizam pela primeira vez em Moçambique.

No princípio do dia, o Estádio estava vazio, mas, com o andar

do tempo, o número de pessoas foi crescendo. Quando o relógio marcava 15h30, havia apenas no interior pouco menos de dois mil espectadores que aguardavam pelo início das actividades culturais previstas no programa, o que só veio a começar quando já eram 16h49.

Sob animação do apresentador Gabriel Júnior, a parte cultural começou com um espectáculo de música, pouco brilhante, na qual artistas moçambicanos tentavam a todo custo não deixar os seus créditos em mãos alheias. Diga-se, mostraram o seu virtuosismo apresentando repertórios compostos por temas maioritariamente já conhecidos pelos amantes da música nacional. Aliás, não apresentaram nada de novo.

continua Pag. 29 →

Combate à pirataria pode falhar!

O combate à pirataria que o Governo Moçambicano, de há uns dias a esta parte, leva a cabo para frustrar a produção e venda ilegal de produtos não genuínos, sobretudo de material discográfico, pode redundar em fracasso caso as autoridades competentes não ataquem o mal pela raiz – os produtores.

Texto: **Inocêncio Albino** • Foto: **Miguel Manguze**

No mínimo, é o que se pode constatar na praça, depois de uma “patrulha nocturna” feita pelo jornal nas principais artérias da capital Maputo, a fim de se perceber os efeitos do primeiro mês da campanha que visa desmoralizar a contrafacção e venda de fonogramas.

No entanto, enquanto a Polícia da República de Moçambique (PRM) e instituições afins – que ultimamente têm orientado as suas acções para o combate à pirataria, entre outros géneros de produtos falseados – desenvolvem as suas actividades durante o dia, os revendedores (informais) adoptam

novas estratégias para contornar a “perseguição” oficial. Ou seja, desenvolvem a sua actividade comercial na altura em que polícia volta as suas atenções para infracções criminais de outra natureza.

@Verdade contactou os revendedores informais, alguns dos quais já viram os seus produtos apreendidos. A experiência mostra que há fontes de produção que ainda não foram desmanteladas. Afinal, por mais que a polícia apreenda os videogramas e fonogramas, cuja produção e venda são ilegais, o mercado não desfalece. Continua a haver espaço para comprar e para revender.

Na verdade, a pirataria é uma prática que prejudica a economia moçambicana, consistindo em parte na exploração ilegal do género, no caso dos artistas, intelectual e criativo de homens que trabalham para a produção da arte. A calcular pelo número de pessoas que em Maputo compram e revendem vídeos e CD’s falsos, bem como a quantidade de artigos que cada estabelecimento comercial possui não sobram dúvidas de que se trata de um sector que sustenta famílias.

continua Pag. 28 →



Pandza



| Helder Faife
| helder.faife@yahoo.com.br

Mão de Deus

Frequentava a vida pelo lado amargo. Convivia intimamente com a solidão. Como os trapos e papelões que entopem as sarjetas, entupia as ruas errando à vontade do vento. A sua presença já não fazia muito sentido no mundo dos vivos. Tinha casa mas pernoitava onde melhor se aconchegava, no calor frio do relento. Tinha parentes mas a sua verdadeira família era constituída por as garrafas e pelo luar, com quem passava os dias e as noites. Ao contrário das pessoas, o luar e as garrafas davam-lhe luz e afecto, com que se equilibrava. O luar, com os braços dóceis que as suas réstias são, abraçava-o e embalava-o com carinho todas as noites. As garrafas tinham por ele um afecto líquido, que fermentava nas veias e adormeciam abraçados, de boca e gargalos juntinhos, em cumplicidade de amantes. Fazia anos. Não se lembrava de, nos últimos tempos, ter comemorado algum aniversário. Nem se lembrava dos seus aniversários. Quem tem necessidades primárias tem mais com que se ocupar do que andar a comemorar aniversários. Houve quem dissesse que levava a vida em constante comemoração, pois, a beber assim, só podia estar a festejar algo.

– Bom homem, mas eish, bebida...

Fazia anos. Foram buscá-lo, caído algures, no labirinto da cidade. Pernoitara como sempre ao relento. Olharam para ele como se olha para um rato a definhir e, com uma piedade formal, comentaram:

– Bom homem, mas eish, bebida...

Fazia anos. Cuidaram dele com mais dever do que carinho. Ainda assim era uma atenção a que já não estava habituado. Separaram-lhe da companhia, com quem partilhava aquele amor líquido, etílico, mas verdadeiro, a garrafa. Seguraram-no pelo braço e arrastaram-no, como se arrastam carcaças para a sucata. As calças riscaram o chão, a urina pincelou o passeio. Levaram-no de carro, como há muito não faziam. Limparam-lhe a baba. Apararam-lhe do rosto os pelos grisalhos e castanhos como se disfarçassem a folhagem amarela duma acácia cansada. Lavaram-no, com mangueira e escovas, como se lava moradores de um estábulo. Usaram sabonetes de aromas invulgares, que há muito não sentia. Vestiram-lhe como se embalsassem uma encomenda, roupas como há muito não vestia: uma camisa limpa, um fato novo, e sapatos. Perfumaram-no, disfarçando o cheiro a vagabundo que tresandava. Até flores lhe ofereceram. Deixaram-no pronto para a cerimónia.

– Bom homem, mas eish, bebida... – lamentava-se.

Juntaram as mesas, requisitaram cadeiras e esteiras na vizinhança. Prepararam bebes e comes. Vinho e mahêu, arroz com caril em panelas grandes. As pessoas juntaram-se à sua volta, ora em silêncio, ora entoando aqueles cânticos que se aprendem na igreja, o corpo não dança mas a alma percebe.

Pareciam harpas as cordas vocais daquela gente. Entoava versos com que o aniversariante se identificou: “Se as águas do mar da vida quiserem afogar-te (...) se as tristezas desta vida quiserem sufocar-te...”

No embalo dos cânticos, irrompeu entre os presentes um homem de idade, barbudo, em trajes humildes. Por trás o sol aureolava-o dando-lhe um aspecto místico. Trajando panos brancos, aproximou-se pisando com a sandália sem magoar o chão. Alguém aumentou o volume da orquestra de vozes e os cânticos ganharam uma entoação mais gospel. O homem levantou lentamente o braço e estendeu-o ao aniversariante, quando das vozes se ouviu: “Segura a mão de Deus, segura a mão de Deus...”

O aniversariante segurou a mão de Deus, e sentiu firmeza. “Não temas, segue em diante e não olhes para atrás...” mas ele olhou para trás e viu o cortejo de cantantes em lágrimas. Deus olhou para ele, para a camisa, para o fato, para os sapatos, para as flores há pouco oferecidas, e disse, com a voz majestosa:

– Deixa ficar tudo isso. Lá para onde vamos não vais precisar. Despiu-se e deixou ficar a roupa, as flores, os perfumes, o carinho, as lágrimas, tudo o que nunca teve mas hoje lhe ofereciam.

– Deixa também ficar o corpo. Traz só a alma contigo.

“Segura a mão de Deus e vai...” ouviu-se, enquanto os dois caminhavam, com a cumplicidade das mãos juntas. Sorrindo, Deus olhou por cima do ombro e disse:

– Feliz aniversário, meu filho.

Depois de uma ausência de 25 anos, Ruy Guerra volta a Moçambique, terra que o viu nascer, para ser homenageado nesta sexta-feira pelo Dockanema. Lembre-se que, em 1964, o Festival de Berlim rendeu-se ao filme “Fuzis”, realizado por Guerra, tendo sido distinguido com um Urso de Prata.



Bob Dylan canta para os pretores

O músico influenciou toda uma geração de advogados e juizes norte-americanos – a ponto de muitas vezes citarem o artista nas suas alegações e veredictos.

Texto e Foto: **Jornal Los Angeles Times**

Em meados dos anos 1960, nas noites de Verão, o aparelho de televisão a preto e branco crepitava na sua casa, em Staten Island, Nova Iorque, difundindo informações sobre o Vietname e os surtos de violência que grassavam no Sul do país (em resposta ao movimento pelos direitos dos negros norte-americanos). Bobby Lasnik ia então para o quarto, deitava-se na cama e deixava o hino do movimento pelos direitos civis penetrar na sua alma sensível de adolescente. Ligado à estação de rádio WBAI, ouvia lamentos carregados de injustiça, canções que teria presentes para o resto da vida.

“De repente, alguém usava a linguagem da verdade, era uma coisa que não era costume ouvir-se na rádio”, conta Bobby Lasnik, ao recordar a primeira vez que escutou uma canção de Bob Dylan. “Nem me lembro de que música era, mas adorei o imaginário, as palavras – palavras que nunca tinha pensado em associar – e as ideias que provocava na cabeça ao ouvi-las.”

Agora, o imaginário circula no sentido inverso. O juiz Robert Lasnik – que hoje é tratado por meritíssimo e não por Bobby – é conhecido por invocar o poeta errante nas decisões do Tribunal Federal de Seattle. Foi buscar excertos de Chimes of freedom, num caso que punha em causa a legalidade da detenção sem julgamento, e The times they are a-changin, o grito de guerra do Movimento dos Direitos Civis, num julgamento que fez história, em que a exclusão de meios de contracepção do plano de seguro e medicamentos dos funcionários pela entidade empregadora passou a ser delito de discriminação sexual.

Lasnik não é o único a inserir o lirismo contestatário de Dylan no discurso jurídico em vigor. Alguns juristas analisaram a influência do cantor no mundo jurídico actual. Veredicto: nenhum outro músico foi tão frequentemente citado pelos tribunais. De decisões do Supremo Tribunal até a cursos de Direito, os textos de Dylan são retomados para ilustrar os equívocos da lei e dos tribunais. As suas letras icónicas de protesto, Blowin in the wind e The times they are a-changin, deram voz a manifestações pela paz e pelos direitos civis. As suas baladas mais incisivas, The lonesome death of Hattie Carroll e Hurricane, inspiram os “retratos jurídicos” do nosso tempo, mostrando a que ponto a música é capaz de veicular uma ideia.

Se a música e os valores de Dylan permeiam o sistema jurídico norte-americano, isso deve-se ao facto de as suas músicas terem marcado os anos de formação dos juizes e advogados que hoje povoam os tribunais, as universidades e os grandes escritórios de advocacia, explica Michael Perlin. Professor da New York Law School (uma faculdade de Direito independente da Universidade de Nova Iorque), cita textos e títulos de Dylan em pelo menos cinco dezenas de artigos publicados em diversas revistas jurídicas. Como muitos outros, Perlin enveredou pelo Direito enfeitado pelo canto de sereia moral de Dylan nos anos 1960. Essas canções desempenharam um papel determinante na aprovação da Lei dos Direitos Civis de 1964, que combinava as directivas federais para garantir penas de prisão mais equitativas com reformas processuais que proibiam a discriminação racial.

“As pessoas gostam de acreditar que a música que ouvem diz algo sobre a sua personalidade”, comenta Alex Long. Este professor de Direito na Universidade do Texas, de 41 anos, trabalhou sobre a influência da canção de intervenção no mundo jurídico. “Os juizes têm um quotidiano bastante enclausurado, as suas decisões são congeminações em isolamento. Dylan era popular numa época em que os juizes de hoje estavam a entrar na idade adulta e tentavam perceber quem eram. Quando a oportunidade surge, é tentador colocar um verso do seu artista favorito; é uma forma de mostrar singularidade”, acrescenta Alex Long, cuja infância, passada junto do gira-discos dos pais, se alimentou dos sonhos de Dylan.

Em 2007, durante todo um semestre, Alex Long passou a pente fino as bases de dados jurídicas para detectar as músicas mencionadas nos registos dos tribunais e em artigos em publicações especializadas. Daí resultou o seguinte top 10: Dylan, à cabeça, com 186 citações, muito à frente dos Beatles (74), Bruce Springsteen (69), Paul Simon (59), Woody Guthrie (43), Rolling Stones (39), Grateful Dead (32), Simon & Garfunkel (30), Joni Mitchell (28) e R.E.M. (27).

Uma das frases mais vezes citada é extraída de Subterranean homesick blues, que é um dos dez maiores êxitos de Dylan. Meia dúzia de julgamentos de tribunais da Relação da Califórnia

refere-o quando querem expressar a ideia de que um parecer pericial não é necessário para provar o óbvio para os leigos: “You don’t need a weatherman/To know which way the wind blows” (Não é preciso um meteorologista / para saber de que lado sopra o vento).

Na óptica de Abbe Smith, professora da Georgetown Law School, Hattie Carroll é “uma balada quase perfeita, uma história e simultaneamente uma lição”. A canção de Dylan denuncia uma injustiça: a história de William Zantzinger, um jovem rico, membro da alta sociedade de Maryland, condenado a apenas seis meses de prisão por ter espancado até à morte uma criada negra que demorou muito a levar-lhe o copo de água que tinha acabado de pedir. A rapariga chamava-se Hattie Carroll. Os fãs de Dylan que hoje ensinam Direito integraram esta balada nas suas cadeiras. Também citam Hurricane, que conta a história do processo por assassinio do boxeur

A canção conta a história de polícias racistas, um juiz desonesto e um júri parcial, que enviou Carter para trás das grades com dupla condenação perpétua. No entanto, um juiz federal conseguiu (em 1985) anular a condenação de Carter, alegando que a acusação tinha sido “baseada mais no racismo do que na razão”.

Allison Connelly considera que a versão de Dylan, que vê neste caso uma armadilha, pode ter influenciado a promulgação e aplicação de leis proibindo operações stop sem motivo e impedindo os queixosos de demitir um jurado por critérios de raça. Um dos primeiros grandes processos de Robert Lasnik, após ter sido nomeado para o Tribunal Federal pelo Presidente Clinton, em 1998, envolvia imigrantes ilegais, passíveis de expulsão e detidos há vários anos. Nessa ocasião, o juiz citou Chimes of freedom, recordando a simpatia do artista pelos oprimidos e vítimas de maus tratos.

**We ducked inside the doorway,
thunder crashing
As majestic bells of bolts
struck shadows in the sounds
Seeming to be the chimes
of freedom flashing
Flashing for the warriors
whose strength is not to fight
Flashing for the refugees on the
unarmed road of flight
An’for each an’ev’ry underdog
soldier in the night
An’we gazed upon the chimes
Of freedom flashing.
(Acocorávamo-nos no alpendre,
com trovões ribombando
Enquanto sinos majestosos de luz
combatiam ruidosamente as sombras
Como se fossem clarões
dos carrilhões da liberdade
Luzindo pelos guerreiros cuja
força é não lutar
Luzindo pelos refugiados
na desarmada estrada da fuga
E por cada soldado desfavorecido
perdido na noite
E ficávamos a ver o clarão
dos carrilhões da liberdade.)**



Se juizes como Robert Lasnik, hoje com 60 anos, prestam homenagem a Bob Dylan, o respeito não parece mútuo, sublinha David Zornow, sócio do escritório nova-iorquino da firma de advocacia Skadden, Arps, Slate, Meagher & Flom: “O tipo não diz nada bem dos juizes”. Nos volumosos arquivos de canções do artista, só encontrou duas referências a juizes humanos e profissionais. A maioria manifesta a corrupção e a instabilidade de humor dos magistrados. E, como um suspeito que invoca o direito de permanecer calado, Dylan recusa-se a comentar o seu papel como musa dos juristas.

As palavras de Dylan são muitas vezes associadas a textos de esquerda, mas as duas citações nos acórdãos do Supremo Tribunal dos Estados Unidos são feitas por conservadores. Assim, em 2008, quando o presidente do Supremo Tribunal, John Roberts Jr., decidiu que as empresas de cobrança contratadas pelos operadores públicos de telefones não podiam processar os clientes, pois não tinham qualquer direito sobre o dinheiro que recolhiam, citou (livremente) Dylan: “When you ain’t got nothing, you’ve got nothing to lose” (Quando não se tem nada, não se tem nada a perder, em Like a rolling stone).

No ano passado, o juiz Antonin Scalia fez referência a Dylan ao repreender os seus colegas do Supremo Tribunal de Justiça porque continuam sem legislar sobre a questão, em constante mutação, do direito à protecção da vida privada dos funcionários através do endereço de email da empresa. O seu argumento foi: “Dizer que ‘os tempos mudam’ (times they are a-changin’) é uma má desculpa para se eximir dos seus deveres”.

Robert Lasnik também fez referência a The boxer, de Paul Simon, a propósito da ignorância deliberada dos homens: “A man hears what he wants to hear and disregards the rest” (Um homem ouve o que quer ouvir e ignora o resto). E finge-se chocado com a imitação do seu hábito de invocar Dylan por outros juizes: “Quando o presidente do Supremo Tribunal, John Roberts, citou Dylan, pensei: ‘Oh não! Agora deixou de ser fixe!’”.



Rubin Hurricane Carter, em Paterson, Nova Jérnia. Para eles, ambas as canções são uma fonte de inspiração para os futuros advogados.

A história de Hurricane Carter é paradigmática. Durante uma operação stop, a polícia de Paterson encontrou cartuchos que ligavam Carter a um triplo assassinio. Elementos que deveriam ter sido excluídos do processo de acusação. De facto, durante a operação de trânsito, a polícia não tinha “suspeita razoável” contra o jogador de boxe, e os cartuchos não eram portanto provas admissíveis, considera Allison Connelly, professora de Direito na Universidade de Kentucky. Segundo ela, este processo é um caso de estudo perfeito para os jovens advogados, no sentido de se determinar o valor da pesquisa de provas e questionar a versão dos factos apresentada pelas autoridades. Pede aos alunos que trabalhem a partir do texto de Dylan, no intuito de identificarem vícios na teoria do Ministério Público, encontrarem testemunhas e estabelecerem horários paralelos destinados a criar um álibi para o acusado.

**All of Rubin’s cards were
marked in advance
The trial was a pig-circus
he never had a chance.
(As cartas de Rubin estavam todas
marcadas com antecedência.
O julgamento foi um circo policial.
não tinha qualquer hipótese.)**



PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação →

Combate à pirataria pode falhar!

É por essa razão que alguns revendedores ouvidos pelo @Verdade revelam-se agastados com a acção do Governo. Aliás, alguns afirmam que “é uma perseguição injusta”. Sobre tudo, porque “não é só o disco que é pirata. Os aparelhos DVD que se vendem, em Maputo, não são originais”. Mas mesmo assim, “não são apreendidos”.

Ainda na baixa da cidade, contactámos um revendedor que não quis revelar a sua identidade. A sua loja possuía perto de mil cópias de vídeos, “cada uma adquirida por 45 meticais e revendida a 50 meticais”.

O Ministério da Cultura

Algumas semanas depois do início da campanha, o elenco do Ministério da Cultura reuniu-se para aprimorar a sua acção e definir novos pontos estratégicos. Calcula-se que só na cidade de Maputo até à segun-

da semana da campanha nacional de combate à pirataria, já haviam sido confiscados cerca de 35 mil objectos ilegalmente produzidos e comercializados.

Os grandes focos da actividade são os centros urbanos, locais com maior concentração de pessoas enquanto os materiais são produzidos em locais aparentemente legais, mas que na prática se dedicam à produção ilegal de fonogramas, conforme considera José Rodolfo, inspector nacional das Actividades Económicas.

“Todos estamos comprometidos com o combate à pirataria, porque está em causa a protecção das obras dos artistas, bem como das indústrias criativas e culturais. Mas a apreensão de tais produtos é uma acção de risco, daí que contamos com a presença da polícia”, afirma Rodolfo.

Mercado infestado

Em conversa com o @Verdade, o inspector-geral do Ministério da Cultura, Arnaldo Bimbe, conta que quando comparado com os produtos genuinamente fabricados, o mercado moçambicano está infestado dos contrafeitos. Contudo, os produtos apreendidos nos últimos dias deverão ter como destino a incineração.

Paralelamente à acção do combate à pirataria, o Ministério da Cultura tem estimulado os agentes económicos que fazem da produção e venda de CD's e vídeos a sua actividade de renda a apostar na produção de obras autênticas, combatendo o mal.

“A meta é concorrer com esta campanha para que haja no mercado um fluxo saudável, em termos de produção, comércio, bem como de ganhos

dos que apostam na venda de fonogramas como actividade de rendimento”.

Mas, acima de tudo, “estimular a criatividade artística, fazendo com que a indústria cultural seja rentável, geradora de empregos, sem lesar os seus operadores. O que, em última análise, poderá concorrer para o combate à pobreza absoluta”.

E porque em matérias da produção artística Moçambique é um dos subscritores de convenções internacionais no contexto de combate à pirataria, o Ministério da Cultura “não age apenas em defesa das obras do artista moçambicano, como também das dos estrangeiros. A valorização dos moçambicanos passa pelo consumo igualmente de produtos genuínos”, disse Bimbe assegurando que o combate à pirataria será uma acção continuada.



Distúrbio linguístico gerou conflitos...

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Se os profissionais da Saúde tivessem pleno domínio cultural sobre os seus pacientes, muitos “conflitos”, derivados de perturbações, ruídos e constrangimentos semânticos que se verificam na comunicação entre estes e os utentes dos seus serviços podiam ser evitados.

A constatação emana de um trabalho académico sobre Relações Públicas na Saúde Pública apresentado, muito recentemente, no colóquio da II Semana da Comunicação realizado pela Escola Superior de Jornalismo, em Maputo.

Na esfera da saúde pública, o autor da pesquisa, Guilherme Chirinda, jovem dinâmico e empreendedor intelectual, associa o domínio cultural ao linguístico para reiterar que “a prevenção, a cura, o saneamento do meio, a gestão de crises patológicas, a informação sobre a higiene a ter (...) são funções” nela logradas.

O expositor chama a atenção para um assunto sério em relação à má aplicação da informação por parte dos agentes da saúde. Segundo diz, estas funções, podem trazer deficiências quando a sua difusão for arquitectada somente ao nível administrativo-aplicativo, descurando a componente relacional – aspectos culturais – que esta actividade envolve.

O problema é que, bastas vezes, a capacitação dos activistas do Ministério da Saúde, difusores da informação em saúde pública, tem sido parcial, excluindo a componente cultural. Ou seja, não “recebem nenhuma capacitação sobre como transmitir essas informações de acordo com os hábitos e costumes, vivências, crenças, cultura no geral,” das populações alvo.

A consequência imediata da parcialidade “são os choques

culturais que assistimos entre os activistas e as populações”, comenta.

Choques e distúrbios

Por exemplo, o interlocutor recorda que quando (em 2010) a província de Cabo Delgado foi fustigada pelo surto de cólera, as autoridades apuraram que o fenómeno ocorrera devido ao consumo de água inapropriada, tendo, por isso, engendrado campanhas para disseminar “informação sobre como tratar a água antes de consumi-la”, ou seja, “fervendo-a ou adicionando cloro”.

Chirinda conta que o choque procedeu da segunda forma de tratamento da água – “adicionando cloro”. Afinal, ainda que informadas, as populações teimavam em consumir água contaminada atribuindo à feitiçaria a origem da patologia. Como tal a doença prevalecia.

Pior ainda é que outro grupo de cidadãos estava convicto de que os agentes da saúde são os que traziam a cólera para as suas famílias, uma vez que, devido à influência da língua autóctone daquela região, “eles acreditavam que a pronúncia da palavra cloro fosse idêntica à de cólera. Apenas variava ligeiramente, pois os oficiais queriam disfarçar”, realça Guilherme na sua pesquisa, acrescentando: “uma vez que os oficiais distribuíam cloro nas suas rondas, o grupo acreditava que aqueles distribuíam cólera”. A consequência imediata é que os populares

Publicidade



“optaram por cercá-los e espancá-los”, tendo-se dirigido, instantes depois, “para a unidade sanitária mais próxima vandalizando-a completamente”, realça.

O caso Quisse Mavota

Para o nosso interlocutor, o caso acima citado é apenas um exemplo de tantos de que provavelmente não se tem conhecimento. Mas nem por isso deixa de ilustrar claramente o quão “a falta de estudo sobre a cultura da população em

causa”, antes de se ministrarem determinadas medidas, pode degenerar em tragédias. Afinal, para Chirinda, se se tivesse realizado um estudo prévio “a questão linguística teria sido detectada ainda na fase de sensibilização”.

Na mesma senda, e de forma inevitável, Guilherme Chirinda recorda o dramático caso dos desmaios das alunas da Escola Secundária Quisse Mavota, localizada no bairro de Zimpeto, arredores da província de Maputo.

No exposto, Chirinda diz que o Governo pecou por ter simplesmente atribuído “apenas ao sector da saúde a responsabilidade de encontrar soluções para o caso”. Como tal, ainda que alguns sociólogos e cientistas sociais tenham admoestado o Estado para que fizesse um estudo multidisciplinar sobre o fenómeno, que fosse além da medicina, mas mais uma vez “o Ministério da Saúde não se preocupou com as pessoas envolvidas naqueles acontecimentos”. Preocupou-se unicamente com as vítimas. “Não procurou saber dos antecedentes das zonas circunvizinhas, nem da relação que aquelas mantêm com os seus antepassados. O ministério olhou para o lado prático, ignorando o emocional”.

Vícios dos profissionais

Partindo do princípio de que “o cidadão que vai a um hospital é um cliente”, devendo, por conseguinte, “ser tratado como tal”, Guilherme promove uma profunda reflexão “sobre a problemática da gestão hospitalar nas nossas cidades – não somente pela qualidade do atendimento, mas na transparência de acções no que diz respeito à contabilidade, às contratações, à atenção dispensada aos enfermos e seus familiares e ao serviço prestado à comunidade”.

Chirinda arrepende-se imediatamente ao pensar sobre o quão complexo é inserir nas mentes dos funcionários do sector público moçambicano,

especificamente da saúde, que os utentes daqueles serviços devem ser vistos como clientes. “É só fazermos-nos à unidade sanitária mais próxima, que o utente sairá de lá menos feliz do que quando entrou”, desabafa.

Levando este ponto de vista ao extremo, Guilherme Chirinda comenta afirmando que não é uma questão de vontade e carácter apenas que faz com que o sector da Saúde tenha tamanhas deficiências comunicacionais. Afinal, “assim como o sector empresarial, o ambiente hospitalar é cheio de vícios profissionais, muito preconceito com alguns profissionais da área, grandes jornadas de trabalho e salários que não condizem com a realidade do trabalho colocado em prática”, denuncia.

Posicionamento do RP

É inegável o conhecimento que Guilherme Chirinda possui sobre o ser humano, enquanto portador e produtor de cultura.

A verdade, porém, manda dizer que este jovem, que em tempos estudou linguística, acabou por revelar a importância e a pertinência que há em incluir-se nas acções do Ministério da Saúde, e não só, um técnico de Relações Públicas – uma nova área de formação em Moçambique – na prestação dos serviços públicos.

Ou seja, “é necessário que o Ministério da Saúde dê mais espaço de acção a profissionais das áreas de comunicação, trabalhando com eles de forma a tornar mais fácil a satisfação do utente destes vitais serviços, e proporcionando satisfação àqueles que os provêm e àqueles que os procuram”.

Afinal, “as Relações Públicas constituem uma área provida de instrumentos capazes de auxiliar qualquer tipo de actividades, independentemente do carácter, desde que envolva relacionamento, visto que este é o seu intrínseco objecto de estudo”, finaliza.

O conceituado agrupamento de música tradicional Timbila Muzimba actua na quarta-feira no Centro Cultural Franco-Moçambicano, num show enquadrado no cardápio das actividades culturais que têm lugar em paralelo com o decurso dos X Jogos Africanos de Maputo.

PLATEIA

COMENTE POR SMS 821115

continuação → Muita luz, mas pouco brilho na abertura dos X Jogos Africanos



Diante de um público apático, os artistas souberam estar à altura do evento. Mais tarde, a plateia mostrou-se pouco recatada e foi aplaudindo timidamente cada momento em que os músicos tentavam puxar por ela. Subiram ao palco – na verdade, no centro do campo – músicos como Aly Faque, Ivo Mahel, Casimiro Nhussi, Mr. Bow, a dupla Domingas e Belita, e Marlen, apesar de terem sido anunciados mais de seis cantores que iriam actuar naquela tarde. Mas nem todos os artistas tiveram a mesma sorte, diga-se.

Para dar início ao momento cultural, a responsabilidade coube ao músico Aly Faque que apresentou um repertório constituído por dois seus sucessos, um dos quais “Kinachukuro”, o tema que colocou o artista na ribalta. Aly realizou um concerto pouco interessante. Seguiu-se Ivo Mahel que apresentou dois temas. E a sua actuação foi menos impetuosa. Inúmeras vezes, o músico tentou puxar pelo público que se mostrava cada vez mais menos comunicativo.

Quando passavam sete minutos depois das 17 horas, o músico Casimiro Nhussi encheu o recinto com os sons quentes de batuque. As batucadas de Nhussi valeram aplausos tímidos da plateia. Depois, foi a vez das irmãs Domingas e Belita que tiveram uma actuação efémera e fraca. Seguiu-se um grupo de dança, desconhecido entre o público moçambicano, que apresentou um número da cultura árabe, mas nem por isso deixou de ser aplaudido, apesar de ter errado várias vezes na coreografia.

E, mais tarde, subiu ao palco Mr. Bow que conseguiu levantar o público com o seu sucesso “Kota de Família”. Mas o primeiro grande aplauso surgiu por volta das 17h56, quando Marlen entrou em “campo”. O público levantou-se para receber a “preta negra”. Todavia, como diz a sabedoria popular, “O que é bom dura pouco”, a jovem cantora viu a sua actuação ser interrompida com a entrada do Presidente da República, Armando Guebuza, decorrido pouco mais de meio minuto.

De seguida, assistiu-se ao desfile das delegações dos países que marcaram presença nos X Jogos Africanos de Maputo, das quais se destacaram, devido à indumentária – traje tipicamente africano –, as selecções da Nigéria, Camarões, Costa de Marfim e Namíbia. Mas o mais ovacionado da noite foi o país anfitrião. O momento que se seguiu foi dedicado aos discursos da praxe.

África mítica

O grande espectáculo de abertura oficial dos Jogos Africanos, designado “África mítica”, Moçambique apresentou ao continente a história de um povo, desde a invasão colonial até ao período actual.

A animação no interior do Estádio foi garantida por vários grupos de dança tradicional através de teatro, dança e música. Em algumas das coreografias que contam a história de África, e de Moçambique em particular, fez-se uma declaração exuberante à cultura do continente negro.

Em alguns momentos, a coreografia apresentou-se desajustada, mas nem por isso o entusiasmo deixou de subir de nível. Das bancadas, ouviam-se sonoros assobios e aplausos eufóricos que enchiam o Estádio e tornavam o ambiente literalmente quente. A casa ainda não estava totalmente cheia. Diversos bancos vazios saltavam à vista. Mas o barulho era intenso.

Num ambiente deveras entusiasmante, assistiu-se a um verdadeiro espectáculo de fogo-de-artifício. A 20 metros do Estádio Nacional de Zimpeto, numa pequena cabana sem energia eléctrica, Augusto Elias, de 20 anos de idade, e o seu primo Alberto, emocionavam-se com a exuberância da queima de fogo, que servia de iluminação. Até porque só em dias em que há um evento naquele recinto que o casebre dessa família é agraciado com a luz dos holofotes e fogo-de-artifício.



4º PODER

COMENTE POR SMS 821115

Os serviços secretos franceses espiaram um jornalista do "Le Monde" para tentarem perceber quem seria a sua fonte no "caso Bettencourt", sobre a gestão da fortuna da proprietária da L'Oreal.

Só sanduíche e água para os jornalistas



Nos centros de Imprensa criados para facultar informação sobre os X Jogos Africanos, os jornalistas vivem um drama: não há condições para trabalhar. Falta internet, computadores, e não há resultados em tempo real, para não falar da ausência da figura de porta-voz. Só há sanduíche, sumo e água.

Texto: Redação • Foto: Adérito Caldeira

Nas salas de imprensa espalhadas pelos locais onde se realizam as competições, os jornalistas têm de arranjar os seus próprios meios para fazer o seu trabalho. Não há Internet e, muito menos, computadores. Em alguns casos, não há tomadas para ligar os aparelhos.

cutivo do COJA, Penalva César, garantiu que os resultados em tempo real "seriam uma realidade", porém, na prática a coisa é bem diferente – que o digam os jornalistas nacionais, além dos mil estrangeiros acreditados para o evento.

Obter informações sobre as competições é um verdadeiro martírio. Um calvário que os profissionais de comunicação têm de suportar. Não há ninguém que possa facultar quaisquer notícias. Os indivíduos indicados para atender os jornalistas

A desorganização começou no dia da cerimónia de abertura oficial do evento, por sinal o maior do continente africano. No Estádio Nacional de Zimpeto, o centro de imprensa estava repleto de sanduíche, sumo e água. Não havia nenhum equipamento informático. Aliás, não havia sequer um computador ou serviço de Internet. Em suma, não havia condições nenhuma para fazer o despacho dos materiais noticiosos dos Jogos Africanos.

Nas bancadas reservadas aos profissionais de comunicação, nem sinal de rede wireless havia. Os jornalistas que pretendiam enviar algumas notícias tinham de contar com a boa fé dos seus colegas. Quase todos os repórteres nacionais e estrangeiros tiveram dificuldades para obter ou despachar informações por falta de uma sala de imprensa equipada.

Nos locais onde decorrem as provas, a situação é mais dramática. Até chega a faltar papel para imprimir o programa das competições e os resultados.

Resultados em tempo (i)real

Na conferência de imprensa de antevisão aos X Jogos Africanos – Maputo 2011, o Director Exe-

tas só sabem dizer a palavra "esperar". Meia, uma ou mais de duas horas é o tempo que geralmente um repórter tem de esperar por um atendimento ou um esclarecimento.

Não há resultados em tempo real como foi prometido. Os jornalistas têm de berrar e espernear para verem a sua inquietação atendida, porque, ao contrário, se sujeitam a sair do recinto sem nenhuma informação. Em certos casos, é necessário gozar de boa relação de amizade com um dos organizadores.

Um depósito aqui.

Depósito
Novo Cliente
BCI.

Abra uma conta no BCI e comece a poupar, a partir de 2500 Meticais, com taxa de remuneração de 16,5%*.

*Tabela Taxa Anual Nominal Bruta

BCI
O MEU BANCO

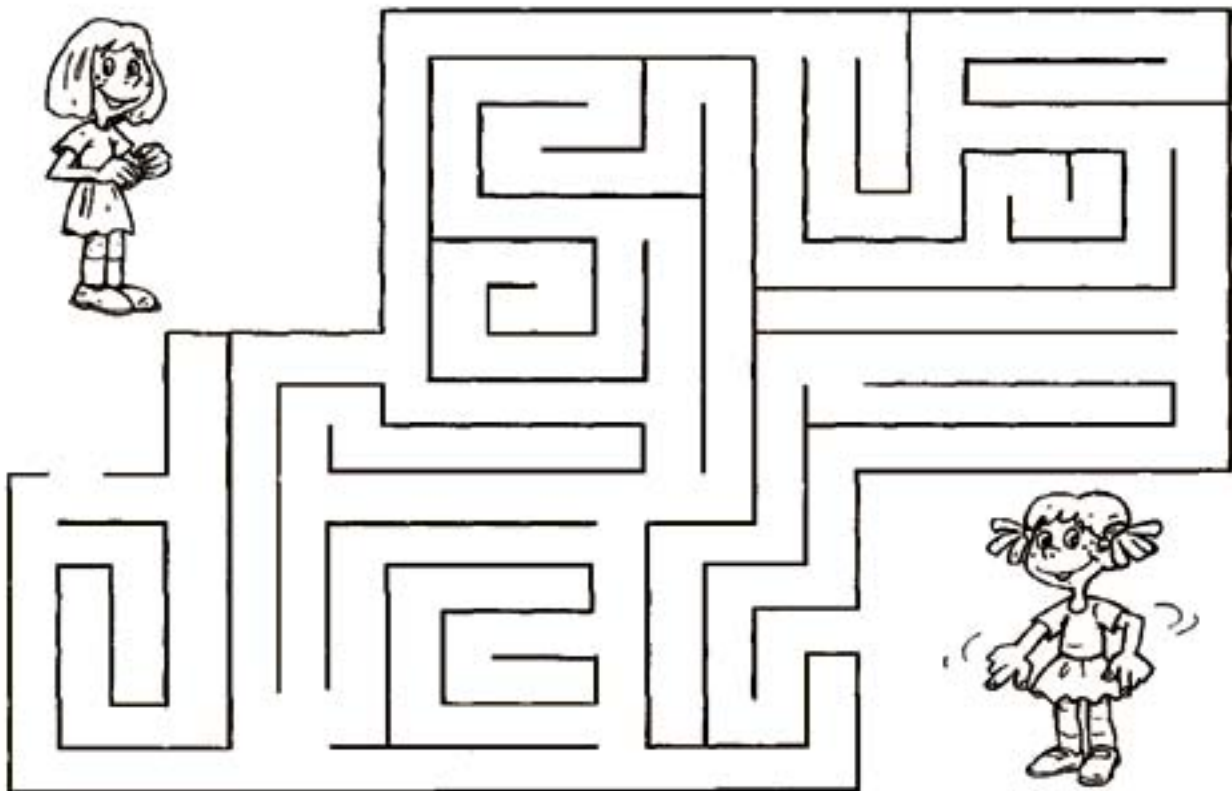
Neyma - Cantora



A Cedarte, uma ONG moçambicana dedicada à promoção do desenvolvimento do artesanato, promove em Maputo mais uma edição da Feira Nacional de Artesanato, a qual pretende ser mais uma alternativa de lazer e oportunidade de conhecimento do nosso património cultural, durante o período da realização dos X Jogos Africanos.

LAZER
COMENTE POR SMS 821115

▶ LABIRINTO



SUDOKU

						6		
	5		1		8	7		
		7			3	1	9	4
9			3		6			1
7	3			1			6	8
1			2		4			9
8	2	9	6			3		
		6	7		9		5	
		3						

6								
		7			4		5	
		3	7	5		4	2	
8		5	3	4		6		9
		6	5		1	8		
3		9		6	2	5		4
	4	2		7	5	3		
	6		4		7			
							5	

Publicidade

Feira Nacional de Artesanato moçambique 2011

3 a 13 Setembro

Fortaleza de Maputo

Todos os dias das 10h às 19h
sábados das 9h às 19h

www.cedarte.org.mz

Mais novas criações do melhor do artesanato Moçambicano
100% handmade em novos materiais
no conceito ecológico.
Reduzir, Reutilizar e Reciclar

HORÓSCOPO - Previsão de 09.09 a 15.09



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Social: Os seus relacionamentos de amizade e familiares deverão ser mais direccionados para situações de ordem intelectual. Saídas nocturnas, divertimentos em geral e outro tipo de motivações não estarão incluídas nas suas prioridades.

Sentimental: O amor poderá ser relegado para segundo plano, colocando em primeiro lugar os seus interesses de ordem pessoal. Não é uma medida acertada e deverá tentar inverter esta tendência. Caso não mantenha uma ligação afectiva, esta não é uma fase aconselhável para mudanças.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Social: Fase extremamente favorecida ao nível de relacionamentos, seja de amizade ou familiares. Não recuse ajuda se esta lhe for solicitada. Aproveite este período para se descontraír. Não exagere nas atitudes e, de uma forma especial, recomenda-se coerência nas suas atitudes.

Sentimental: Seja mais tolerante com o seu par. Abra o seu coração, não se esconda em aparentes superioridades intelectuais que nada têm a ver com relacionamentos sentimentais. Seja mais dialogante e menos convencido da sua sapiência.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Social: Um bom momento em relacionamentos com a família e os amigos será o corolário de um período muito positivo. O seu dom de comunicação vai manifestar-se de forma acentuada e será procurada e desejada a sua companhia. Evite os exageros de opinião que lhe poderão trazer dificuldades.

Sentimental: O aspecto amoroso continua em alta, aproveite ao máximo, compartilhe com o seu par as suas emoções, os seus desejos e verá reunidas as condições ideais para um período muito agradável e estimulante. Os que não têm par poderão neste período conhecer alguém.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Social: Também o aspecto social conhecerá uma fase menos agradável. Fortes possibilidades que questões de ordem familiar possam criar alguma fricção. Deverá dominar a sua vontade de confronto.

Sentimental: Esta fase será caracterizada por algumas dificuldades de relacionamento com o seu par. O encanto dos nativos deste signo deverá ser mais do que suficiente para que tudo se passe sem consequências desagradáveis. Bom período para novos relacionamentos que poderão revelar-se muito agradáveis.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Social: Uma grande intolerância da sua parte poderá criar-lhe algumas dificuldades de entendimento com amigos de longa data. Com os seus familiares tenha igualmente cuidados acrescidos para não criar situações que poderão conduzir a roturas.

Sentimental: A área sentimental requer igualmente muito tacto, tolerância e compreensão. No caso de ser homem não tente manipular a sua parceira e esforce-se por compreender o que ela lhe transmitir.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Social: Igualmente nesta área é aconselhável que estabeleça contactos com as pessoas que lhe irão surgindo ao longo da semana e o poderão ajudar. Uma observação mais atenta mostrará quem são as pessoas indicadas. Deixe que a sua intuição lhe indique as melhores opções.

Sentimental: Período em que poderá conhecer alguém que se tornará muito importante na sua vida. Por outro lado, uma antiga relação poderá criar-lhe alguns problemas.



toouro

21 de Abril a 20 de Maio

Social: Será um período de esclarecimento em que divergências antigas terão de ser ultrapassadas. Bons relacionamentos de amizade e familiares. Aproveite esta boa fase para no seu lar proceder a algumas alterações.

Sentimental: Uma aproximação baseada no diálogo poderá tornar este aspecto muito mais claro e gratificante. Algumas ambiguidades serão esclarecidas e o relacionamento torna-se mais fácil e promissor. Caso não tenha par, esta não é uma altura muito favorecida para esse efeito.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Social: Os seus relacionamentos de ordem social deverão caracterizar-se por algum afastamento e poderá inclusivamente sentir a necessidade de se isolar. É aconselhável que se aproxime mais dos seus familiares.

Sentimental: Estes sete dias poderão caracterizar-se por um grande encantamento. A sua sexualidade está em alta e deverá tirar partido dessa circunstância. As noites convidam ao romance. Aproveite bem o seu relacionamento sentimental. Não são favorecidas novas relações durante este período.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Social: A sua forte personalidade irá ter uma grande importância durante este período. Será uma fase feliz e de muita alegria. Terá o prazer de ver os seus amigos aproximarem-se de si e desejarem a sua companhia. A sua disposição está em alta e conseguirá momentos muito satisfatórios.

Sentimental: Período de grande tranquilidade. Entendimento perfeito com o seu par. Aproveite bem este período. Poderá ser um período sentimentalmente muito bom. Este mês é caracterizado por grande sensualidade da parte dos nativos da Virgem. Bom período para novas relações.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Social: O aspecto social deverá caracterizar-se por bons relacionamentos a nível de amizade e, de alguma reserva, nas questões de âmbito familiar. Aproveite este período e divirta-se um pouco. No entanto, nada de cometer excessos. Controle o seu sistema nervoso.

Sentimental: No panorama sentimental será confrontado com uma grande necessidade de entendimento do que se passa com a pessoa que consigo partilha a vida. Os que não têm par poderão conhecer alguém que os poderá fazer encarar a vida doutra forma.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Social: O aspecto social não deverá conhecer um período muito intenso. A sua atenção estará mais virada para o lar e com alguma necessidade de descansar. Faça caminhadas e durante as mesmas medite sobre a sua vida e opções. Os amigos e familiares deverão estar na sua agenda de relações.

Sentimental: O amor não irá encontrar neste período grandes motivações. Um sentimento de rotina e alguns desentendimentos poderão criar situações de conflito.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Social: O aspecto social deverá caracterizar-se por bons relacionamentos quer a nível de amizade, quer em questões familiares. Aproveite este período e divirta-se um pouco.

Sentimental: No campo sentimental será confrontado com uma grande necessidade de entendimento das situações e da pessoa que consigo partilha a vida. Os que não têm par poderão conhecer alguém que o poderá fazer encarar a vida doutra forma.



CIDADÃO REPORTER

**Viu algum problema
relacionado com os
Jogos Africanos.**



EMAIL

averdademz@gmail.com



SMS

821111

**Envie uma
mensagem
útil:**

Indique-nos onde o
problema aconteceu,
qual o tipo de problema...

Por exemplo:

Seja um cidadão (ou atleta) repórter
Denuncie os problemas que tiver
conhecimento.

Envie-nos um SMS para 82 11 115
um email para averdademz@gmail.com
um twit para [@verdademz](https://twitter.com/verdademz) ou uma
mensagem via Blackberry pin 223A2D52.

Na sua mensagem
Seja realista,
Não invente factos.

Não exagere nas descrições,
Seja objetivo.



VOCÊ pode ajudar! Seja um CIDADÃO REPÓRTER!